



EVANDRA GRIGOLETTO

**DO SUL AO
NORDESTE DO
BRASIL**

**(DES)CAMINHOS, (PER)CURSOS
E AFETOS DA MINHA
TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

DO SUL AO NORDESTE DO BRASIL:
(des)caminhos, (per)cursos e afetos da minha trajetória acadêmica

Memorial apresentado à
Universidade Federal de
Pernambuco como requisito
parcial para promoção ao
cargo de professora Titular
da carreira do Magistério
Federal Superior.
Área: Língua Portuguesa.

Recife
2025

"[....] Há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, A não ser, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, a margem a que terá de chegar." (SARAMAGO, José. A Caverna. Companhia das Letras, p. 77)

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas importantes que cruzaram, de diferentes formas, a minha trajetória até aqui que corro o risco de esquecer de alguém. Mas quero agradecer, em primeiro lugar, a todos(as) os(as) meus(minhas) professores(as) e a Educação Pública, que me permitiram estar no lugar onde hoje estou.

Agradeço aos meus pais, Dércio e Adelir, que, à sua maneira, sempre nos incentivaram a estudar e sonhar alto.

Agradeço as minhas irmãs, Tania e Cassiana, que sempre foram minhas parceiras nos desafios que a vida foi nos colocando.

Agradeço ao Regis, meu marido, o responsável pela minha migração para o Nordeste. Mas, sobretudo, sempre o meu parceiro de muitas aventuras, que me acompanhou em muitos congressos com Mateus e Isadora pequenos, que sempre foi meu incentivador e continua ao meu lado, encarando as batalhas que a vida nos coloca, sempre de maneira leve e com muito amor.

Agradeço aos meus filhos, Isadora e Mateus, que também me acompanham na minha trajetória acadêmica, que souberam compreender minhas ausências em alguns momentos. Tenho muito orgulho dos seres humanos incríveis que vocês estão se tornando. Amo vocês!!

Agradeço a todos(as) os(as) alunos(as) que passaram pela minha vida até aqui, já que sempre aprendo muito com vocês, buscando me tornar uma profissional melhor.

Agradeço à Fabiele, minha parceira também de todas as horas, minha colega de Departamento, parceira incrível de pesquisa, de escrita em coautoria e de tantas outras frentes do mundo acadêmico, mas também do

mundo fora da academia. Foi muito bom ter insistido para você vir fazer um concurso na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)¹.

Agradeço à Fernanda, que chegou 10 anos depois de mim e da Fabi na UFPE, mas que veio para formarmos um trio de peso do discurso no programa. Obrigada pela parceria e pelos muitos projetos já desenvolvidos desde a tua chegada.

Agradeço à Kitty, que acompanha a minha trajetória desde o mestrado, e aceitou estar na banca de defesa deste memorial. Para além da relação de orientação, construímos uma relação de amizade ao longo desses anos! Muito obrigada por tantos momentos compartilhados e por eu seguir aprendendo contigo sempre.

Agradeço à Freda, uma das minhas primeiras referências em AD, como relato neste memorial, e quem tive o privilégio de conhecer já na minha entrevista do mestrado da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). De lá para cá, nossos caminhos se encontraram em diversos momentos, sempre muito prazerosos e de muita troca.

Agradeço à Bethania, por aceitar participar desta banca com tanto entusiasmo, pela partilha e troca dos muitos meandros da vida acadêmica, desde o dia da defesa do meu doutorado, em 1º de abril de 2005.

Agradeço à Siane, minha colega de área na UFPE, que ingressou um ano antes de mim, que me acolheu desde a minha chegada na UFPE, e com quem também já compartilhei vários momentos de trabalho em parceria. Obrigada por aceitar estar também nesta banca.

Agradeço à Verli, que aceitou ser a suplente externa da banca com muito entusiasmo também. Como também registrei neste memorial, Verli e eu

¹ Vou utilizar sempre a sigla das instituições a que me referir, seguida do nome por extenso entre parênteses, na primeira menção que fizer. A partir da segunda menção, utilizo somente a sigla.

fomos contemporâneas no doutorado na UFRGS e, desde então, também construímos algumas parcerias de trabalho e estreitamos nossos laços de amizade.

Agradeço à Claudia, minha colega do PPGL, que trabalha numa área bem distante da minha, mas por quem eu tenho muito respeito e admiração. Obrigada por aceitar ser suplente desta banca.

Registro, ainda, um agradecimento a todos os(as) meus(minhas) orientandos(as) e ex-orientandos(as), pelos desafios propostos, pelas trocas estabelecidas, por ouvir de vocês como a AD fez a diferença na vida de cada um(a).

E não poderia deixar, nesse rol de orientandos(as) e ex-orientandos(as), de mencionar alguns nomes que me ajudaram, efetivamente, a chegar até aqui. Carol, uma das minhas primeiras doutorandas a defender, a responsável pela linda diagramação deste memorial, por muitas identidades visuais do SEAD e do SEPLEV, obrigada pela amizade construída ao longo desses anos e por sempre topar nos ajudar nos nossos projetos malucos. Thiago, que começou comigo na iniciação científica, e hoje é meu doutorando, agradeço imensamente pelo envolvimento em todos os projetos que propusemos no NEPLEV, pelo engajamento enquanto discente da Pós-Graduação, pela disposição em trabalhar sempre, incansavelmente, pelos nossos eventos – o SEAD e o SEPLEV –, pela ajuda, enquanto Presidente da Comissão de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do nosso programa, na escrita do relatório final da quadrienal, num momento muito difícil da minha vida.

Agradeço aos(às) muitos(as) amigos(as) que fiz na UFPE ao longo desses 16 anos: Beth Marcuschi, Suzana Cortez, Ricardo Postal, Inara Gomes, Medianeira Souza, que são amigos(as) mais próximos(as), com que divido as

alegrias e os desafios de ser docente na UFPE, mas também as alegrias e os desafios vividos fora do trabalho.

Gostaria, ainda, de mencionar, neste agradecimento, o nome de outros(as) colegas, pelos(as) quais tenho respeito e admiração: Cleber e Manu, meus parceiros na Diretoria da Abralin; Alfredo, Brenda, Imara, Yuri, meus(minhas) amigos(as) da literatura; Marcelo Sibaldo, meu parceiro na divisão da disciplina de Fundamentos Teóricos da Linguística, na Pós-Graduação.

Agradeço, por fim, a todas aquelas pessoas que cruzaram o meu caminho nessa trajetória e que fizeram a diferença na minha vida, seja me desafiando, seja colaborando com o meu crescimento. Não poderia nomear todas aqui porque a lista de agradecimentos ficaria imensa. Mas a ausência aqui não significa indiferença, e sim mais uma linha colocada nos caminhos que trilhei, nem sempre retilíneos.

SUMÁRIO

10	Apresentação
14	1 Os caminhos iniciais da minha formação: das primeiras palavras ao Ensino Técnico
27	2 A descoberta do ser pesquisadora: a Graduação e o PET-Letras na Unicentro, em Guarapuava-PR
36	3 A volta ao Rio Grande do Sul e o encontro com a UFRGS: o Mestrado e o doutorado em Letras
56	4 Os caminhos percorridos na docência
56	4.1 Atuação na Educação Básica
63	4.2 Atuação na Educação Superior
73	5 A vinda para o Nordeste e o encontro com a UFPE e o Recife
77	5.1 Os (per)cursos das atividades de orientação
94	5.2 Os caminhos trilhados na produção científica
107	5.3 A criação do NEPLEV, o SEPLEV e o SEAD
126	5.4 Os (des)caminhos da gestão acadêmica
139	5.5 Outros trajetos ainda
150	Palavras finais: para além dos caminhos e dos (per)cursos, os afetos construídos ao longo dessa trajetória
159	Referências
161	Apêndice

APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar a escrita deste memorial, li alguns memoriais de colegas e o que pude perceber é que, embora todos tenham traços em comum, cada um é singular no gesto como cada profissional conta a sua trajetória trilhada até o momento em que reivindicamos o direito de sermos professores(as) titulares de uma Universidade Pública. E não será diferente comigo. Ao refletir sobre como gostaria de estruturar este texto, duas noções que são caras a mim enquanto pesquisadora vieram à minha cabeça: metáfora e memória. E claro que, associadas a essas noções, está a questão do sentido. Como dar sentido à minha trajetória acadêmica? Que metáfora usar para representar essa trajetória? Quais memórias merecem ser “lembradas”²?

E a metáfora, para a Análise do Discurso, perspectiva teórica que adotei para sustentar os meus trajetos de pesquisa e orientação, não é uma simples figura de linguagem, uma comparação, em que um sentido é substituído por outro. Ela é sempre efeito, “[...] o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso” (Pêcheux, [1975] 1995, p. 301), abrindo novas possibilidades de sentido. Segundo Daltoé (2022, p. 81), a metáfora discursiva atualiza uma memória, reinscrevendo-se num novo espaço do dizer. Diria, então, que minhas memórias pessoais, as quais estão atravessadas de lacunas e esquecimentos, se atualizam aqui na escrita deste memorial, abrindo-se para a deriva dos sentidos.

² Grafo aqui “lembradas” entre aspas porque a memória, como trabalhamos na Análise do Discurso, é lembrança, mas também esquecimento. O que recuperamos são fragmentos da nossa história vivida, os quais são atravessados por novas condições de produção (Pêcheux, [1969] 2019) e, muitas vezes, ressignificados.

Foi inspirada nessas questões que decidi estruturar meu memorial. Entendi que a metáfora que melhor representaria a minha trajetória trilhada até aqui seria a dos caminhos, das trilhas, dos (per)cursos, já que minha história se fez num movimento entre o Sul e o Nordeste do Brasil. E foram nesses caminhos, nessas estradas que encontrei muita gente querida, fiz muitos(as) amigos(as), construí minha família. Com isso, também entendi que os afetos não poderiam ser simplesmente deixados de lado nessa minha história, já que eles se (en)laçam com minha formação e minha atuação profissional.

Decidida a metáfora que guiaria minha escrita, me questionei sobre que ponto da minha história eu deveria retomar: incluir ou não os anos iniciais de alfabetização? Qual a necessidade desse retorno tão distante no tempo? Ao refletir sobre isso e inspirada por alguns memoriais que li, entendi que fazer essa retomada, ainda que de forma muito breve, dos momentos da alfabetização ao término do Segundo Grau Técnico (assim era chamado o Ensino Médio à época) não era insignificante na minha trajetória, já que foi aí que alguns caminhos começaram a ser trilhados.

Pronto! O memorial estava estruturado na minha cabeça! Fiz um esboço de sumário e voltei a ele várias vezes e, em nenhuma delas, senti vontade de mudar algo... e foi dessa forma que a escrita foi se estruturando, com pequenos retoques, mas sem grandes desvios no caminho. No momento em que estava organizando esse sumário, voltei à minha tese de doutorado, defendida na UFRGS em 2005, e as epígrafes que eu havia escolhido para iniciar e fechar minha tese fizeram muito sentido para mim neste momento. Mas com o percurso invertido, iniciando com a epígrafe que fechei minha tese, e fechando o memorial com a epígrafe que abri a tese.

A passagem do livro *A Caverna*, de Saramago, fala de leitura, de palavra e do percurso a ser atravessado, de uma margem a outra de um rio, para que as palavras façam sentido. Palavras que podem ser pedras para se chegar à

outra margem do rio, mas que também podem ser pistas para se chegar a novas margens. O que importa, como nos sugere o escritor, é que não fiquemos presos à página, ou à palavra, mas façamos os nossos próprios percursos de leitura, trilhem os nossos próprios caminhos para encontrar essa margem outra, que pode não ser apenas uma. Em outras palavras, parafraseando Orlandi (2004), o sentido é sempre *relação a*; ele não é fixo, dado, transparente. Foram os muitos sentidos que produzi da minha trajetória acadêmica até aqui que me permitiram chegar à outra margem, abrir novas margens, percorrer caminhos, atravessar esse rio. Linguagens: palavras, sentido, leitura, discurso, imagem e muito mais foram meus objetos de estudo, pesquisa, aulas, orientações, escrita acadêmica ao longo desses anos. Por isso, a retomada dessa passagem de Saramago, aqui tomada agora como epígrafe deste memorial, fez tanto sentido para mim.

O porquê da epígrafe que inicia a minha tese, que é uma passagem de um dos livros do Pêcheux sobre o real sócio-histórico, fechar este memorial, o(a) leitor(a) só vai entender ao final da leitura sobre esse meu percurso.

Foi a partir dessas relações, decisões sobre o que recortar que construí este memorial com 5 capítulos, iniciando pela minha formação inicial, passando pela Graduação, Pós-Graduação, a experiência na docência do ensino básico e superior, culminando na minha chegada a UFPE e todo o percurso que aqui construí ao longo desses 16 anos.

OS CAMINHOS INICIAIS DA MINHA FORMAÇÃO: DAS PRIMEIRAS PALAVRAS AO ENSINO TÉCNICO

Como disse, fiquei algum tempo refletindo se deveria retornar a esse momento da minha história e, quando decidi fazê-lo, assumi o risco de contar uma história sem muitos registros fotográficos e documentais, até porque, naquela época, as fotografias eram algo escasso (muito diferente do excesso de *selfies*, filmes, *posts* nas redes sociais que vivenciamos hoje) e os documentos foram se perdendo. Assim, o que narro aqui neste capítulo faz parte das minhas lembranças e das lembranças da minha mãe, que me ajudou a recuperar alguns nomes.

Sou a filha do meio de Dércio Pedro Grigoletto e Adelir Schuster Grigoletto, pequenos agricultores, filhos de 4ª ou 3ª geração (não sei bem ao certo) de imigrantes italianos(as) por parte de pai, e imigrantes alemães(ãs) por parte da minha mãe, que chegaram ao Sul do Brasil no início do século XIX. Assim, eu e minhas duas irmãs, Tania e Cassiana, fomos criadas numa comunidade rural, chamada Rio Caçador, pertencente ao município de Sertão, no Rio Grande do Sul (RS), uma cidadezinha de 5.500 habitantes. Poucas pessoas sabem onde fica Sertão, tampouco ouviram falar. Trata-se de uma cidade a 40 km de Passo Fundo, essa sim mais conhecida e onde também trilhei parte da minha trajetória como docente na UPF (Universidade de Passo Fundo), instituição onde trabalhava antes de assumir na UFPE.



Portal da minha cidade Natal: Sertão-RS

Tive uma infância sem acesso a livros e outros aparelhos culturais. Até, mais ou menos, 7 ou 8 anos de idade (não sei bem ao certo), a nossa casa sequer tinha energia elétrica. A chegada da energia elétrica em nossa residência foi uma festa!!! Lembro-me de eu ficar encantada com o fogão a gás que meus pais compraram e levar um choque no acendimento elétrico logo no primeiro dia. Um tempo depois, veio a TV preto e branco, outra maravilha da vida com energia. Adorava assistir ao Sítio do Picapau Amarelo. Só bem mais tarde que fui descobrir que se tratava de uma adaptação para a televisão de um dos clássicos da Literatura Infantil, da obra de Monteiro Lobato.

Minhas primeiras palavras, tomadas aqui como processo de alfabetização, se deram numa Escola Multisseriada Rural, chamada Escola Estadual do Rio Caçador. Só fui para a escola a primeira vez com sete anos; eu e minhas irmãs caminhávamos 2 km sozinhas para chegarmos até a escola, muitas vezes com botinas plásticas que aquecíamos na porta do fogão a lenha antes de sair de casa, caminhando sobre a estrada coberta de

geada nos dias do inverno do RS. Dessa escola, me recorro com prazer de algumas coisas, como: ao chegar à escola, tirávamos os sapatos que tínhamos usado até lá, pois normalmente estavam cheios de barro, e calçávamos chinelos quentinhos que a gente deixava na sala de aula; a escola só tinha duas professoras e uma merendeira, talvez uma diretora (não lembro bem); eram os(as) próprios(as) alunos(as) que limpavam suas salas de aula ao final da manhã: varriamos, organizávamos as cadeiras e, por fim, lustrávamos a sala de aula (sim, lustrávamos, com os pés, as mãos, e isso era uma diversão pra gente!!!); também eram os(as) próprios(as) alunos(as) que cultivavam/plantavam na horta da escola, de onde vinham muitos ingredientes para a nossa merenda. Lembro que adorava tomar a sopa da escola, preparada com os legumes que vinham da horta. Nessa escola, as classes eram germinadas, sendo uma sala do 1º e 2º ano, e outra do 3º e 4º juntos. Como eram duas turmas juntas, os alunos que terminavam antes tinham que ficar aguardando a próxima lição no quadro, que era dividido em dois. A minha professora da alfabetização era bastante jovem ainda, chamava-se Solange Amaro. Lembro dela como uma pessoa muito calma e doce. Assim, foram meus anos iniciais, nos quais fui introduzida ao mundo das Letras. Adorava a escola, chegava em casa e a primeira coisa que queria fazer logo era a lição de casa. Depois de já saber ler, lembro da minha mãe (não sem dificuldades porque o dinheiro era curto) ter comprado uma coleção, daquelas tipo Barsa, e mais uma coleção com os principais clássicos da Literatura Infantil. Eu e minhas irmãs amamos!! Acho que foram nossos primeiros livros, diferentes dos escolares. Minha mãe sempre nos dizia que ela queria que a gente pudesse estudar mais do que ela. Nessa época, ela tinha só terminado a 4ª série e, talvez, a maior mágoa dela é que meu avô (que eu mal conheci, ele morreu muito jovem, quando eu tinha 2 anos de idade) só mandava estudar na cidade os filhos homens. Vinda de uma família de 7 irmãos, ela viu o meu avô escolher o irmão, de idade bem próxima dela, para mandar para a cidade estudar. Certamente, minha mãe

teria aproveitado melhor a oportunidade. Mas essa é uma outra história. Depois, com as três filhas já adultas, minha mãe voltou a estudar e conseguiu concluir o Ensino Médio.



Foto minha, em frente à minha casa na infância. Ao fundo, podemos visualizar parte da estrada que percorríamos para ir à escola.

Mesmo nascida em plena ditadura militar, não tinha ideia do que estava acontecendo até quando ela acabou, em 1984, quando então era uma criança de 10 anos. Meus pais, à época, acho que acreditavam que a ditadura era boa. Interessante como, apesar dessa minha ignorância na infância, quis fazer

meu título de eleitor com 16 anos e já tinha uma consciência cidadã bastante aguçada. Lembro-me de discutir com meu pai sobre o Collor, dizendo a ele que não era o melhor candidato! Claro que ele não me escutou e votou no caçador de marajás!! Durante o meu segundo grau, lembro de já ter participado das passeatas dos caras-pintadas, pedindo a saída de Collor. E o que me deu condições de tomar essas posições, naquele momento político que vivíamos no Brasil, apesar dessa minha infância pobre de referências culturais?? A Educação Pública, da qual sou cria com muito orgulho.

Fiquei refletindo sobre a importância de trazer essas memórias da minha primeira infância neste memorial, e entendi que elas eram importantes porque, mesmo depois de adulta, já professora universitária, elas continuam ressoando na minha memória e produzindo sentidos para a minha história. Vou aqui narrar somente dois episódios, nos quais pude retomar essas memórias e presenciar como elas significaram para outras pessoas. O primeiro deles se deu numa discussão no grupo de mães da minha filha mais velha, Isadora, então com 3 ou 4 anos. Muitas mães estavam decididas a mudar seus(as) filhos(as) de escola, porque a Escola Primeiro Passo, que é uma escola construtivista, ainda não estava ensinando, no Infantil III, às crianças a letra cursiva, nem contas mais complexas *etc. etc.* “Como elas iriam se preparar para o vestibular, ENEM??”. A tal da discussão foi me dando uma irritação, até que resolvi postar no grupo a história de um aluno meu do doutorado, que havia sido publicada no Jornal naqueles dias, que falava sobre como ele formava jovens, sobre o trabalho que realizava numa Escola Pública de Referência do Estado de Pernambuco. A história do Ricardo³ em muitos aspectos se parece com a minha. Depois de compartilhar a notícia, fiz um comentário, mais ou menos com estas palavras: “fui alfabetizada numa Escola Rural, multisseriada, e hoje ajudo a formar alunos

³ Ricardo é um nome fictício para preservar a identidade desse meu aluno.

como Ricardo. Por isso, não entendo a preocupação excessiva com o que nossos filhos, com 3 anos de idade, estão aprendendo na escola”. O silêncio se instalou no grupo. E nós, analistas do discurso, sabemos que o silêncio significa. Isso fez alguma mãe que estava convicta a trocar seu/sua filho(a) de escola mudar de ideia? É claro que não, mas eu lavei minha alma!! E a discussão se encerrou. O outro episódio foi quando, em uma aula da Pós-Graduação da UFPE, não me lembro por que razão, em meio à nossa discussão, relatei que não tinha energia elétrica na minha casa até os 7 ou 8 anos de idade. Todos(as) me olharam com os olhos arregalados, sem acreditar naquilo, porque, no imaginário desses(as) estudantes, eu só poderia ser reconhecida como “a socialite do CAC”. Claro que sou reconhecida também pelos estudantes por outros atributos, mas a fama de “socialite” eu ganhei logo que cheguei ao CAC (Centro de Artes e Comunicação), pelo meu modo de me vestir, e também pela cor da minha pele que chama a atenção entre um público, em sua maioria, de origem afrodescendente. Um dos meus orientandos, nessa ocasião, me disse: – Evandra, você deveria contar mais as tuas histórias da infância para o “povo” não te achar com cara de “socialite” e “coxinha”. Eu olhei para ele, ri e disse: – quem me conhece de verdade, sabe que estou muito distante de ser qualquer uma dessas coisas.

Voltando à minha formação inicial, como relatei, essa Escola Rural onde estudei tinha somente até a 4ª série (atual 5º ano do Fundamental Anos Iniciais) e, para que pudéssemos continuar estudando, tínhamos de nos mudar, morar fora de casa. A opção era morar com minha vó materna, a vó Elvira, que morava na cidade de Sertão, com a minha tia Neiva. Acontece que nós éramos três, e não tinha condições de as três morarem com ela para estudar. Foi assim que eu e minhas irmãs tínhamos de alternar, digamos assim, entre quem de nós moraria com a vó a cada ano. Primeiro, minha irmã mais velha, a Tania, morou com ela; depois, quando fui para a 5ª série, foi

minha vez e, depois, da minha irmã mais nova, Cassiana. Quando eu fui morar com minha vó, a Tania foi morar na casa de uma vizinha da minha avó, cuidando de duas crianças, em troca de casa e comida. O mesmo aconteceu comigo: tive de morar, por um ano, na casa de uma senhora (que era muito chata), também vizinha da minha avó, cuidando dos afazeres domésticos em troca de casa e comida. Hoje, eu sei que o nome disso é “trabalho infantil escravo”. Mas, na época, a gente achava normal e agradecia por ter esse lugar para morar e, assim, poder estudar. Um ou dois anos, não lembro bem, moramos eu e minha irmã mais nova com a minha vó. Essa foi uma fase feliz das nossas vidas.



Registros de fotos minhas, em frente da casa da minha avó Elvira, em Sertão-RS, durante os anos que morei com ela

Aos finais de semana, a gente ia para a nossa casa, e era uma festa!! Nem eu, nem minhas irmãs reclamávamos, porque essa era a condição para que pudéssemos estudar. Mas minha mãe sabia que a gente sofria. Foi assim que a minha irmã mais velha acabou se mudando com a minha outra tia, a ledes, com 14 anos, para Porto Alegre. Morríamos de saudades dela, mas a gente sabia que era por um bom motivo. Lembro que ela nos escrevia cartas, quando estávamos, depois, no 2º grau, fazendo planos de quando nós iríamos também morar em Porto Alegre para fazer Faculdade. A história não se deu

bem assim, mas, em determinado momento das nossas trajetórias, moramos as três em Porto Alegre. Foi também nessa época que eu e minha irmã mais nova, Cassiana, fomos, pela primeira vez, sozinhas, de ônibus até Porto Alegre. Nós parecíamos gêmeas, porque tínhamos o mesmo tamanho e éramos muito parecidas, e gostávamos de nos vestir iguais. Nossa mãe que costurava as nossas roupas, quase sempre iguais, só com cores diferentes. Nessa nossa ida, pela primeira vez, a Porto Alegre, me lembro bem que eu vestia uma saia balonê verde e minha irmã, uma igualzinha, só que vermelha.

A escola onde estudei em Sertão chama-se Escola Estadual Bandeirantes. Descobri que a escola tem hoje um perfil no *Instagram*. Estudava no período da tarde e guardo na memória algumas professoras desse período que foram mais marcantes para mim: a professora de História, a de Português (Flávia) e a de Matemática. Gostava muito de estudar, e sempre fui ótima aluna. Descobri que tinha guardado comigo o meu Histórico Escolar do 1º Grau, onde podemos visualizar as imposições da ditadura militar no ensino, com disciplinas como OSPB (Organização Social e Política do Brasil), Educação Moral e Cívica e Técnicas Domésticas. Sinceramente, não me lembro exatamente o que fazíamos em Técnicas Domésticas, por exemplo; acho que aprendíamos crochê, tricô, coisas do tipo. Também não me lembro se os meninos também cursavam essa disciplina, nem o que estudávamos em OSPB e Moral e Cívica. Certamente, a Psicanálise explica por que apaguei da minha memória essas lembranças.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

HISTÓRICO ESCOLAR

ENSINO DE 1º GRAU — LEI 5692/71 e LEI 7044/82

Estabelecimento: ESCOLA ESTADUAL BANDEIRANTES 5.ª a 8.ª SÉRIE

Entidade Mantenedora: ESTADO

Decreto de Criação n.º: 14006

Data: 10/05/63 Diário Oficial: 18/08/62

Port. de Autorização e Func. n.º: 15138

Data: 10/05/63 Diário Oficial: 10/05/63

Endereço: AV. BRASIL

N.º: 926

Fone:

Localidade: SERTÃO

Município: SERTÃO

Delegacia de Educação: 7.a

Sede: PASSO FUNDO

Nome do Aluno: EVANDRA GRIGOLETTO

Nacionalidade: BRASILEIRA

Natural de: SERTÃO

Estado: RS

Data de Nascimento: 25 de maio de 1974

Cédula de Identidade n.º

Órgão Expedidor

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO

Certificamos que EVANDRA GRIGOLETTO

Concluiu o ensino de 1º grau no ano de 1988, nos termos do Artigo 16 da Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971, alterada pela Lei nº 7044 de 18 de outubro de 1982 e com o disposto no Regimento Escolar, tendo obtido os resultados constantes neste certificado.

Sertão 06 de maio de 1990

Teresinha Lourdes Francon
Secretária - Licença nº 594/88
Teresinha Lourdes Francon

Meu Histórico Escolar do 1º Grau: frente

Nome do Estabelecimento: ESCOLA ESTADUAL BANDEIRANTES - 5ª a 8ª Série		Município: SERTÃO		AUTENTICAÇÃO DA SE																					
NOME DO ALUNO: EVANDRA GREGOLETTO		CARMIM DA ESCOLA		OBSERVAÇÕES: Programa de Saúde foi de desenvolvido de 1ª a 8ª série, por aborda- gem. Preparação para o trabalho é realizada de forma interdisciplinar e tecnológica ajustada a partir de 1987.																					
CONVENÇÕES - NOTAS OU MENORES - ADO- TADAS PELO ESCOLA A nota mínima para aprovação é 50 (cin- quenta).		Escola Estadual BANDEIRANTES 5ª a 8ª Série Decreto de Criação nº 14.006/82 Portaria Nº 29.801																							
ATIVIDADES 1ª a 3ª S. ÁREAS DE ESTUDOS 4ª S. DISCIPLINAS 5ª a 8ª S.																									
SÉRIES																									
	Ensino Globalizado	Português	Matemática	Ciências	Estudos Sociais	Educação Artística	Educação Física	Educação M. e Cívica	O S P B	Geografia	Ensino Religioso	C. Físicas e Biológicas	História	Língua Est. Moderna	Técnicas Agrícolas	Técnicas Comerciais	Técnicas Domésticas	Técnicas Industriais	Dias Letivos	Horas/Aula	Resultado Final A - Aprovado R - Reprovado				
1ª Série	95	-	-	-	-	-	-	-	-	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180	-	A			
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1981																									
2ª Série	95	-	-	-	-	-	-	-	-	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180	-	A			
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1982																									
3ª Série	95	-	-	-	-	-	-	-	-	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180	-	A			
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1983																									
4ª Série	Area Cop. Exp. = 55	Area Est. Soc. = 90	95	-	Area Est. Soc. = 95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180	-	A			
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1984																									
5ª Série	-	98	90	-	-	100	82	-	-	90	85	96	95	-	-	-	-	-	-	100	-	-	180	72	A
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1985																									
6ª Série	-	81	96	-	-	98	85	-	-	100	93	97	93	-	-	-	-	-	-	98	-	-	180	97	A
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1986																									
7ª Série	-	85	98	-	-	87	98	-	-	90	97	93	90	98	-	95	-	-	-	-	-	-	180	86	A
Estabelecimento: E.R. de Rio Caçador																									
Cidade: Sertão																									
Estado: RS																									
Ano: 1987																									
8ª Série	-	86	95	-	-	87	-	-	-	92	96	97	92	97	92	80	-	-	-	-	-	-	180	86	A
Estabelecimento:																									
Cidade:																									
Estado:																									
Ano:																									
Sertão 06 de maio de 1990																									
Secretário: P. nº 994/88																									
Diretor Aut. nº 8594/89																									

Meu Histórico Escolar do 1º Grau: verso

Foi vendo a nossa tristeza de termos de morar fora de casa, e buscando nos dar melhores condições para podermos estudar, que meus pais decidiram vender nossas terras e se mudar, primeiro, para Santa Catarina e, depois, para o Paraná. Mudamo-nos para uma cidadezinha do Oeste Catarinense, chamada Guarujá do Sul, quando eu concluí a então 8ª série. Lá, meus pais tinham comprado o dobro de terras que tínhamos no RS, e uma casa na cidade, onde a gente morava. Foi o único ano que estudei numa Escola Privada, quando fiz o primeiro ano do então 2º Grau, porque não havia escola pública de 2º Grau na cidade. Já, no ano seguinte, mudamo-nos novamente, dessa vez para o Paraná. Sem entrar em detalhes do porquê dessa nova mudança, era uma época em que muitos(as) pequenos(as) agricultores(as) gaúchos(as) migraram para outros Estados do Brasil. Além de Santa Catarina e do Paraná, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul também eram destinos dos(as) gaúchos(as). Era o ano de 1989, eu tinha 15 anos, o ano da redemocratização do Brasil. Eram os anos de hiperinflação no Brasil, e isso não foi bom para os negócios do meu pai.

Foi, então, em Laranjeiras do Sul, no Paraná, que concluí o meu 2º Grau. Fiz todo o 2º Grau no período noturno, para poder trabalhar durante o dia. Cursei o 2º Grau de Técnico em Contabilidade. O Colégio chamava-se Gildo Aluísio Schuck. Lá, tive excelentes professores(as) de física, matemática, português, literatura, tendo concluído o curso em 1992.



Registros da minha formatura do Segundo Grau: Eu e minha mãe; eu recebendo o diploma do meu professor.

Como tinha começado a trabalhar como secretária, num escritório de advocacia, achei que queria fazer Direito, mas sabia que era difícil, e o curso não era oferecido na cidade mais próxima, Guarapuava, onde tinha Universidade. Depois, fui trabalhar, nos meus dois últimos anos do 2º grau, como estagiária no BANESTADO, então banco público do Paraná, por indicação de um professor meu de física e matemática, que era servidor do banco durante o dia, e dava aulas à noite no Colégio onde eu estudava. Então, quis tentar vestibular para Administração. Como eu fui cursar Letras é a história que passo a contar no próximo capítulo.

Essas lembranças, muito fragmentadas, são aqui ressignificadas para mim nesse momento. São memórias individuais que se entrecruzam com a memória social, com muitas lacunas. Mas a memória, como nos diz Pêcheux ([1983a] 1999, p. 56), “[...] não poderia concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório.”.

A DESCOBERTA DO SER PESQUISADORA: A GRADUAÇÃO E O PET-LETRAS NA UNICENTRO, EM GUARAPUAVA-PR

Como eu disse, prestei vestibular para Administração, pois, entre outros motivos, esse seria o curso que me permitiria continuar com o meu estágio no banco que me pagava um salário razoável e ainda me dava um ticket alimentação. Mas quis o destino que eu não entrasse no Curso de Administração (e, hoje, agradeço por isso, pois tenho a convicção de que sou mais feliz sendo professora), e ingressasse na Universidade no Curso de Letras – Português/Francês (Licenciatura). Num primeiro momento, fiz a matrícula no Curso para experimentar e ver se eu gostaria. Mas logo, já no primeiro semestre, eu tinha a convicção de que havia entrado no Curso certo. Identifiquei-me muito com as aulas de Linguística. Fiquei encantada com esse outro modo de olhar para a língua, muito diferente de tudo o que eu havia aprendido até então, que estava baseado sobretudo numa perspectiva gramatical da língua.

Ingressei na Unicentro (Universidade Estadual do Centro Oeste) no ano de 1993. Mas Guarapuava está a 110 km da cidade onde eu morava à época: Laranjeiras do Sul. Então, saía do trabalho e pegava, às 17h, um ônibus da Prefeitura que levava os(as) estudantes para a Universidade. Nunca chegava em casa antes da meia-noite e precisava acordar cedo para trabalhar no dia seguinte. O tempo que sobrava para estudar eram os finais de semana. Logo no segundo semestre da Graduação, tive a oportunidade de assumir algumas aulas no Ensino Fundamental, num contrato temporário no Estado do Paraná. Confesso que não me sentia ainda preparada para tal, mas resolvi encarar o desafio, porque isso me permitiria ter mais tempo livre para estudar também. Voltarei a falar da experiência na Educação Básica no capítulo 4, no qual me dedicarei a detalhar sobre as atividades de ensino.

Foi também, acredito, no segundo semestre, primeiro ano da Graduação, que descobri que a Universidade tinha um programa chamado PET-Letras, que pagava uma bolsa para os(as) alunos(as) se dedicarem às atividades de pesquisa e extensão. Quando meu professor de francês, Giocondo Fagundes, que também era o Tutor do PET-Letras, divulgou isso em sala de aula e nos informou que haveria uma seleção para o ingresso de novos estudantes, pensei comigo: – Essa é a minha oportunidade de me mudar para Guarapuava e não precisar mais passar 4 horas dentro de um ônibus todos os dias para vir à Universidade. Claro que, para além disso, embora eu não soubesse exatamente como funcionava esse programa, pensei na oportunidade que teria para estudar mais, me aprofundar nos temas da Linguística. Fiz a seleção, ao final do primeiro ano da Graduação, para ingressar no PET-Letras e, felizmente, fui aprovada. E, hoje, posso dizer que o PET me deu outra visão do curso e me abriu muitas portas para eu me tornar uma pesquisadora. Não fosse o PET, talvez minha história teria sido diferente, eu teria trilhado outros caminhos na docência. Também hoje, olhando em retrospectiva, consigo entender que nós não tínhamos muitas outras oportunidades de vivências para além da sala de aula, num curso noturno. À época, na Unicentro, não havia programa de Pós-Graduação, nem me lembro de ouvir falar de Iniciação Científica. No ano passado, em 2024, quase 30 anos depois que me formei, voltei à Unicentro, como convidada da Prof.^a Maria Cleci Venturini, e pude vivenciar a transformação da Universidade nesse período. Hoje, a Unicentro conta com um programa de Pós-Graduação nota 5, mesma nota do Programa em que eu atuo na UFPE.

Aprovada na seleção do PET, organizei minha mudança para Guarapuava e fui morar com uma amiga, também de Laranjeiras, que fazia Letras – Inglês (Licenciatura), e também tinha sido aprovada no PET. Claro que também estava, dessa vez de verdade, feliz com a perspectiva de morar sozinha, sem o “controle” dos meus pais. Mas tinha o ônus de ter de me sustentar também sozinha, porque eles não conseguiam me ajudar muito. Bem, assim, do 2º ano da faculdade, 1994, até o final do curso, em 1997, pude vivenciar a graduação de uma outra maneira,

graças ao PET-Letras. O nosso tutor nos deixava à vontade para pesquisar o que queríamos, e aí fui me encontrando no caminho da Linguística, no qual eu já sabia que queria seguir, sem saber muito em que área. A minha professora de Linguística, Prof.^a Marlene Teixeira, que, à época, estava cursando seu doutorado em Aquisição de Linguagem, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), me ajudou bastante nesse caminho. A maioria dos meus colegas não gostava dessa professora, nem de Linguística, mas eu gostava das aulas dela e me identifiquei muito com a Linguística desde o primeiro contato. Lembro-me de ter ficado encantada quando começamos a estudar Linguística do Texto, e achei que era isso que eu queria pesquisar, até descobrir a Análise do Discurso (AD) numa comunicação oral, de um Congresso do Celsul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), na UFSC, em Florianópolis. O PET me proporcionou a possibilidade de ir a muitos Congressos durante o período da Graduação, o que fez toda a diferença. Não sei se hoje o programa ainda recebe verbas para isso, mas eu lembro que a gente recebia, e nosso tutor podia bancar nossa ida a esses eventos. Nem sempre meus(minhas) colegas petianos(as) queriam participar, mas eu sempre estava disposta a participar de todos. Acredito que um dos primeiros que eu participei foi um encontro de grupos PET na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Lá, pude conhecer o José Luiz Fiorin, uma das referências que líamos em sala de aula. Claro que isso foi uma grande alegria para mim. Enfim, recordo-me de outros congressos na Universidade de Londrina, de Maringá, de Cascavel, da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Acho que foi nesse mesmo Congresso do Celsul, o mesmo em que eu descobri que existia uma área da Linguística chamada Análise do Discurso, que eu estava apresentando uma comunicação, cuja base teórica era a Linguística do Texto, e eu citava muito a Ingedore Koch, uma referência inquestionável nessa área, até que, no momento do debate, uma senhora levantou a mão para me fazer uma pergunta. Claro que eu não lembro a pergunta que ela me fez, mas me lembro muito bem dela dizendo: – por acaso, eu sou a Koch, a autora que estás citando! Não preciso nem dizer que quase desmaiei de emoção. Só sei que ela foi muito gentil em sua colocação.



Registros da minha participação em eventos durante o meu período do PET: Paineis da Reitoria da UFSC, provavelmente num CELSUL. Da esquerda para a direita, duas colegas petianas e eu.



Registros da minha participação em eventos durante o meu período do PET: Unioeste-Cascavel. Da esquerda para a direita, uma colega petiana, minha irmã Cassiana (que também foi petiana), outra colega petiana e eu.



Registros da minha participação em eventos durante o meu período do PET: Reitoria da UFMG, acredito que numa SBPC, em julho de 1997, meu último ano da Graduação. Da esquerda para direita: uma colega petiana, minha irmã Cassiana e eu.

Bem, voltemos à minha história do encontro com a AD. Foi num Congresso do Celsul, na UFSC, em SC, que me deparei, pela primeira vez, com a Análise do Discurso. Não lembro com exatidão o ano. No meu lattes, há o registro de duas participações no Celsul nessa época, uma em 1995 e outra em 1997 (ano final já da minha graduação). Mas acredito que tenha sido no ano de 1995, porque lembro de, depois disso, fazer uma pesquisa no PET sobre o discurso dos candidatos a Prefeito de Guarapuava, já me utilizando da AD, e as eleições municipais ocorreram em 1996, conforme verifiquei no registro do TSE. Foi nesse evento que ouvi uma comunicação em que uma pesquisadora apresentou um trabalho, fazendo a análise do livro de Pedro Bandeira, *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, tomando a AD como perspectiva teórica. Fiquei encantada tanto com o livro analisado, quanto com a teoria. Voltei para Guarapuava e fui conversar com a minha antiga professora de Linguística, Marlene Teixeira, já que eu já não tinha mais

disciplina de Linguística na grade nesse momento. Ela, muito gentilmente, embora não fosse sua área de atuação, me indicou alguns livros e eu comecei meu percurso solitário de leituras, e tentativas de análise na área.

Fui para a Biblioteca e busquei todos os livros do Pêcheux que eu encontrei. Resolvi começar lendo *Semântica e Discurso* e, claro, não entendia quase nada. Mas tinha algo que me seduzia que passava pela questão do sentido. Hoje, depois de 20 anos já da defesa do meu doutorado, sempre que algum(a) estudante me procura querendo iniciar seus estudos em AD, aconselho a não começar lendo *Semântica e Discurso*, tampouco *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Digo a eles(as): – Não cometam o erro que eu cometi; para entender Pêcheux, é preciso fazer um percurso, ler, talvez, primeiro, textos da professora Eni Orlandi. Sempre sugiro o livro *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. Ainda que eu tenha iniciado um percurso meio torto na área, eu persisti: fui ler textos da Eni Orlandi, busquei outros(as) autores(as), resolvi fazer uma pesquisa no PET com discurso político e, a cada leitura, a cada tentativa, aumentava minha certeza de que queria pensar num projeto de mestrado nessa área.

O desejo de fazer um mestrado também veio da minha participação no PET. Além dos vários eventos que eu tive oportunidade de participar, o PET também me proporcionou assistir a aulas dos Cursos de Especialização que eram oferecidos na época. Essas aulas que assistíamos como alunos(as) especiais me proporcionaram o encontro com outras áreas da linguística, como Análise da Conversação, Linguística do Texto, entre outras, bem como com linguistas de Universidades renomadas como a UFPR, a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Isso, além de abrir meu leque de leituras, me proporcionou uma melhor formação de base na linguística. Era sempre uma aluna bastante aplicada nesses cursos, tentando aproveitar o máximo que eu podia.



Registro da minha época de Graduação, em frente à UNICENTRO, com uma colega petiana, possivelmente chegando a uma das nossas tardes de trabalho no PET, já que meu curso era noturno.

Quando estava me aproximando do final da graduação, comecei a pesquisar Universidades com mestrado que tivessem uma linha de pesquisa em AD. E uma das primeiras universidades que fui pesquisar foi a UFRGS, uma vez que ela juntaria alguns dos meus desejos: o reencontro com minha irmã em Porto Alegre, o sonho de estudar numa Universidade Federal, e a pesquisa numa área que eu desejava muito. Foi pesquisando o PPGLet-UFRGS que encontrei o nome da Prof.^a Dr.^a Freda Indursky, que trabalhava com AD. Fui, então, pesquisar alguns textos dela e me lembro de ter encontrado um artigo (não vou me lembrar exatamente o nome agora) no qual, salvo melhor juízo, a autora trabalhava com discurso político. Adorei a leitura e acredito que eu tenha usado nas referências do pré-projeto que organizei para a seleção de mestrado, que era sobre Discurso Religioso. Não lembro direito como consegui as informações sobre a seleção, já que, em 1997, não tínhamos essa facilidade toda para conseguir as informações de

modo *on-line*. Passei, assim, o meu último ano da graduação me preparando para a seleção de Mestrado na UFRGS. Até pesquisei outras universidades, como a UFPR, mas lá não tinha a linha da Análise do Discurso que eu queria. Em final de 1997, fiz a primeira etapa da seleção, que era a prova escrita, e fui aprovada. Nem acreditava que tinha passado para a entrevista. No dia da entrevista, que eu julgava que seria mais tranquila, conheci a Prof.^a Freda, que era então também a coordenadora do programa da UFRGS. Lembro que também a Prof.^a Ana Zandwais estava nessa banca. Saí dessa entrevista sem a menor noção se eu seria, ou não, aprovada. Deu certo... que felicidade!! Os caminhos percorridos na UFRGS, eu relato no próximo capítulo.

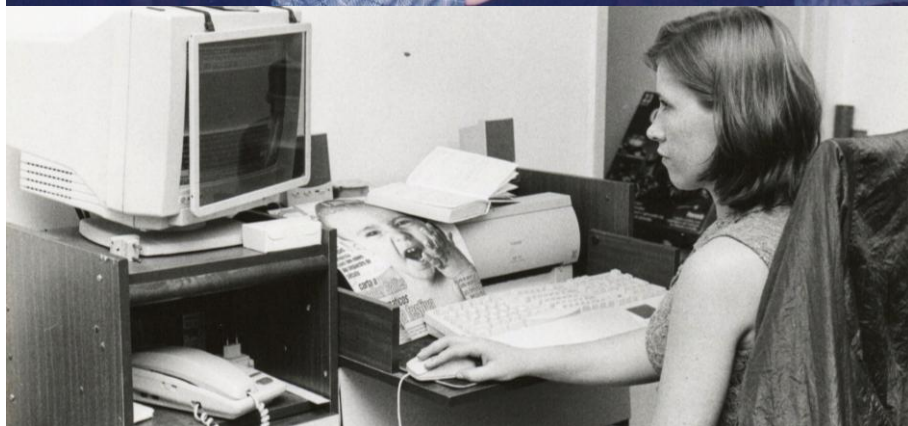
Ah, ao longo da graduação, tive também a oportunidade de viver outras experiências, dando aulas no Ensino Fundamental, as quais vou detalhar no capítulo 4 deste memorial. O momento da formatura foi uma alegria para a minha família; comemoramos com tudo que tínhamos direito. Foi o fechamento de um ciclo, que eu sabia que teria outros desdobramentos, abriria novos caminhos com a realização do Mestrado na UFRGS.



Registro da minha colação de grau, em 1997, com meu pai e minha mãe.

A VOLTA AO RIO GRANDE DO SUL E O ENCONTRO COM A UFRGS: O MESTRADO E O DOUTORADO EM LETRAS

Minha irmã, Tania, continuava morando em Porto Alegre, agora já não mais com minha tia, mas com o namorado. Já estava formada em Relações Públicas pela UFRGS. Mudei-me em início de 1998 para Porto Alegre e morei um ano com a minha tia.



Registros das minhas horas de estudo, na casa da minha tia ledes, durante o primeiro ano do Mestrado (1998).

No ano seguinte, minha irmã mais nova, Cassiana, também veio fazer o mestrado na UFRGS e, então, alugamos um apartamento na Lima e Silva. Morei 8 anos em Porto Alegre. No início, foi bem difícil, pois sentia muita falta das amigas que tinha construído ao longo da graduação, mas, com o tempo, aprendi a amar Porto Alegre. Fiz novas amizades durante o mestrado, algumas que carrego até hoje. Uma em especial, que é minha parceira de trabalho na UFPE, Fabiele. Além da vida acadêmica, compartilhamos muitas outras coisas: a gravidez dos nossos filhos, por exemplo. Mateus e Francisco nasceram com 3 semanas de diferença, e são muito amigos. Como eles dizem, são amigos de barriga. Fabi também é a madrinha da minha filha mais velha, Isadora. E eu madrinha do Chico. Minha irmã do coração, que acabou vindo se aventurar no Nordeste comigo.

Conheci Fabiele no primeiro ano do Mestrado, quando ela era ainda aluna de Iniciação Científica da nossa orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Leandro Ferreira, que chamamos carinhosamente de Kitty. Levou um tempo até que nos sentíssemos à vontade para chamá-la de Kitty, tamanho era nosso respeito e admiração pela nossa orientadora. Nesse ano, 1998, eu estava no primeiro ano do mestrado, fazendo as disciplinas para o cumprimento dos créditos. Como se pode verificar no meu histórico do mestrado, estava cursando 3 disciplinas: *Linguística Geral*, que era a disciplina obrigatória; *Pragmática* e *Fundamentos da Análise do Discurso*. Nenhuma delas com a minha orientadora. Nessa época (não sei se permanece assim até hoje), entrávamos no mestrado do PPGLet-UFRGS sem o(a) orientador(a) definido(a). Como comecei fazer disciplina, num primeiro momento, com a Prof.^a Dr.^a Freda Indursky, gostaria que ela fosse minha orientadora. Mas praticamente toda a nossa turma de Fundamentos de AD queria a Freda como orientadora e, obviamente, ela não tinha condições de assumir todos(as) os(as) alunos(as). Foi a própria Freda que nos apresentou a Prof.^a Maria Cristina, e nos disse que ela poderia nos orientar em AD. Acredito que dessa turma de ingressantes do mestrado desse ano, eu e a Renata Mancopes, que é fonoaudióloga, ficamos sob a orientação da Kitty.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras

HISTÓRICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
NOME: EVANDRA CRIGOLETTO

MESTRADO | X |
DOUTORADO | |

DENOMINAÇÃO	ANO/SEM	CR	HORAS	CONCEITO	PROFESSOR RESPONSÁVEL NOME	TÍT.
Linguística Geral	1998/1	04	60	A	Profª Luciene Juliano Simões	Dra.
Pragmática: Enunciação e Sentido	1998/1	04	60	B	Prof. Cleo Vilson Altenhofen	Dra.
Fundamentos da Análise do Discurso	1998/1	04	60	A	Profª Ana Zandwaits	Dra.
Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual	1998/1	04	60	A	Profª Elisa Maria Nitsche Ortiz	Dra.
Teoria da Análise do Discurso	1998/2	04	60	A	Profª Freda Indursky	Dra.
Síntaxe do Discurso	1998/2	04	60	A	Profª Maria Cristina Leandro Ferreira	Dra.
Curso Livre: Análise do Discurso e Semântica	1998/2	01	15	A	Profª Mônica Zoppi Fontana (UNICAMP)	Dra.
Orientação	1999/1 a 2000/1	---	---	---	Profª Maria Cristina Leandro Ferreira	Dra.
Proficiência em Língua Francesa	01/12/1998	---	---	Equivalência	Proc.2032/75/98-19 - CAPLE/LIM/PROPG	

Título do Dissertação: Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações diácrono/temporal no discurso da Renovação Católica
Data da Defesa: 15/05/2000
Orientadora: Profª Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira

Conceito: "A", por unanimidade e nota dez (10,0)
Data da Homologação: 29/05/2000, Ata 329

Porto Alegre, 29 de junho de 2000.



Profª Rita Terézinha Schmidt
Profª Rita Terézinha Schmidt
Coordenadora do PPG-Letras

A partir desse momento inicial de apresentação, enviei o meu projeto de dissertação para ela, e começamos essa parceria de afeto e muita troca que se estende até hoje. Maria Cristina era, na época, a Diretora do IL (Instituto de Letras) e, logo depois desse contato inicial, ela me chamou para participar dos encontros com as bolsistas de IC (Iniciação Científica) dela, que estavam trabalhando na construção de um glossário de AD. Fabiele era uma dessas bolsistas, e foi assim que nos conhecemos, discutindo conceitos de AD na sala da Diretoria do IL da UFRGS, onde Kitty nos recebia, sempre com perguntas muito instigadoras. Colaborei com a escrita de alguns verbetes do dicionário, e lembro de discutir alguns textos do Pêcheux com Fabi. Lembro de uma vez nós duas discutindo *O discurso: estrutura ou acontecimento* do Pêcheux, no Bar do Antônio, tomando um café no *campus* central da UFRGS. Embora tenha conhecido Fabi no meu primeiro semestre do mestrado, nunca chegamos a cursar disciplinas juntas, pois ela ingressou um ano depois de mim, e defendeu a tese de doutorado dois anos depois de mim, em 2007. Mas essa parceria que ali se iniciou segue firme até hoje, sempre com muito afeto e muita troca. E esse afeto, essa troca tenho a convicção de que herdamos da nossa orientadora. Aprendi e sempre ouvi da Kitty que “ninguém passa ileso(a) pela AD, que a AD nos toca, nos afeta, que o que praticamos é teoria com afeto”. Eis algumas lições que aprendemos com ela e levamos para a vida. No dia 27 de maio de 2025, enquanto escrevia este memorial, recebi a seguinte mensagem de uma das minhas bolsistas de IC atuais, Maria Vitória, que está cursando uma disciplina de AD, na nossa Pós-Graduação, com a Fabiele: “Grigo, acho que vocês de AD vão mudar a minha vida”. Ela me escreveu isso enquanto estava na aula da Fabiele. E o que eu respondi para ela: “Coisa mais linda de se ouvir pra quem tá escrevendo um memorial e lembrando de como descobri a AD”. Eis, Kitty, a prova de que a AD nos afeta, e que construímos nossas relações sempre com muito afeto. Por isso, achei que não poderia deixar de falar dos afetos que construí ao longo da minha vida até aqui neste memorial.

Foi no segundo semestre do meu mestrado que tive o privilégio de cursar a disciplina *Sintaxe do Discurso* com minha orientadora. Lembro que foi um desafio, lemos Chomsky, muito Pêcheux e Gadet, Milner e tantos outros. Mas, apesar da densidade dos textos, a turma era muito boa (lembro da Marilei Granhtmam, Renata Mancopes, talvez Ercília Cazarin) e a Kitty deixava sempre tudo mais suave. Lembro que costumávamos nos reunir para discutir juntas não só os textos dessa, mas de outras disciplinas. Os encontros eram sempre acompanhados de um bolinho e um café. Foi uma época muito gostosa também da minha vida.



Registro dos nossos encontros de estudo durante o mestrado. Na foto, da esquerda para a direita, Renata Mancopes, eu e Márcia (não lembro o sobrenome, mas lembro que era professora da UFSM e fazia Doutorado na UFRGS em sintaxe, salvo melhor juízo).

Enquanto cursava as disciplinas no primeiro ano, também fui redesenhando o meu projeto da dissertação, delimitando melhor o tema e as questões de pesquisa e coletando *corpus*. Decidi, junto com a Kitty, que

deveríamos fazer um recorte mais específico do discurso religioso, pegando o discurso da Renovação Carismática Católica como objeto de análise. Isso se deu muito em função de uma excessiva exposição midiática do Padre Marcelo Rossi na época. Mas eu não queria estudar o Pe. Marcelo Rossi, e sim o discurso do movimento da Igreja Católica no qual ele se inseria. Comecei então a buscar materiais sobre a Renovação Carismática que pudessem servir como *corpus* da minha dissertação. Foi assim que cheguei à Associação do Senhor Jesus, uma associação, com CNPJ, que torna os(as) fiéis “sócios(as)” de Jesus. Essa associação produzia (e ainda produz)⁴ uma revista mensal, chamada *Revista Brasil Cristão*. Foi assim que me tornei sócia do Senhor Jesus para poder receber a Revista que me interessava. Também essa associação produzia o programa “Louvemos o Senhor”, que era transmitido, à época, pela Rede Vida de televisão, aos domingos. Desse programa, que durava 4 horas, eu recortei a Santa Missa para analisar, comparando-a com a missa tradicional, rezada na Igreja Católica.

O segundo ano do Mestrado foi dedicado à escrita da dissertação, que defendi em 15 de maio de 2000, 10 dias antes de completar 26 anos de idade. Também aprendi com a minha orientadora, algo que pratico até hoje com os(as) meus(minhas) orientandos(as), que a primeira coisa importante para a escrita de uma dissertação e/ou uma tese é pensar num sumário, que serve como uma espécie de planejamento dessa escrita. Fiz um primeiro esboço do sumário, que foi aprovado pela Kitty, e segui com a escrita. Ia entregando a ela os capítulos, para sua leitura e devolução com os comentários. Foi bastante trabalhoso fazer a transcrição dos programas “Louvemos o Senhor” que eu tinha gravado e decidir o que recortar dessa transcrição. Estava eu com a dissertação praticamente pronta e, no material que eu havia analisado até

⁴ Por curiosidade, fui buscar, no momento em que escrevia este memorial, se essa Associação ainda existia. Ela não só existe, como está mais poderosa do que antes. Agora, ela possui um canal próprio de televisão, a Rede Século 21. Maiores informações podem ser conferidas em: <https://portaldasj.com.br/>.

então, o Pe. Marcelo Rossi simplesmente não aparecia. Foi quando Kitty me questionou: – Mas, Evandra, você não pode terminar a dissertação sem trazer o discurso do Marcelo Rossi, que foi, afinal, o que te motivou a pesquisar esse tema. E ela tinha razão. Decidimos, então, que eu ia construir um 5º capítulo, na segunda parte da dissertação, na qual trabalhei com as análises, somente para analisar o discurso do Pe. Marcelo Rosi. Nesse capítulo, busquei fazer uma análise comparativa, mostrando as relações de poder em disputa entre Marcelo Rossi e outros padres que fazem parte do movimento da Renovação Carismática Cristã, que era o que estava silenciado nos materiais que eu estava analisando. Mostrei como Marcelo Rosi se tornou um fenômeno: “A figura de um padre mensageiro de Deus e amigo do homem, que trouxe de volta à Igreja Católica muitas pessoas e que consegue reunir cerca de 50 mil fiéis em uma única missa suam” (Grigoletto, 2003, p. 151).

A minha dissertação que, para minha alegria, se tornou livro em 2003, publicada pela Editora da UFRGS, está dividida em 2 partes. A parte I (O objeto de análise e os pressupostos teóricos) é constituída de dois capítulos: um sobre o objeto de análise, no qual fiz um resgate da história da Igreja Católica até chegar no movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), fechando com a discussão sobre a noção de discurso religioso; e outro no qual discuto os pressupostos teóricos, tratando de noções como discurso, condições de produção, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, intradiscurso, sujeito, sentido e memória discursiva. A parte II (As análises) é constituída de 5 capítulos: o primeiro é o de preparação das análises, onde expus o modo como o *corpus* foi constituído; no segundo, o foco das análises é a relação divino/temporal no discurso da RCC; no terceiro, analisei as designações de Deus e Jesus, dos(das) fiéis e dos homens, na sua relação com o silêncio; no quarto, trabalhei a questão da repetição, analisando, de forma comparativa, a missa tradicional e a missa do programa Louvemos o Senhor; no quinto, como já mencionei, trabalhei

com o discurso do Padre Marcelo Rossi. Uma questão principal norteou todas as minhas análises: o discurso da Renovação Carismática Católica continua se inscrevendo numa FD (Formação Discursiva) católica? E o próprio título da dissertação nos indica um caminho de como cheguei a uma resposta a esse meu questionamento: *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica*. Concluí, resumindo aqui em breves palavras, que o discurso da RCC continuava se inscrevendo na FD Católica, mas produzia, em seu interior, um novo efeito de sentido, que era a transformação de Jesus em mercadoria.



Imagem da capa do meu livro, resultado da minha dissertação.



Registros do lançamento do meu livro, em 2003. Na primeira foto, da esquerda para a direita, a minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Leandro Ferreira, e eu. Na segunda foto, eu e minha irmã Cassiana.

A defesa, como já mencionei, ocorreu em 15 de maio de 2000, 10 dias antes de eu completar 26 anos. Discuti com a Prof.ª Maria Cristina quem deveríamos chamar para a banca. A Prof.ª Freda foi nosso primeiro consenso; decidimos também chamar a Prof.ª Ana Zandwais que trabalhava com discurso religioso; e o membro externo, decidimos arriscar chamar um professor da Antropologia, da UFRGS mesmo, Ari Pedro Oro, que pesquisa Antropologia da Religião, cujo trabalho conheci lendo alguns de seus textos durante o mestrado. Era uma aposta que poderia dar certo, mas que também poderia criticar muito o meu trabalho. A arguição foi aberta por ele e, para nossa alegria, o Prof. Pedro elogiou muito meu trabalho, dizendo que já indicaria a leitura do meu texto para os(as) seus(suas) alunos(as). As outras duas arguições também fizeram elogios ao meu trabalho. Lembro da Prof.ª Ana ter me feito uma pergunta que não tinha entendido muito bem. Quando fui ensaiar uma resposta, com medo de falar alguma besteira, ela me disse: não precisa responder, foi só um comentário. Pensei: ufa!! Fui aprovada com nota máxima, o que me deixou muito feliz, e o trabalho foi indicado para

publicação. Como mencionei acima, o livro foi publicado só 3 anos depois, em 2003, quando, então, já estava cursando o doutorado. Mas foi uma alegria imensa o lançamento do meu primeiro livro.



Registro do jantar de comemoração da minha defesa do mestrado. Na foto, da esquerda para a direita, Kitty e eu.

Quando terminei o mestrado, tinha acabado de assumir um concurso para trabalhar no Ensino Fundamental, na Prefeitura de Esteio, na região metropolitana de Porto Alegre. Em seguida, também fiz uma seleção para ser professora na Unisinos (Universidade do Vale dos Sinos), onde iniciei minha experiência na docência do Ensino Superior. O detalhamento dessas atividades será exposto no próximo capítulo.

Sabia que queria fazer o doutorado, e não gostaria de esperar muito tempo. Decidi, então, que faria a seleção do doutorado no final daquele ano mesmo, 2000, para ingressar em 2001. A seleção do doutorado não tinha prova escrita, somente uma entrevista para discussão do projeto com o(a)

orientador(a). Diferente do mestrado, ingressávamos no doutorado a partir das vagas abertas pelos(as) professores(as) orientadores(as). Como já tinha tido essa experiência, que foi muito profícua, com a Prof.^a Maria Cristina, decidi que submeteria o projeto para ela, mas ainda não sabia o que gostaria de estudar. Sabia que não queria continuar estudando discurso religioso, então comecei a fazer algumas buscas sobre possibilidades de temas, já que a tese exigia um ineditismo que a dissertação não exigia. Decidi fazer um projeto sobre discurso científico, observando questões de subjetividade, autoria. Fiz a entrevista com a orientadora indicada e fui aprovada. O doutorado na UFRGS me proporcionou outras vivências que não tinha experimentado no mestrado, como a organização de um Grupo de Pesquisa, o GEPAD (Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso), com algumas colegas que também estavam fazendo o doutorado em AD: Solange Mittmann, Ercília Ana Cazarin, Carme Schons (*in memoriam*), Verli Petri, Elizabeth Dorneles, Gesualda Rasia, Blanca Morales e outras que posso ter esquecido de mencionar, ou que participavam quando podiam porque moravam fora de Porto Alegre. Também participavam desse grupo algumas mestrandas, como Heloísa Monteiro, Noeli Lisboa. Reuníamos-nos, pelo menos, uma vez por mês para discutir textos teóricos, e também para discutir nossos trabalhos de pesquisa, expor as dificuldades, trocar informações, referências, discutir conceitos. Lembro-me de ter discutido várias vezes com a Beth, que também estava fazendo doutorado com a Kitty, a noção de lugar discursivo, que nós duas estávamos mobilizando em nossas teses, mas cada uma à sua maneira.

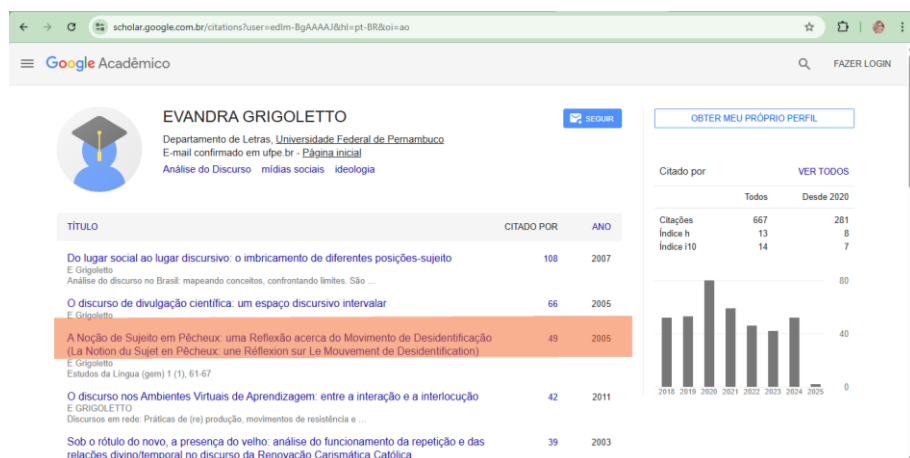
Foi a partir das nossas discussões no GEPAD que levamos para a Kitty a ideia de fazermos um encontro para lembrar os 20 anos do desaparecimento do Pêcheux, em 2003. E, assim, surgiu o SEAD (Seminário de Estudos em Análise do Discurso), evento que eu participo desde a sua 1ª Edição, e que veio para a UFPE em 2015, depois de a professora Maria Cristina

Leandro Ferreira, junto com Freda Indursky e Solange Mittmann, terem organizado 6 edições em Porto Alegre. Voltarei ao SEAD quando relatar as atividades que desenvolvi na UFPE. Mas aqui é importante também mencionar o SEAD, porque a sua primeira edição, como já relatei, ocorreu em 2003, quando eu estava no 2º ano do doutorado na UFRGS, tendo ajudado na sua organização. Nessa primeira edição, o evento teve como tema *Análise do Discurso e Michel Pêcheux: uma relação de nunca acabar*. Organizamos o evento com 4 conferências e 18 painéis temáticos, nos quais elegemos textos clássicos do Pêcheux para discutir. Para cada painel, convidamos dois(duas) pesquisadores(as) e dois(duas) debatedores(as). Eu e Fabiele, como éramos muito ousadas (e talvez sem muito juízo), decidimos participar como debatedoras do painel que discutiu o livro *Semântica e Discurso* (sim, o mesmo livro que eu não entendi quase nada quando li pela primeira vez) do Pêcheux, e que tinha como apresentadoras as professoras Mônica Zoppi-Fontana, Ana Zandwais e Silvana Serrani.



Registro da minha participação no I SEAD, em Porto Alegre, em 2003. Da esquerda para a direita, Fabiele De Nardi, Ana Zandwais, Silvana Serrani, Mônica Zoppi-Fontana e eu.

Foi um desafio e tanto, mas acredito que nos saímos bem. Eu decidi fazer um recorte sobre a noção de desidentificação, proposta por Pêcheux nessa obra e, por incrível que pareça, o artigo que produzi⁵, a partir dessa discussão, e que foi publicado na Revista Estudos da Língua(gem), em 2005, é um dos meus artigos mais citados, conforme demonstrado no *print* abaixo, do *Google Scholar*.



Print do meu perfil no Google Scholar

Retomando a questão do curso de doutorado em si, como precisei cursar menos disciplinas, já que pude aproveitar todas que eu tinha feito no mestrado, tive mais tempo para me dedicar à pesquisa e escrita da tese. O projeto também sofreu reformulações, inclusive do objeto, pois acabei decidindo não trabalhar com o discurso científico em si, mas sim com o discurso de divulgação científica. O *corpus* da tese foi construído a partir de

⁵ O artigo intitula-se “A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação”, e pode ser acessado em: https://www.academia.edu/95322911/A_No%C3%A7%C3%A3o_de_Sujeito_em_P%C3%A7heux_uma_Reflex%C3%A3o_acerca_do_Movimento_de_Desidentifica%C3%A7%C3%A3o_La_Notion_du_Sujet_en_P%C3%A7heux_une_Reflexi%C3%B3n_sur_Le_Mouvement_d_e_Desidentification_?uc=sw=66795484.

um ano de publicação de duas revistas de divulgação científica: a Revista Superinteressante e a Ciência Hoje. Realizei o exame de qualificação da tese em 2 de outubro de 2003, com a presença, além da minha orientadora, da Prof.^a Dr.^a Freda Indursky e da Prof.^a Dr.^a Ida Regina Stumpf, da FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS). Mais uma vez, apostamos no diálogo com outras áreas do conhecimento, já que a Prof.^a Ida era da Comunicação, mas trabalhava com questões de Divulgação Científica. E, assim como na banca do mestrado, o diálogo foi bastante produtivo. Após minha defesa, a Prof.^a Ida me chamou para ir dar uma aula na turma da Pós-Graduação dela para apresentar a minha tese.

A tese foi organizada em 6 seis capítulos: no capítulo 1, trabalhei com o meu objeto de análise, passando pela discussão do que é ciência, jornalismo científico até chegar à divulgação científica; no capítulo 2, construí meu edifício teórico, colocando em diálogo autores como Pêcheux, Foucault e Bakhtin, centrando meu olhar na noção de sujeito, que foi muito importante para as minhas análises; no capítulo 3, expus as condições de produção e os procedimentos metodológicos para a construção do *corpus* discursivo, como forma de preparação das análises que viriam nos capítulos seguintes; no capítulo 4, analisei as formações imaginárias em torno das noções de ciência e cientistas, observadas a partir da projeção do jornalista e dos próprios cientistas; no capítulo 5, a partir da proposição da noção de lugar discursivo, analisei que lugares ocupavam o jornalista e o cientista nesse discurso; por fim, no capítulo 6, analisei a perspectiva do leitor, observando como o leitor real e o leitor virtual ocupavam diferentes posições no Discurso de Divulgação Científica (DCC).

A defesa da tese ocorreu em 1º de abril de 2005, e durou 5 horas. Além das professoras Freda e Ida, que já tinham participado da minha qualificação, compuseram minha banca de defesa a Prof.^a Dr.^a Maria José Coracini, da UNICAMP, e a Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani, da UFF (Universidade Federal

Fluminense). Apesar da longa duração, foi uma banca muito tranquila, de muito diálogo, e elogios ao meu trabalho. Novamente, fui, para a minha alegria, aprovada com a nota máxima. Preciso registrar que fui a primeira orientanda de doutorado da Prof.^a Maria Cristina a defender, e isso também foi motivo de alegria e orgulho para mim, e acredito que para ela também.



Registro da minha banca de doutorado. Da esquerda para a direita, Freda Indursky, Ida Stumpf, Maria Cristina Leandro Ferreira, eu, Bethania Mariani e Maria José Coracini.



Registro da comemoração da minha defesa. Sim, porque, apesar de ser 1º de abril, a ocasião merecia ser festejada com champanhe. Na foto, da esquerda para a direita, minha irmã Tania, minha tia Iedes, eu e minha irmã Cassiana.



Registro da comemoração da minha defesa. Na foto, da esquerda para a direita, Freda, Kitty e eu.

Foi também na minha banca de doutorado que conheci a Bethania, pesquisadora incrível, uma interlocutora atenta, com quem estabeleci um laço de amizade e várias parcerias de trabalho a partir desse dia. Sigo fazendo projetos, dialogando e produzindo muitas trocas teóricas e afetivas com a Bethania, assim como com a Freda e a Maria Cristina.

Na minha tese, propus a noção de lugar discursivo para que eu pudesse pensar no modo com o sujeito-jornalista se movimentava/subjetivava no DCC. A tese não se transformou em livro, mas publiquei alguns artigos e capítulos de livros que são resultado da minha tese. E, embora não tenha sido publicada em forma de livro, é a minha segunda produção mais citada. A primeira mais citada é de um capítulo de livro que resultou da tese, como se pode verificar no *print* acima do meu perfil no *Google Scholar*, no qual faço um apanhado geral da discussão sobre a noção de lugar discursivo.

Gostaria também de mencionar que a discussão que elaborei na tese sobre “lugar discursivo” me rendeu alguns convites para participação em bancas de dissertações e teses, cujas pesquisas partiram da minha tese. Destaco aqui dois trabalhos: a dissertação de mestrado de Denise Nunes Fontana, defendida em 2023, no programa de Pós-Graduação em Comunicação, da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), intitulada “O discurso sobre o jornalismo: uma análise discursiva das *lives* de Jair Messias Bolsonaro”; a tese de doutorado de Ângela Baalbaki, defendida em 2010, no programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem, da UFF, intitulada “A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade”. Também fui convidada a gravar um videoverbete sobre *lugar discursivo* para a Encidis (Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso)⁶, projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.



Registro com a equipe de gravação da ENCIDIS, em 2014, na sala do LAS, na UFF. Na ocasião, estava grávida de 7 meses do meu filho Mateus. Na minha frente, ao meu lado direito, Maurício Beck e Silmara Dela Silva e, ao lado esquerdo, Bethania Mariani e Juciele Dias. Ao fundo e atrás de mim, identifico Joyce Palha, Fernanda Lunkes, Carolina Fedatto. Os demais não sei identificar.

⁶ Videoverbete disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QZKBRbxg44I>. Acesso em: 29 maio 2025.

O mestrado e o doutorado na UFRGS me possibilitaram, além de uma excelente formação, a participação em muitos eventos da nossa área e em cursos livres com docentes externos, como Maria do Rosário Gregolin, Solange Gallo, entre outros. A minha participação em eventos nesse período era sempre com apresentação de trabalhos, o que nem sempre aconteceu nos eventos que participei durante a graduação. Lembro-me de, ainda no mestrado, participar de um encontro da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) em Gramado, apresentando trabalho no GT de Análise do Discurso, um espaço que era reservado, a princípio, somente para doutores(as). Mas Freda, que era a Presidenta da ANPOLL nesse biênio (2000-2002), fez questão de abrir espaço para que todos(as) os(as) alunos(as) da Pós-Graduação da UFRGS pudessem participar, se assim o desejassem. Apresentei parte da minha dissertação neste encontro, e ninguém menos, ninguém mais que Eni Orlandi estava na plateia ouvindo. Para aumentar o meu nervosismo, ela ainda resolveu fazer uma questão sobre o meu trabalho; não me recordo exatamente qual foi a questão, mas lembro que tinha a ver com a designação “sócio do Senhor Jesus” com a qual eu estava trabalhando. Esse episódio é só um exemplo de como, ao longo do meu mestrado e doutorado, pude conhecer e dialogar com muitos(as) autores(as) que eu só conhecia pelos textos. Foi também nesse período que comecei a publicar meus primeiros textos. Além do livro, resultado da dissertação, o qual já mencionei, destaco os seguintes artigos:

- Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à Análise de Discurso. In: *Mikhail Bakhtin*. Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. vol. 20, p. 116-131;
- A imagem do padre comum e o fenômeno Marcelo Rossi: um jogo discursivo. *Caderno de Letras da Unicruz*, v. 4, p. 13-29, 2003; e
- A mídia a serviço da religião: o entrelaçamento de vozes no discurso da Renovação Carismática Católica. *Organon* (UFRGS), v. 17, p. 49-64, 2003.



Registro da participação em um evento na PUC-Rio, no início do doutorado, em 2001. Na foto, da esquerda para a direita, eu, Verli Petri e Blanca Morales.

Posso dizer, por fim, que a volta ao Rio Grande do Sul e o encontro com a UFRGS foi um caminho que eu escolhi que me trouxe muitas coisas boas, e que me abriu outros caminhos para trilhar novos percursos. No próximo capítulo, retrocedo um pouco no tempo, mas também avanço, para falar mais especificamente da minha atuação na docência, tanto no Ensino Básico como no Superior.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA DOCÊNCIA

Todo meu percurso acadêmico é atravessado, de alguma forma, pela docência. Início o meu relato falando da atuação na Educação Básica e, em seguida, no Ensino Superior.

Atuação na Educação Básica

Como relatei no capítulo 2, iniciei minha atuação como professora de Língua Portuguesa já no segundo semestre da graduação, ainda em Laranjeiras do Sul. Foram só 4 meses, conforme registro na minha carteira de trabalho, abaixo, como professora temporária. Confesso que não me lembro o nome da Escola, tampouco exatamente a série em que atuei. Mas sei que foi Língua Portuguesa para o que se chama hoje Ensino Fundamental Anos Finais.



14 CONTRATO DE TRABALHO		15 CONTRATO DE TRABALHO	
Empregador	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO	Empregador	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
CGC/ME	Av. Água Verde 1882	CGC/ME	Av. Água Verde 1882
Rua	CURITIBA	Rua	CURITIBA
Município	Est. PARANÁ	Município	Est. PARANÁ
Esp. do estabelecimento	ENSINO	Esp. do estabelecimento	ENSINO
Cargo	Prof. NL	Cargo	Prof. NL
CEO nº	14190	CEO nº	14190
Data admissão	23 de julho de 1973	Data admissão	08 de fevereiro de 1975
Registro nº	103253	Registro nº	103253
Fls/Ficha	99.642	Fls/Ficha	127.928
Remuneração especificada	pagamento mensal de R\$ 102,08 a vista em 30 dias, mais pagamento mensal remuneratório	Remuneração especificada	pagamento mensal de R\$ 153,00 a vista, em 07 dias, mais pagamento mensal remuneratório
Assinatura	MARILYN OLIVEIRA DE SOUZA	Assinatura	Osvaldo N.R.E. - Port. 173/74
1º		1º	
Data saída	09 de janeiro de 1974	Data saída	31 de dezembro de 1974
Assinatura	Osvaldo N.R.E. - Port. 173/74	Assinatura	Osvaldo N.R.E. - Port. 173/74
1º		1º	
Com. Dispensa CD Nº		Com. Dispensa CD Nº	

Registro de experiência docente, na Educação Básica, na Carteira de Trabalho.

Depois dessa minha primeira experiência em que eu não me sentia muito madura ainda para atuar, eu tive, pelo menos, a certeza de que queria ser professora. O contato com as crianças na escola me fez muito bem. Depois dessa experiência, ainda na Graduação, em 1995, agora já morando em Guarapuava, surgiu a oportunidade, novamente, de assumir um contrato temporário no Estado do Paraná. Assim, até o final da Graduação, em dezembro de 1997, além das atividades do PET, que eu, normalmente, realizava à tarde, eu dava aulas, no Ensino Fundamental, pela manhã. A escola estadual em que eu atuava se situava, fisicamente, no mesmo prédio da Universidade, onde eu estudava à noite. E eu morava muito próximo, praticamente do lado da Universidade, o que facilitava muito a minha vida. Na época, os cursos da Unicentro eram todos noturnos, o que permitia que funcionasse, no período da manhã, uma escola de Ensino Fundamental. A

Escola chamava-se Liana Marta da Costa. Hoje, ela funciona em prédio próprio e possui Ensino Médio, o qual não existia nessa época. Além dessa escola, me lembro de ter atuado também numa outra escola estadual, essa mais distante, dando aula de Língua Portuguesa.



Registro da minha atuação na escola, salvo melhor juízo, chamada Cristo Rei. Na foto, eu com uma turma minha da 8ª série.

Na Liana, eu trabalhava com Artes e, durante um período, eu também ensinei francês, que era um curso de idioma opcional para os(as) alunos(as) das escolas estaduais. Claro que eu me sentia incompetente para dar aulas de Artes, mas, infelizmente, essa é uma realidade que ainda atinge, nos dias de hoje, nossas escolas públicas. Tive alunos(as) meus(minhas) aprovados(as) no concurso do Estado, aqui de Pernambuco, que foram obrigados(as) a assumir disciplinas como Artes e Inglês, mesmo tendo sido concursados(as) para Língua Portuguesa. Imagina eu, na época, que era professora temporária, e ainda não formada. Embora eu não gostasse, procurava dar o meu melhor, ensaiava peças de teatro com os(as) alunos(as)

e tentava inventar coisas que eles(as) gostassem. Foi também nessa escola, Liana Marta da Costa, que realizei, no último ano da graduação, os estágios supervisionados. Nesses sim, me senti realizada e competente, pois transpunha, para a prática pedagógica, um pouco de tudo o que havíamos aprendido ao longo da graduação.

CONTRATO DE TRABALHO 16

Empregador: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

CGC/MF: Av. Água Verde 1682

Rua: CURITIBA Ed. PARANA

Município: ENSINO

Exp. do estabelecimento: Prof. NL

Cargo: C.B.O. nº 14.19.0

Data admissão: 17 de fevereiro de 1977

Registro nº: 19.3.25.3 Fls/Ficha 135.69.8

Remuneração especificada: R\$ 69,75

Ass. do empregador ou a cargo: Benedito R. R. - Port. 175/86

1º: 31 de março de 1977

Data saída: 31 de março de 1977

Ass. do empregador ou a cargo: Benedito R. R. - Port. 175/86

1º: 31 de março de 1977

Com. Dispensa CD Nº: 1533/97

CONTRATO DE TRABALHO 17

Empregador: Prefeitura Municipal de Curitiba

CGC/MF: 18.150.495.0001-86

Rua: Eng. Henner S. Nunes nº 130

Município: Curitiba Est. PR

Exp. do estabelecimento: Prof. NL

Cargo: C.B.O. nº 1.42.30

Data admissão: 31 de março de 1977

Registro nº: 40.96 Fls/Ficha

Remuneração especificada: R\$ 358,00

Ass. do empregador ou a cargo: Benedito R. R. - Port. 175/86

1º: 31 de março de 1977

Data saída: 31 de março de 1977

Ass. do empregador ou a cargo: Benedito R. R. - Port. 175/86

1º: 31 de março de 1977

Com. Dispensa CD Nº: 1533/97

Registro de experiência docente, na Educação Básica, na Carteira de Trabalho.

Enquanto cursava o mestrado em Porto Alegre, prestei alguns concursos para Prefeituras da Região Metropolitana: Canoas, São Leopoldo e Esteio. Fui aprovada, para minha alegria, em todos. No segundo ano do Mestrado, assumi na Prefeitura de Esteio, onde atuei por dois anos, conforme registro na minha carteira de trabalho acima. Trabalhava à noite, com educação de jovens e adultos, e foi uma das minhas experiências mais significativas na Educação Básica. Entre o fim do mestrado e o início do

doutorado, trabalhei também nas Prefeitura de Canoas e São Leopoldo, sempre com Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, 5ª a 8ª séries.



Registro da minha atuação na Educação Básica. Na foto, eu com minha turma da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal de Esteio onde atuei.

Logo depois de concluir o mestrado, também prestei concurso para o Estado do Rio Grande do Sul, onde atuei de 2002 a 2005. Logo que assumi, cheguei a dar aulas no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, mais conhecido como Julinho. Mas completava a minha carga horária de 20h na Escola Estadual Técnica em Saúde Hospital das Clínicas. Acredito que, no segundo ano, depois de ter assumido, acabei ficando somente no Hospital das Clínicas, que é uma Escola que oferece cursos técnicos na área da Saúde. Então, eu atuava sobretudo com Português Instrumental. Foi também uma experiência bastante interessante. No Estado, só atuei no Ensino Médio, antigo segundo grau.

Já, no final do doutorado, abriu um concurso para a Prefeitura de Porto Alegre. E o sonho de todos(as) os(as) professores(as) da Educação Básica, naquela época, era trabalhar na Prefeitura que pagava o triplo do salário do Estado. Resolvi fazer o concurso, mas sem muita expectativa, porque não me preparei para a prova. E, para minha surpresa, depois de todas as etapas, inclusive do currículo, fui aprovada em 1º lugar. Quase ao mesmo tempo em que defendi a tese, fui nomeada para assumir na Prefeitura. Confesso que fiquei com muita dúvida se deveria assumir, pois significava voltar a atuar no Ensino Fundamental, depois de eu já ter concluído o doutorado. E, nesse momento, já estava atuando no Ensino Superior, dando aulas na Unisinos. Depois de muito pensar, resolvi assumir, afinal tantos(as) professores(as) almejavam esse lugar e eu tinha conquistado sem fazer muito esforço. Fui trabalhar numa escola da Prefeitura que as pessoas diziam que era a melhor. Mas foi uma experiência bem ruim, que durou somente quatro meses, pois acabei me exonerando. Assumi em 31/3/2005 (um dia antes da defesa da minha tese) e me exonerei em 1º/8/2005. Logo de início, percebi que, para a escola, não interessava uma professora com doutorado. Como trabalhava à noite na Unisinos, não podia ir para as reuniões de formação que aconteciam à noite. Então, precisava ir alguns sábados para escola, sem ter nada para fazer lá, para compensar esses horários. Eu ficava pensando por que a escola e a Prefeitura não me aproveitavam de outra maneira, para dar cursos de formação, por exemplo. Os(As) alunos(as) eram muito indisciplinados(as) e eu estava mergulhada em duas realidades completamente diferentes: pela manhã, ia para o Morro da Conceição, para trabalhar com crianças muito carentes e, algumas tardes e noites, ia para uma Universidade Privada, trabalhar com alunos de Engenharia, Ciências da Saúde *etc.* A gota d'água foi quando eu fui solicitar à diretora uma semana de "folga" para participar de um congresso no Chile (era uma ALED), e ela me disse que eu não podia sair do País porque estava em estágio probatório. Depois de ouvir aquela

resposta, saí da escola e fui direto para a Prefeitura pedir minha exoneração. E não me arrependo daquela minha decisão.



Registro da minha participação na ALED, em Santiago do Chile, em 2005. Na foto, da esquerda para a direita, Vanise Medeiros, eu, Ana Zandwais, e mais dois colegas do simpósio em que apresentei, mas que não lembro o nome.

Bem, de forma resumida, essas foram as minhas experiências, os caminhos que trilhei na Educação Básica. Somados, foram em torno de 10 anos de docência nos Ensinos Fundamental e Médio, os quais, entendo, foram fundamentais para que eu fosse uma professora melhor atuando no Ensino Superior, afinal, formamos professores(as) para atuar na Educação Básica: esse é um dos nossos principais eixos de atividades na Universidade Pública, nos cursos de Licenciaturas em Letras.

Passo, agora, a relatar minhas experiências no Ensino Superior.

Atuação na Educação Superior

Minha experiência no Ensino Superior se resume a três instituições: 1) a Unisinos, uma universidade privada, de cunho jesuítico, com excelentes resultados, avaliada pelo MEC entre as melhores universidades de ensino privado do País, localizada em São Leopoldo, no RS; 2) a UPF, uma universidade comunitária, privada, também com excelentes resultados no MEC. Além de Passo Fundo, onde está a sua sede, a UPF possui campus em outras seis cidades do norte do estado: Carazinho, Casca, Lagoa Vermelha, Sarandi e Soledade; e a UFPE, onde atuo desde 2009.

Como já relatei, minha atuação na Unisinos começou enquanto eu ainda cursava o doutorado. Atuava lá ministrando disciplinas de Português para outros cursos, como Ciências Contábeis, Administração, Psicologia, Nutrição, Biologia, Informática, Engenharias, entre outros. Nunca atuei no Curso de Letras, ao longo dos 5 anos em que trabalhei lá. Somente uma vez, fui convidada por uma colega para ministrar uma disciplina numa especialização que ela coordenava. Cheguei também a orientar 5 TCCs, depois de ter concluído o doutorado, os quais passo a listar:

2005

- *Nas entrelinhas do Discurso Jornalístico: a imagem do Governo projetada nas cartas de leitores*, de Marilane Silva Lopes.

2006

- *A representação das classes marginalizadas no discurso literário: um olhar comparativo entre Augusto dos Anjos e Ferreira Gullar*, de autoria de Heloisa Helena Garcia Alves;

- *As metáforas nos contos Machadianos: um olhar sob a perspectiva discursiva*, de autoria de Márcia Regina Moraes;

- *O Ensino da Língua Portuguesa: uma reflexão acerca das concepções de língua, texto e leitura na prática pedagógica*, de Fernanda Melchior Griggio;

• *O silêncio em Dom Casmurro: um olhar discursivo*, de Miguel Antônio de Athaydes Machado.

Como se pode observar, a maioria dos trabalhos eram com *corpus* literário, que não é exatamente minha especialidade.

Embora eu gostasse de trabalhar lá, era professora horista, sem muita expectativa de atuar no Curso de Letras, muito menos no Programa de Pós-Graduação de lá, que tinha como foco a Linguística Aplicada, e onde atuavam muitos docentes aposentados da UFRGS. Esse programa, que chegou a atingir nota 6 pela CAPES, foi fechado em 2022, por uma decisão institucional de descontinuar 12 programas de Pós-Graduação, entre eles o de Linguística Aplicada, por não dar retorno financeiro esperado. Foi uma notícia impactante para toda a área de Linguística e Literatura do Brasil, com várias notas e moções de repúdio das associações da área. Claro que lamentei muito o fechamento do programa, pois sabia da sua excelência, mas, ao mesmo tempo, agradei por não ter dedicado minha trajetória acadêmica a uma instituição que toma uma decisão como essa, deixando sem trabalho vários pesquisadores renomados.

Afastei-me da Unisinos em 2006, quando recebi o convite para trabalhar na UPF, vindo de uma colega muito querida, a Carme Schons, que conheci durante o doutorado, e que, infelizmente, já não está mais entre nós. Carme trabalhava há muitos anos na UPF e me indicou para assumir uma vaga de professora visitante na UPF, para atuar inclusive no Programa de Mestrado de lá. Embora isso significasse uma mudança para mim, e a volta para o interior (uma coisa que eu não desejava naquele momento), as perspectivas profissionais eram promissoras. A princípio, a oferta era para um contrato de dois anos, para atuar na graduação, e também já na pós, assumindo algumas orientações de mestrado do professor que tinha saído. Na época, meus pais tinham já voltado também a morar no RS, e residiam em Marau, uma cidade a 26 km de Passo Fundo. De alguma forma, estava voltando às minhas origens, trabalhando perto da minha cidade Natal. E, de fato, nesses

2 anos e meio que atuei e morei em Passo Fundo, tive a oportunidade de rever alguns(algumas) tios(as) e primos(as) que não via havia muito tempo, e estava bem próxima dos meus pais. Cheguei a ser professora da namorada de um primo meu, que só descobriu que sua professora era prima do namorado, quando ele viu meu nome escrito num trabalho da faculdade dela. Depois, numa ocasião, encontrei essa aluna na casa do meu tio.

Deixando os afetos de lado, a experiência na UPF foi bem mais produtiva para mim do que a da Unisin, pois pude atuar na minha área, inclusive na Pós-Graduação, o que ia me dar currículo para ser uma candidata competitiva num concurso público de uma Universidade Federal, o que sempre foi o meu foco. A parte ruim é que precisava atuar sempre nos *campi*, pois todos eles tinham o Curso de Letras. Então, viajava à noite para dar aulas em Casca, Carazinho, Lagoa Vermelha, Sarandi. A Universidade nos oferecia o ônibus, mas normalmente saíamos de Passo Fundo às 17h para só retornar para casa 23h, a depender da distância do *campus*. Mas preciso destacar que, nesse período que trabalhei na UPF, comecei a vivenciar, de fato, o que é a atuação de um(a) pesquisador(a) no ensino superior. Fiz muitas parcerias com a Carme, com quem aprendi muito e que me acolheu de forma muito calorosa na UPF. Passo a citar alguns trabalhos que realizei com a Carme nesse período: a atuação no projeto de pesquisa *Discurso, mídia e escola: questões de identidade e escrita*; a escrita de textos em coautoria, a exemplo do artigo, publicado na Revista Desenredo, do Programa da UPF, *O texto como possibilidade de ruptura: análise do funcionamento do gênero midiático*⁷; a participação no projeto de extensão *Escrita de si e memória*, que fazia parte do Programa Universidade Sênior, e no qual trabalhávamos com idosos e idosas que escreviam suas memórias, a partir de provocações que fazíamos para pensarem a escrita de si; a vivência na

⁷ O artigo está disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/533>. Acesso em: 30 maio 2025.

Jornada de Literatura que é organizada pela Universidade, entre tantas outras coisas.

Foi também na UPF que tive minhas primeiras orientandas de Iniciação Científica, e minhas 6 primeiras orientações de mestrado. Na Iniciação Científica, orientei:

- Monize Aparecida Rodrigues Moreira, em 2007-2008, com o trabalho *A questão da autoria na escrita de adolescentes: interfaces entre os ambientes virtual e escolar*. Monize também foi minha orientanda de TCC, em 2007, com o trabalho *Navalha na carne: os sentidos sobre a operação da Polícia Federal produzidos pelo/no discurso jornalístico*;
- Juliana Lemos da Cunha, que ficou de 2006 a 2008 na iniciação científica comigo, tendo desenvolvido duas pesquisas: *A questão da identidade na escrita de adolescentes: interfaces entre os ambientes virtual e escolar* (2008) e *Internet e escola: movimentos identitários na escrita de adolescentes* (2007);
- Jamile Forcelini, em 2006-2007, com o trabalho *A escrita de si por sujeitos-adolescentes: interfaces entre os ambientes virtual e escolar*.

Como se pode observar, meu interesse por questões do virtual, às quais me dedico até hoje, começou nesse momento, logo após o término do doutorado.

Orientei ainda, em 2008, o TCC de Fabiana Galante, intitulado *O internetês: concepções de linguagem subjacentes ao discurso da mídia*, e o de Andréia de Sordi, intitulado *O papel das inferências na leitura e produção textual*.

Passo, agora, a mencionar as dissertações de mestrado que orientei no programa da UPF.

2006

- *A Formação Discursiva Escolar: uma análise do funcionamento das relações de contradição e de resistência*, de Débora Cristina Schneider.

2007

- *Marcas da heterogeneidade no discurso jornalístico: uma análise das notícias-manchete de capa do jornal Diarinho*, de Sindy Moraes Castelli;

- *O discurso institucional da/sobre a escola: uma análise da autoria e das relações de contradição*, de Rosane Zordan Poletto;
- *Para além da gramática: os tempos verbais e a produção de efeitos de sentido no texto jornalístico*, de Joelma Idiane Frighetto Flâmia.

2008

- *A apropriação/incorporação da língua inglesa pelo/no discurso empresarial: uma análise discursiva*, de Déborah Maria Labandeira;
- *A construção da identidade do sujeito-aluno: interfaces entre o ambiente escolar e o virtual*, de Ana Paula Pauletti Jobim.

Mesmo depois de ter assumido na UFPE, ainda concluí a orientação de duas alunas. Salvo melhor juízo, voltei a UPF, em início de 2009, para a defesa dessas alunas, uma vez que, nessa época, não tínhamos a facilidade que temos hoje da realização das bancas de forma *on-line*:

2009

- *A constituição e representação das identidades femininas no Discurso Publicitário*, de Graziela T. Baggio Pivetta;
- *A interdiscursividade nos contos de fadas e a constituição do sujeito-autor: uma análise de textos produzidos por alunos de 3ª série*, de Isabel Cristina Wiest.

Fruto do trabalho da Graziela, organizei com ela um artigo, intitulado *Só ele é assim: uma análise da representação da mulher no discurso publicitário do Campari*⁸, que é um recorte da sua dissertação e que foi publicado, em 2011, na Revista Investigações, da UFPE. Com outra orientanda, Ana Paula Jobim, publiquei, em 2007, o capítulo *A busca da identidade pela/na escrita virtual: uma análise de blogs*, na coletânea *Questões de leitura no hipertexto*, publicada pela UPF editora.

⁸ O artigo está disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1316>. Acesso em: 30 maio 2025.

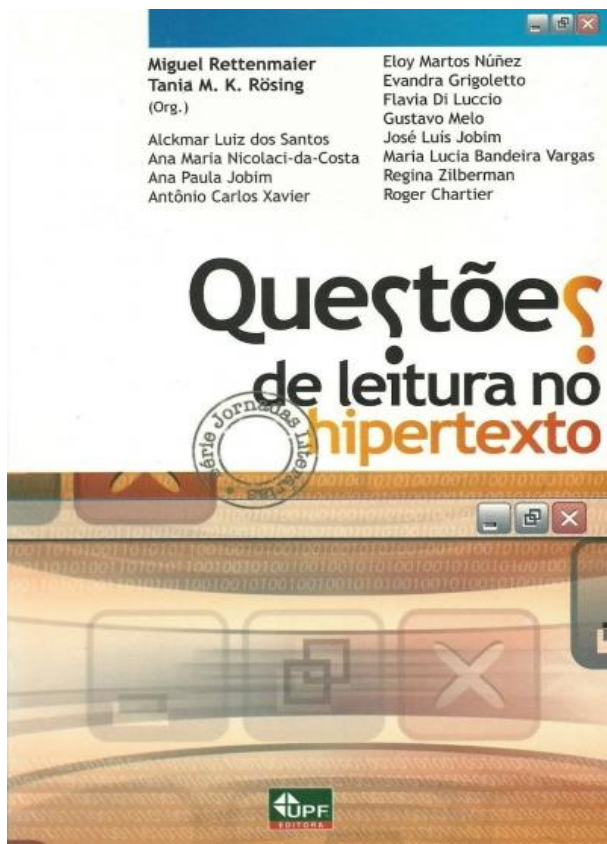


Imagem da capa do livro *Questões de leitura no hipertexto*.

Ainda, em termos de produção, nesse período, destaco:

- A organização, com Telisa Furlanetto Graeff, de um número da Revista Desenredo, em 2007.
- A publicação do artigo *A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet*⁹, em 2006, na Revista Desenredo (PPGL/UPF), v. 2, p. 56-72, 2006.
- A publicação, em coautoria com Carme Agustini, do artigo *Escrita, alteridade e autoria em Análise do Discurso*¹⁰, em 2008. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 145-156, 2008.

⁹ O artigo está disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/514>. Acesso em: 30 maio 2025.

¹⁰ O artigo está disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/27912. Acesso em: 2 jun. 2025.

• A publicação dos capítulos de livros: *A língua além do sistema e da norma*, na coletânea *Ensino Aprendizagem de Línguas: Língua Portuguesa*, publicada pela Editora da Unijuí, em 2007; e *O sujeito-leitor no Discurso de Divulgação Científica: entre a construção da imagem, do efeito e da posição-sujeito*, na coletânea *Análise do Discurso: Perspectivas*, publicada pela EDUFU, em 2007.



Imagem da capa do livro *Ensino e Aprendizagem de Línguas*.

• A organização, juntamente com Solange Mittmann e Ercília Ana Cazarin, da coletânea *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*, publicada pela editora Nova Prova, em 2008. Nessa mesma coletânea, que é fruto do nosso trabalho no grupo de estudos, o GEPAD, que montamos durante a realização do meu doutorado e que mencionei no capítulo anterior, também publiquei um capítulo, que é um recorte da minha tese. O capítulo intitula-se *Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no Discurso de Divulgação Científica*.

Como se pode observar, a minha experiência na UPF foi muito enriquecedora para o meu currículo e me proporcionou vivências que a Unisinos não tinha me proporcionado.

Para falar da minha vinda para o Nordeste, o que vou relatar no próximo e último capítulo deste memorial, não posso deixar de registrar meus laços de afetos. Nesse período que morei em Passo Fundo, viajava sempre que eu podia, ou para passar o final de semana em Porto Alegre, ou para eventos acadêmicos. E foi numa das minhas viagens a um evento acadêmico, na PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro, que a minha mudança para o Nordeste começou a se desenhar. Era setembro de 2006, feriado da independência, eu ia para um evento sobre Identidade na PUC-Rio, o mesmo que participei em 2001, cujo registro está mencionado no capítulo anterior. A princípio, ia viajar sozinha, então me lembrei de um amigo que eu tinha conhecido em Porto Alegre, o Regis, antes de me mudar para Passo Fundo. Tínhamos sido apresentados um tempo antes por uma amiga e um amigo em comum e, no nosso último encontro em POA, ele estava se despedindo, pois ia se mudar para o Rio de Janeiro, assumir uma vaga na Petrobrás num concurso que ele tinha sido aprovado. Quando me lembrei que Regis estava morando no Rio, pensei em escrever para ele, mas eu não tinha o contato. Então, escrevi para o nosso amigo em comum, o André, que me passou o *e-mail* do Regis. Escrevi para ele e trocamos os telefones. Naquela época, só existia mensagem de SMS. Na última hora, a nossa amiga em comum, Eliane, resolveu ir comigo para o Rio. Para encurtar a história, troquei algumas mensagens com Regis e combinamos de fazer alguma coisa, mas nada estava definido ainda. Depois de ter me liberado da minha obrigação acadêmica, como tínhamos esticado a viagem para passar o final de semana no Rio, eu e minha amiga saímos para caminhar em Ipanema, e fomos até o arpoador. Quando estávamos saindo do arpoador, eis que encontramos na praia com o Regis, sem ter marcado nada. Combinamos então uma saída para um barzinho na Lapa naquela noite... e foi aí que nossos caminhos se

cruzaram, e eu comecei a minha história de amor com o Regis, que é meu atual marido, e pai dos meus dois filhos.



Registro desse meu encontro casual com Regis, na praia do Arpoador, RJ, setembro de 2006.

De setembro de 2006 a janeiro de 2009, quando nos casamos, foram muitas viagens de Passo Fundo para o Rio, do Rio para Porto Alegre. Namoramos, noivamos e ficamos, ainda, um tempo depois de casados, morando distantes. Quando, no início de 2007, ele definiu qual seria a vaga da Petrobrás que ele iria assumir, que seria no empreendimento da construção da Refinaria em Recife, comecei a vislumbrar e ficar de olho em editais de concursos no Nordeste. Foi mais ou menos assim que vim parar na UFPE. Os detalhes vou deixar para o próximo capítulo.

A VINDA PARA O NORDESTE E O ENCONTRO COM A UFPE E O RECIFE

Conforme o relato que iniciei no capítulo anterior, a minha vinda para o Nordeste se deu muito em função dos meus laços afetivos. Acredito que nossa vida pessoal não está completamente afastada da nossa vida profissional. Por isso, decidi marcar neste memorial, no qual narro minha trajetória de vida até aqui, a questão dos afetos desde a escolha do título. Embora eu sempre vislumbrasse prestar concurso para uma Universidade Federal, a escolha de vir trabalhar e morar no Nordeste não era, inicialmente, algo que estava no meu horizonte.

Eu estava concluindo o meu contrato de 2 anos de Professora Visitante na UPF em julho de 2008. A Universidade tinha interesse em me efetivar e, para tanto, eu precisava prestar uma seleção. Cheguei a prestar a seleção e fui efetivada, acredito que, em agosto de 2008, mas vislumbrando a possibilidade de prestar um concurso. Como já mencionei, Regis definiu, em início de 2007, que viria trabalhar em Recife e, como começamos a construir planos para nos casar, eu comecei a pesquisar editais de concursos em Universidades Federais aqui no Nordeste. Era o ano de 2008, governo Lula 2, e vivenciávamos, nas Universidades Federais, o plano REUNI. Por isso, muitos editais abriam com vagas para docentes. Me inscrevi em dois concursos ao mesmo tempo: um na UFAL (Universidade Federal de Alagoas), uma vaga para AD (coisa rara de acontecer); e outro na UFPE, uma vaga para Língua Portuguesa. A vaga da UFAL tinha, não preciso explicar o porquê, muito mais a ver com a minha formação e, portanto, eu acreditava que teria mais chance de ser aprovada, até porque a Universidade estava buscando um(a) docente para atuar na pós-graduação, e eu era a única candidata que já tinha, à época, quatro orientações de mestrado concluída e experiência na Pós-Graduação. Prestei esse concurso da UFAL em maio de 2008 e, para

minha surpresa, fui eliminada na prova de defesa do meu plano de trabalho, que era uma das etapas do concurso. Na época, fiquei muito chateada com o que aconteceu e entendi que a vaga estava destinada a um dos ex-orientandos de uma das professoras da banca. Coisa que, felizmente, não se permite mais nos concursos docentes das Universidades Públicas: a presença de ex-orientadores(as) de qualquer candidato(a) nas bancas.

Depois das provas desse concurso na UFAL, como era um feriado, Regis foi me encontrar em Maceió e foi quando a gente noivou. Acredito que já na semana seguinte, fui notificada dos dias das provas do concurso da UFPE no qual eu também estava inscrita. Mas eu decidi não vir fazer, porque não tinha conseguido me preparar e também em função da experiência ruim que eu tinha acabado de vivenciar no concurso da UFAL. Quem foi aprovada nesse concurso da UFPE foi a minha colega Siane, que está compondo a banca de defesa deste memorial.

Logo em seguida, abriu um outro edital para Língua Portuguesa na UFPE, mas dessa vez para uma vaga na EaD. Junto com o REUNI, também vivíamos, nas Universidades Federais, a implementação dos cursos à distância. Os pontos eram bastante parecidos com os do outro concurso, mas aplicados ao ensino a distância, o que era mais um desafio para mim. Mas eu teria mais condições de me preparar; então, resolvi investir e me inscrevi. Não lembro exatamente as datas em que o concurso aconteceu, mas acredito que foi em outubro de 2008. Regis seguia trabalhando no Rio, com perspectiva de vir para Recife no final de 2008, início de 2009. Bem, dessa vez mais preparada, vim fazer o concurso e, para nossa alegria, fui aprovada. O ponto da prova didática foi um desafio para mim; era um ponto de fonologia, não lembro exatamente qual. A essas alturas, eu e Regis estávamos com o casamento agendado para 31 de janeiro de 2009. Eu supunha que a minha nomeação demoraria um pouco mais a sair, mas foi super rápida, e fui nomeada em dezembro de 2008. Misturada com a alegria, vieram os desafios: precisava terminar o semestre na UPF; pensar na minha mudança,

sem Regis ter vindo ainda para Recife; reprogramar todo o nosso final de ano, pois já tínhamos tudo planejado, com passagens compradas; e ainda resolver as questões do casamento, que seria em Porto Alegre, sendo que nenhum dos dois morava mais lá.

Adiantei os exames médicos que precisava para tomar posse e vim para Recife para resolver tudo na semana que antecedia o Natal. Tomei posse no dia 22 de dezembro de 2008 e aluguei um *flat* em Setúbal para morar os primeiros meses. E pedi os 15 dias a que tinha direito para entrar em exercício, o que se deu em 5 de janeiro de 2009. Entre a posse e a entrada em exercício, viajei novamente para o Sul para passar o Natal com a família, fiz 500 km de carro, entre o Natal e o Ano Novo, para fazer a única prova do meu vestido de noiva, e voltei a Recife para entrar em exercício em 5 de janeiro. A maratona foi grande, mas resolvi tudo da melhor maneira possível, inclusive consegui fazer um acordo com a UPF para que me demitissem e eu pudesse receber FGTS e todos os meus direitos trabalhistas. Como era mês de férias na UFPE, foi relativamente tranquilo: me apresentei ao chefe de Departamento, na época, Prof. Alexandre Maia, e também à coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras a Distância – E-letras –, Prof.^a Dilma Luciano, que foi uma das componentes da minha banca no concurso, e fiquei aguardando a distribuição das turmas. Viajei novamente ao Sul somente na semana do meu casamento e, apesar de toda a loucura para a organização da festa, deu tudo certo e foi um momento lindo. Após casados, Regis veio para Recife comigo, já que estava de férias, e iniciamos as buscas para a compra de um apartamento. Tanto a compra do apartamento quanto a vinda definitiva do Regis para Recife acabou demorando mais do que prevíamos. Enquanto isso, a gente seguia se vendo a cada quinze dias, alternando entre Recife e Rio de Janeiro. Somente em setembro de 2009, a transferência do Regis se efetivou.

Como se lê, o meu encontro com a UFPE e o Recife se deu, nesse primeiro momento, muito em função dos meus laços afetivos. Ingressada na

UFPE, num primeiro momento, assumi somente turmas no EaD, e precisava me apropriar dessa realidade que era completamente nova para mim. Também, nesse primeiro momento, aproximei-me bastante da Prof.^a Dilma Luciano, então coordenadora do curso, sendo que, em seguida, ela me chamou para assumir a vice-coordenação do curso. Assim, ao mesmo tempo em que fui me apropriando das questões administrativas do curso, produzi material didático para duas disciplinas: *Língua Portuguesa: frase*, em coautoria com a Prof.^a Stella Telles; e *Língua Portuguesa: texto e discurso*. Também entendi que precisava propor um projeto de pesquisa em que eu pudesse olhar para as questões próprias do EaD, sem me afastar da minha área de formação, que era a Análise do Discurso. Propus, então, o projeto de pesquisa *Língua, escrita, sujeito: interfaces nos/dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem*¹¹. Submeti essa proposta a um edital universal do CNPq, e lembro de ter chamado Fabiele para compor a equipe. Na época, ela estava ainda trabalhando na UCS (Universidade de Caxias do Sul), mas, em seguida, prestou concurso aqui na UFPE. O projeto não foi aprovado pelo CNPq, mas foi com ele que iniciei meu percurso de pesquisa na UFPE, tendo abrigado as primeiras orientações de Iniciação Científica, e permitido o acesso ao Programa de Pós-Graduação, o que se deu em final de 2009.

Minha atuação, ao longo desses 16 anos na UFPE, sempre buscou atender aos diferentes eixos que formam a Universidade Pública: ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmica. Entendo que as atividades de ensino e orientação devem ser alimentadas pelas atividades de pesquisa, as quais têm, entre seus desdobramentos, a extensão e a produção acadêmica. Por outro lado, contribuir com as atividades de gestão da Universidade também nos mostra caminhos para melhor entender o funcionamento dos sistemas de avaliação e de fomento à pesquisa, entre outras coisas. Considerando,

¹¹ Voltarei ao projeto para mostrar as orientações e produções relacionadas a ele nos próximos tópicos.

então, as diferentes atividades em que atuei nesse período, nesses diferentes eixos, decidi dividir esse capítulo em cinco subitens, mas destacando que as atividades relatadas em cada um deles não se dá de forma isolada: i) Os (per) cursos das atividades de orientação; ii) Os caminhos trilhados na produção científica; iii) A criação do NEPLEV, o SEPLEV e o SEAD; iv) Os (des)caminhos da gestão acadêmica; e v) Outros trajetos ainda.

Os (per)cursos das atividades de orientação

A atividade de orientação é uma das nossas principais frentes de atuação na Educação Superior, sendo considerada, no eixo do Ensino, nas nossas progressões na UFPE, juntamente com as atividades de sala de aula propriamente ditas. E, como eu destaquei acima, sempre alimentada pela pesquisa. Neste subitem, apresento apenas as atividades de orientação que concluí na UFPE, uma vez que já listei, no tópico “Atuação no Ensino Superior”, as orientações realizadas em outras IES que já trabalhei.

Ao longo desses 16 anos na UFPE, orientei 11 trabalhos de Conclusão de Curso, 23 trabalhos de Iniciação Científica, 13 dissertações de Mestrado, 12 teses de Doutorado, e supervisionei 2 estágios de pós-doutorado. Atualmente, possuo as seguintes orientações em andamento: 2 trabalhos de IC, 1 dissertação de Mestrado, 5 teses de Doutorado e 1 orientação de Doutorado-sanduiche, de uma aluna vindo da UBA (Universidad de Buenos Aires), na Argentina, no âmbito do programa Move La América, da CAPES, e 1 estágio de pós-doutorado.

Passo, primeiro, a listar os TCCs orientados, seguindo a ordem do mais antigo para o mais recente:

- *A prática discursiva da leitura: entre a identificação e a resistência ao discurso do humor machista*, de Leonardo Gueiros da Silva, em 2011;
- *A representação da mulher negra na Revista Cláudia à luz da Análise do Discurso*, de Isabella Cristina Alves da Silva, em 2017;

- *Análise discursiva da hashtag #PrimeiroAssédio*, de Jéssica Rayane de Souza Cordeiro, em 2019;
- *A análise linguística nas tramas do discurso regulatório: estabilizações e deslocamentos na Base Nacional Comum Curricular*, de Thiago César da Costa Carneiro, em 2020;
- *Práticas de leitura: as contribuições da Análise de Discurso para a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental e Médio*, de Raíne Mirela Santos Albuquerque, em 2021;
- *O enunciado como força ideológica nas aulas de interpretação de Língua Portuguesa: uma análise discursiva entre a opressão e a denúncia nas práticas de racismo e especismo*, de Brenda Catarina da Silva, em 2021;
- *Leitura-trituração do discurso jornalístico acerca dos protestos em defesa dos direitos animais: uma reflexão sobre a prática discursiva da leitura na aula de Língua Portuguesa*, de Milena Corrêa Gambôa da Silva, em 2021;
- *O sujeito-usuário Bookstan no espaço enunciativo informatizado Twitter: a formulação de sentidos no BookTwitter*, de Bruna de Souza Santos, em 2022;
- *O lugar do docente de Português no Instagram: práticas de escrita da redação nota mil*, de Adiel Bernardo da Silva, em 2023;
- *Práticas de autoria: a construção do sujeito-autor no livro didático de Língua Portuguesa*, de Manoel Severo da Costa Neto, em 2024;
- *A presença do discurso religioso na tentativa de proibir o casamento igualitário: uma análise do discurso do Pastor Eurico*, de Elis Lopes Brandão, em 2025.

Desses 11 trabalhos orientados, 5 foram também meus orientandos na Iniciação Científica, mas somente o trabalho de Adiel Bernardo da Silva tratou do mesmo tema que ele estava desenvolvendo no projeto de IC. Esse é um dado que julgo interessante, por entender que eles buscaram pesquisar questões que tinham mais a ver com os seus próprios interesses de pesquisa, já que, na IC, os seus projetos estavam sempre vinculados a um projeto meu de pesquisa que estava em desenvolvimento.



Registro da banca de defesa de TCC de Adiel Bernardo da Silva. Na foto, da esquerda para a direita, Fabiana de Souza, Adiel e eu.

Ainda, em nível de graduação, orientei 23 trabalhos de Iniciação Científica, que envolveram a formação de 11 estudantes de graduação. Participei, nesses 16 anos de UFPE, de todos os editais anuais para bolsas de Iniciação Científica, exceto no período em que estive afastada para a realização de pós-doc, na Unicamp, de setembro de 2019 a agosto de 2020. E fui contemplada com, pelo menos, uma bolsa em todos os pedidos. Além dos(as) alunos(as) bolsistas, em alguns anos, tive também alunos(as) voluntários(as). Normalmente, tenho dois(duas) alunos(as) de IC, uma das atividades que julgo fundamental para a formação de futuros(as) pesquisadores(as). E isso se comprova quando olhamos para os nomes que eu orientei na IC, no Mestrado e no Doutorado. Como se pode observar, na lista que passo a apresentar, alguns(mas) desses(as) alunos(as)

permaneceram comigo durante 3 ou 4 anos, o que julgo fundamental para o aprofundamento da sua formação enquanto futuro(a) pesquisador(a). A lista é apresentada por aluno(a), com menção aos anos, projetos orientados e vinculação aos meus projetos de pesquisa em desenvolvimento.

- Leonardo Gueiros da Silva: *A interatividade em ambientes virtuais de aprendizagem*: que língua é essa? (2009-2010) e *Leitura e interpretação em ambientes virtuais de aprendizagem*: efeitos da (des)identificação do sujeito-aluno com o discurso acadêmico/pedagógico (2010-2011), ambos vinculados ao projeto *Língua, escrita, sujeito*: interfaces nos/dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem;

- Natalia de Lima Souza: *A constituição identitária do sujeito-nordestino*: análise da figura do cangaceiro (2011), vinculado ao projeto *Subjetivação e processos de identificação*: diferentes modos de (se) representar e se dizer sujeito na/pela mídia;

- André Cavalcante Barbosa da Silva: *Entre o dizer e o silenciar*: uma análise das formas de silêncio nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (2012), iniciado, em 2011, pelo aluno Leonardo Gueiros da Silva, e vinculado ao projeto de pesquisa *Língua, escrita, sujeito*: interfaces nos/dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem; *O imaginário e os processos de (des)identificação dos sujeitos na rede*: o universitário X o não-universitário (2012-2013), vinculado ao projeto de pesquisa *Subjetivação e processos de identificação*: diferentes modos de (se) representar e se dizer sujeito na/pela mídia; *O sujeito-índio*: processos de identificação, sujeito de resistência e produção de discursos sobre a temática Guarani-Kaiowá (2013-2014); *Resistência, identificação e memória na constituição discursiva do sujeito-nordestino* (2014), ambos vinculados a um projeto de pesquisa que eu coordenei, com financiamento do CNPq, intitulado *Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do "herói"*. Este último projeto foi concluído pelo aluno Victor Matheus da Silva, em 2015, já que André estava concluindo a graduação;

- Carlos Eduardo de Freitas Barbosa: *A (des)construção identitária do sujeito-herói pelos veículos midiáticos*: o caso Joaquim Barbosa e ressignificação social (2013-2014); *A construção da figura do Papa Francisco no discurso da mídia*: um Papa diferente? (2014-2015); *O discurso da mídia sobre o Papa Francisco e sua relação com as minorias*: a construção de uma figura político-religiosa? (2015-2016); *Os movimentos de sentidos nos discursos acerca de Sérgio Moro*: de herói a anti-herói? (2016-2017), todos vinculados a um projeto de pesquisa que eu coordenei, com financiamento do CNPq, intitulado *Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do "herói"*;

- Victor Matheus da Silva: *Resistência, identificação e memória na constituição discursiva do sujeito-nordestino* (2015), vinculado a um projeto de pesquisa que eu coordenei, com financiamento do CNPq, intitulado *Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do "herói", O processo de produção de autoria do sujeito-aluno em salas de aula virtuais* (2015-2016), vinculado ao projeto *Práticas de Letramento: leitura, escrita e autoria*;
- Quêren Hapuche Nunes da Silva: *#nãofechemminhaescola: resistência e efeitos de sentido no movimento dos estudantes secundaristas em SP* (2016-2017), vinculado a um projeto de pesquisa que eu coordenei, com financiamento do CNPq, intitulado *Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do "herói"*; *#JeSuisCharlie: movimentos de identificação e deslizamentos de sentido no percurso de circulação de um enunciado* (2017-2018); *#JeSuisCharlie: movimentos de contradição e resistência nos modos de (re)atualização verbo-imagética do enunciado* (2018-2019), ambos vinculados ao meu projeto de pesquisa *E hoje: #somostodos quem?* Memória e deslocamentos de sentido nos movimentos de identificação/resistências nas redes sociais;
- Thiago Cesar da Costa Carneiro: *#SomosTodosBolsonaro: os deslizamentos de sentido nos movimentos de (re)atualização de um enunciado* (2018-2019), vinculado ao meu projeto *E hoje: #somostodos quem?* Memória e deslocamentos de sentido nos movimentos de identificação/resistências nas redes sociais. De 2019 a 2020, Thiago também desenvolveu um subprojeto de IC, no âmbito do projeto de um edital universal que eu coordenei, intitulado *Discurso político e políticas públicas a partir do acontecimento do impeachment: análise dos discursos sobre ciência, educação e cultura, tendo sido contemplado com uma bolsa de IC do CNPq nesse projeto*;
- Raíne Mirela Santos Albuquerque: *Identificação, resistência e antagonismo nas hashtags #LulaLivre e #LulanaCadeia* (2018-2019), vinculado ao meu projeto *E hoje: #somostodos quem?* Memória e deslocamentos de sentido nos movimentos de identificação/resistências nas redes sociais. Essa estudante foi contemplada com uma bolsa do edital da FACEPE de Iniciação Científica;
- Adiel Bernardo da Silva: *Agora é que são elus: (des)identificação e (des)legitimação na/pela linguagem neutra* (2020-2021); *Intervenção ou ditadura? Os efeitos da apropriação da memória nos discursos em rede* (2021-2022), ambos vinculados ao meu projeto de pesquisa *Os movimentos dos sujeitos nas redes sociais: subjetivação, identificação, resistência*; *Como atingir a nota mil na redação do ENEM: práticas de mercantilização e apagamento do docente de português em perfis do Instagram* (2022-2023), vinculado ao tema do meu projeto PQ, em fase

de finalização, intitulado *Entre o controle e os deslizamentos de sentido: o discurso de movimentos conservadores*;

- Maria Vitória da Silva Santana. *Os movimentos de (des)identificação do sujeito-mulher-negra em discursos conservadores* (2023-2024), vinculado ao tema do meu projeto PQ, em fase de finalização, intitulado *Entre o controle e os deslizamentos de sentido: o discurso de movimentos conservadores*;

- Manoel Severo da Costa Neto. *Machonaria: Discursos conservadores e masculinidade(s) nas redes sociais* (2023-2024), vinculado ao tema do meu projeto PQ, em fase de finalização, intitulado *Entre o controle e os deslizamentos de sentido: o discurso de movimentos conservadores*.



Registro do CONIC (Congresso de Iniciação Científica da UFPE) em 2022. Na foto, da esquerda para a direita, eu e Adiel. Ao fundo, o pôster no qual o discente apresentava os resultados da sua pesquisa.



Registro do CONIC (Congresso de Iniciação Científica da UFPE) 2024. Na foto, da esquerda para a direita, minha bolsista de IC, Maria Vitória, eu e Manoel.

As temáticas dos projetos orientandos sempre estiveram vinculadas a projetos de pesquisa que eu estava desenvolvendo, conforme mencionado na listagem acima. Resumo, a seguir, a trajetória que cada um(a) desses(as) 11 alunos(as) orientados(as) na Iniciação Científica estão seguindo na vida acadêmica: uma delas, Maria Vitória, segue comigo desenvolvendo seu segundo projeto de IC; Manoel e Adiel se formaram recentemente, estão

atuando na Educação Básica, e vislumbram prestar seleção para o ingresso no PPGL da UFPE neste ano de 2025; Raíne, atualmente, atua como professora da Educação Básica na rede privada de Recife, concluiu o mestrado comigo no ano passado e vislumbra prestar seleção para doutorado; Thiago é professor concursado da Rede Estadual de Pernambuco, atuando no Ensino Fundamental, concluiu o mestrado comigo em 2023 e, atualmente, está cursando o terceiro ano do doutorado, também no PPGL-UFPE; Quéren, atualmente, está cursando mestrado na Guiana Francesa, trabalhando também lá com ensino de Francês; Carlos está finalizando sua tese de doutorado comigo, tendo defendido o mestrado no PPGL-UFPE em 2021; Victor Matheus foi o único que não ingressou na Pós-Graduação e do qual também não tenho conhecimento da sua atuação; André fez mestrado comigo no PPGL-UFPE, tendo defendido sua dissertação em 2017. Depois, fez doutorado na UFF com Vanise Medeiros e, atualmente, está terminando um pós-doc comigo e atuando como professor visitante na UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) em Ilhéus, na BA; Natália também fez mestrado na UFPE, mas foi orientada por uma colega do curso, sendo que eu estive na banca de defesa dela; e Leonardo, meu primeiro orientando de IC na UFPE, fez mestrado comigo, tendo defendido sua dissertação em 2014. Em seguida, ingressou no doutorado do nosso programa, mas em outra linha de pesquisa e perspectiva teórica. Foi orientado pela Prof.^a Siane Gois e, atualmente, é professor efetivo da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), tendo sido aprovado no concurso logo após a defesa da sua tese. Pelo resumo aqui apresentado, podemos observar que esse investimento na formação de futuros(as) pesquisadores(as), durante a graduação, é fundamental para que eles(as) ingressem, posteriormente, em Programas de Pós-Graduação.

Em nível de Pós-Graduação, orientei 13 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado até o momento. Passo a listar, primeiro, as dissertações de mestrado, iniciando da mais antiga para a mais recente:

- *Os ecos do silêncio no discurso midiático*: quando a língua é objeto de notícia, de autoria de Leonardo Gueiros da Silva, em 2014;
- *O processo de produção de autoria do sujeito-aluno*: interfaces entre os espaços virtual e escolar, de autoria de Shirleide Bezerra da Silva, em 2016;
- *Processos de subjetivação do/no corpo linguagem da Marcha das Vadias*: o sintoma da ideologia, de autoria de Isaac Itamar de Melo Costa, em 2016;
- *O imaginário em torno do “ser índio” no discurso do/sobre o sujeito-indígena*: entre o assujeitamento e a resistência, de autoria de André Cavalcante Barbosa da Silva, em 2017;
- *A abordagem dos conhecimentos linguísticos no ensino de Língua Portuguesa*: uma análise de aulas publicadas no portal do professor, de autoria de Cássia Fernanda de Oliveira Costa, em 2018;
- *As imagens do corpo na construção de memórias sobre moda*: uma análise da revista Vogue, de autoria de Eduardo Manoel Barros Oracio, em 2018.
- *Nas fronteiras da história*: Uma análise dos discursos de Hitler (1933 - 1934 - 1938), de autoria de Josefa Monteiro de Araújo, em 2019;
- *O corpo em tirinhas e o discurso político-sexual no Brasil em 40 anos*: entre “A Volta da Graúna” e o “Manual do Minotauro”, de autoria de Gilson Costa da Silva, em 2019;
- *Entre continuidades e rupturas*: uma análise discursiva da figura da princesa no filme Valente, de autoria de Carlos Eduardo de Freitas Barbosa, em 2021;
- *Modelos mentais e a construção discursiva do sexismo em espaços virtuais de interação*: uma abordagem sociocognitiva, de autoria de Jamile Maria de Fátima da Silva, em 2021;
- *O controle sobre os corpos femininos*: a formulação/circulação do discurso sobre o aborto no Instagram, de autoria de Érika Camila Veríssimo da Silva, em 2022;
- *Vender-se(r) no Grindr*: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino, de autoria de Thiago César da Costa Carneiro, em 2023;
- *Como ser #aquela garota?*: o funcionamento do discurso empreendedor de si no Tik Tok, de autoria de Raíne Mirela Santos Albuquerque, em 2024.

Como já destaquei, desses treze trabalhos orientados, 5 foram meus(minhas) alunos(as) de IC. Agora, com projetos já independentes, alguns seguiram com a temática que estudaram, de alguma forma, durante a IC, como é o caso do Leonardo e do André, e outros(as) fizeram seus próprios percursos, mantendo a vinculação teórica. É o caso do Carlos, do Thiago e da Raine. Os(As) demais alunos(as) chegaram para minha orientação sem que eu tenha tido qualquer contato prévio com eles(as), através da indicação do meu nome para orientá-los(as) no processo de seleção. É o caso de Isaac, Eduardo, Gilson e Josefa, vindos de Garanhuns, cidade do interior de Pernambuco, onde temos uma Universidade Federal (a UFPE – Universidade Federal do Agreste de Pernambuco), e uma Universidade Estadual (a UPE – Universidade de Pernambuco) que oferecem graduação em Letras, mas possuem somente o Mestrado Profissional na área. Isso faz com que muitos(as) estudantes oriundos(as) dessas duas IES prestem seleção no nosso programa de Pós-Graduação da UFPE. Shirleide veio de uma instituição privada do Recife; Érika fez graduação na UFAL e foi orientanda de IC do nosso colega Helson Sobrinho. Jamile e Cássia, egressas, respectivamente, da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) e da UFPE, como se lê no título de seus trabalhos, fizeram trabalhos mais distantes das temáticas que eu costumo orientar. Isso se deu em função de ajustes que precisamos, eventualmente, fazer na distribuição das orientações no programa. Jamile eu herdei de uma colega que foi descredenciada, e ela já estava na reta final do trabalho, e Cássia foi coorientada por uma colega de Linguística Textual, a Prof.^a Suzana Cortez, que ainda não estava credenciada no programa e, por isso, eu assumi oficialmente a orientação.

Sobre o destino desses(as) egressos(as), alguns(mas) eu já mencionei quando falei das orientações de IC: Leonardo, André, Carlos, Thiago e Raine. Gilson concluiu o doutorado comigo recentemente, em março de 2025. Josefa, Érika e Eduardo atuam na Educação Básica, como docentes de Língua

Portuguesa. Cássia é servidora técnica da UFPE e também concluiu, recentemente, o doutorado no PPGL, dessa vez com a orientação da colega Suzana Cortez. Shirleide atua em faculdades privadas do Recife. Jamile é policial militar em Petrolina. E Isaac foi fazer doutorado na UFRGS com a minha ex-orientadora, Prof.^a Maria Cristina, e, atualmente, é professor substituto do CAP (Colégio de Aplicação da UFPE), aguardando ser chamado num concurso em que foi aprovado na UPE. Fui membra da banca de defesa da tese do Isaac: uma bela e potente pesquisa sobre sujeitos *drag queens*.



Registro da banca de defesa de dissertação de André Cavalcante (2017). Na foto, da esquerda para a direita, Fabiele, André e eu.



Registro da banca de defesa de dissertação de Thiago Costa (2023). Na foto, da esquerda para a direita, Fernanda, Thiago e eu...

Passo, agora, a listar, as teses de doutorado orientadas, iniciando da mais antiga para a mais recente:

- *Do lugar discursivo ao efeito-leitor*: a movimentação do sujeito no discurso em Blogs de Divulgação Científica, de autoria de Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, em 2015;
- *Fronteiras do (não)-Plágio Publicitário*: um estudo discursivo de casos julgados no/pelo CONAR, de autoria de Carolina Leal Lacerda Pires, em 2015;
- *Discursos de valorização do professor*: efeitos da interpelação no âmbito da formação discursiva do Aparelho Ideológico Escolar, de autoria de Dirce Jaeger, em 2016;
- *Inscrever-se(r) entre línguas*: o familiar e o estranho em produções escritas por aprendizes de inglês/LE, de autoria de Maria Aldenora Cabral de Araújo, em 2016;
- *Sentidos e funcionamentos dos discursos de ódio em espaços do Facebook*: uma leitura discursiva, de autoria de Thiago Alves França, em 2019;
- *Da inspiração à interpelação*: o discurso fitness no Instagram, de Rita de Kássia Kramer Wanderley, em 2020;
- *Do lugar social ao lugar discursivo*: os direitos civis da pessoa LGBTQI+, a ética e o atravessamento do discurso cristão no discurso político produzido pela Frente Parlamentar Evangélica – FPE, de autoria de Demóstenes Dantas Vieira, em 2020;

- *O discurso sobre a educação profissional na virada do século XX: O funcionamento das designações de educação e seus deslizamentos de sentido*, de autoria de Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros, em 2020.
- *O funcionamento da memória discursiva na designação do evento político de 2016 como “impeachment” ou como “golpe”*: uma luta na/pela palavra, de autoria de Maria Alcione Gonçalves da Costa, em 2020;
- *A cultura como paradoxo: representações da mulher no discurso jornalístico (1888 - 1910)*, de autoria de Aguimário Pimentel Silva, em 2021;
- *Subjetividades em trama, sujeitos em transe: os mo(vi)mentos de identificação de sujeitos transgêneros no entremeio dos sentidos de feminilidades e masculinidades*, de autoria de Anderson Lins Rodrigues, em 2021;
- *“O que tem a ver informática...com se vestir de mulher?”*: movimentos de atualização do corpo-imagem ciborgue, sexualidade e identidade de gênero nas tiras da Laerte, de autoria de Gilson Costa da Silva, em 2025.

Como se observa, concluí minhas primeiras orientações de doutorado em 2015, somente um ano depois da primeira defesa de mestrado no PPGL-UFPE, que ocorreu em 2014. Isso se deu porque, quando ingressei no programa na UFPE, em final de 2009, já assumi as primeiras orientações de doutorado, uma vez que já tinha as orientações concluídas de mestrado na UPF. Desses 12 alunos(as) que formei, a grande maioria deles(as) está institucionalizada e atuando na Educação Superior, que é o que se espera quando formamos doutores(as). Gerenice foi a minha primeira doutoranda a defender. Já atuava, na época em que fez doutorado comigo, na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), em Vitória da Conquista. Depois de concluir o doutorado, passou a atuar no Programa de Pós-Graduação de lá, já tendo concluído 4 orientações de teses e 7 orientações de dissertações. Com uma tese com um tema bastante próximo do que eu trabalhei no doutorado, a divulgação científica, ela recebeu o 2º lugar do Prêmio ALED (Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso) do concurso de teses, conforme podemos visualizar no certificado abaixo:



Registro do Prêmio ALED, concedido à Gerenice Cortes, pela primeira tese que orientei e levei à defesa, em 2015.

Carolina Pires já atuou em instituições privadas aqui do Recife, mas não seguiu na carreira acadêmica. Atualmente, trabalha como técnica administrativa na UPE, mas continua vinculada ao NEPLEV, núcleo de pesquisa que eu criei, em 2010, na UFPE, e do qual falarei nos próximos itens, contribuindo, de diferentes maneiras, para as atividades do núcleo, sobretudo na organização dos eventos e publicações.

Dirce também já era professora da UPE quando fez doutorado comigo. Depois de concluir o doutorado, passou a atuar no PROFLetras da UPE, e também fundou seu próprio grupo de pesquisa em AD – GEPAD – nessa IES. Atualmente, está em processo de aposentadoria.

Maria Aldenora veio do Maranhão fazer doutorado comigo e, à época, já era professora de inglês e português da rede pública – estadual e municipal – de São Luís. Aldenora foi uma das orientandas que eu perdi o contato e não sei exatamente o que anda fazendo, mas, pelo registro no lattes, segue atuando na Educação Básica, no Maranhão.

Thiago também veio da Bahia fazer doutorado em Pernambuco, e já era professor da UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Segue sendo professor da UNEB e atuando como pesquisador do NEPLEV, mas não está vinculado a

nenhuma pós-graduação, já que o *campus* em que atua não tem programa de pós *strictu sensu*.

Dayvyd e Demóstenes foram dois alunos que orientei, no âmbito do programa DINTER (Doutorado Interinstitucional) da CAPES, entre o PPGL-UFPE e o IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte). Eram, portanto, já docentes do IFRN enquanto cursavam o doutorado, e assim seguem.

Rita e Maria Alcione também são docentes de institutos federais. Rita prestou concurso, depois de concluído o doutorado, no IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará), e Alcione já era professora do IF-Sertão-PE (Instituto Federal do Sertão Pernambucano), atuando no *campus* de Serra Talhada. Atualmente, Alcione atua no IFPE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco) de Afogados da Ingazeira. Ambas continuam vinculadas ao NEPLEV, e participando de algumas atividades do núcleo, sobretudo da organização de eventos como o SEPLEV e o SEAD, e de outros projetos como o ESCUTAS, que vou detalhar à frente.

Aguimário também já era docente do IFAL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas) quando fez doutorado comigo. Atualmente, continua atuando como docente do IFAL, no *campus* de Penedo, ministrando disciplinas e orientando também no curso de Especialização *Lato Sensu Linguagem e Práticas Sociais*.

Anderson, enquanto fazia o doutorado comigo, prestou concurso para a UESC, em Ilhéus, tendo assumido, como docente dessa instituição, ainda enquanto cursava o doutorado. Após defender sua tese, credenciou-se também no Programa de Pós-Graduação de lá; no entanto, atualmente, está atuando na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), e continua como docente colaborador do programa da UESC.

Gilson é o único que ainda não está institucionalizado, mas acabou de defender sua tese, tendo sido o único, entre esses(as) doze alunos(as) que formei, que também foi meu orientando de mestrado. Todos os demais vieram de outras áreas de formação no mestrado, exceto Dirce e Thiago, que fizeram suas dissertações em AD, respectivamente, na UFAL e na UESB, de Vitória da Conquista. Isso representou um desafio a mais para mim, enquanto

orientadora. Mas creio que todos(as) desenvolveram teses muito boas, dignas de referência no campo dos estudos discursivos, o que é um orgulho para mim.



Registro da banca de defesa de doutorado de Carolina Pires (2015). Na foto, da esquerda para a direita, Karla Patriota, Fabiele De Nardi, Carol, eu, Silmara Dela Silva e Siane Gois.



Registro da banca de defesa de doutorado de Maria Alcione Gonçalves da Costa (2020). Na foto, da esquerda para a direita, Alcione, Fabiele e eu. Ao fundo, na tela do computador, Fernanda Galli, Freda Indursky e Bethania Mariani, membras da banca que participaram de forma *on-line*.



Registro da banca de tese de doutorado de Rita de Kássia Kramer Wanderley (2020). Na foto, da esquerda para a direita, Rita, eu, Fabiele e Fernanda. Ao fundo, na tela do computador, Guilherme Adorno e Fernanda Lunkes, membros da banca que participaram de forma *on-line*.

Ainda, no âmbito dos (per) cursos das atividades de orientação, supervisionei, em 2018, dois estágios de Pós-Doutorado: de Antônio Genário Pinheiro dos Santos, docente da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); e de Fabio Elias Verdiani Tfouni, docente da UFS (Universidade Federal de Sergipe). E, atualmente, estou concluindo a supervisão de pós-doutorado de André Cavalcante Barbosa da Silva, que foi contemplado com a bolsa PDJ (pós-doutorado júnior), do CNPq, para desenvolver o projeto *Transgeneridade em fronteira: produção e circulação de conhecimento sobre subjetividades trans no Brasil e na Argentina*.

Posso dizer, para concluir este tópico do meu memorial, que os cursos e percursos trilhados nas atividades de orientação nesses 16 anos de atuação na UFPE nem sempre foram retilíneos; alguns desafios se impuseram, mas o que resta, o que permanece é muito mais prazeroso do que qualquer desafio que se impôs. O diálogo com os diferentes trabalhos, com cada orientando(a), com o grupo que se formou ao longo desses anos é

muito mais prazeroso do que qualquer desafio. O carinho, o afeto é o que permanece além das cobranças. Ouvir os depoimentos sobre como a AD fez diferença na vida de cada um(a), ler os agradecimentos de cada TCC, dissertação ou tese, escrever em coautoria, discutir os textos teóricos, compartilhar a ida aos eventos e, também, às vezes, as coisas da vida é o que ultrapassa as atividades de orientação, mas que, ao mesmo tempo, entendo como intrínseco a essa atividade. São nossos(as) alunos(as), orientandos(as) que dão sentido ao nosso fazer acadêmico. Ouvir nossos(as) ex-orientandos(as) fazendo arguição em bancas, apresentando em um evento, orientando seus(suas) próprios(as) alunos(as), e ter um orgulho danado disso, é o que nos move a seguir formando novas gerações, é o que dá sentido ao educar.

Os caminhos trilhados na produção científica

Fiquei refletindo por um tempo sobre a melhor forma de organizar a minha produção científica nesses 16 anos de UFPE, de falar dos caminhos trilhados. Decidi, então, para que não fique cansativo ao(à) leitor(a), não listar minha produção aqui, mas organizá-la por ano, tipo e veículo de publicação, como apêndice. E, partindo da tabela que visualizamos no [Apêndice I](#) deste memorial, fazer uma leitura, talvez uma espécie de análise da minha produção. Publiquei, de 2009 a 2025, 21 artigos em periódicos científicos, sendo 8 em qualis A2, 4 em qualis A3, 6 em qualis A4, 1 em qualis B1, 1 em qualis B2 e 1 em qualis B4; 29 capítulos de livros e organizei 13 coletâneas de livros. Como se observa na tabela que organizei, trata-se de uma produção regular e consistente. Somente em um dos anos, 2012, não há registro de nenhuma produção, o que foi compensado no ano seguinte, 2013, quando produzi 2 artigos científicos, organizei 1 livro e publiquei dois capítulos de livros. Em 2012, estava na Coordenação do nosso programa de pós, e Isadora tinha menos de 2 anos, uma fase em que é difícil conciliar maternidade com gestão e produção

acadêmica. Mesmo com alguma oscilação entre a produção, em diferentes anos, entendo que sempre consegui manter um padrão de produção científica muito bom, considerando também minhas condições materiais, que nunca foram as melhores: morando longe da família, criando dois filhos pequenos e, na maioria do tempo, envolvida em gestão na universidade. Felizmente, hoje, as agências de fomento já preveem alguns bônus para mães cientistas, mas, na minha época, nunca usufruí desse benefício. Ao contrário, sempre me desdobrei para dar conta das inúmeras demandas que a academia nos impõe, aliando com a maternidade. Exemplo disso está no registro abaixo, quando eu e Fabiele, ainda em licença-maternidade, nos encontrávamos com colegas para escrever projetos, pensar em ações para propor em editais de fomento. Nunca usei meus filhos como desculpa para me esquivar de qualquer responsabilidade minha na Universidade e não gosto de quem o faz. Fiz escolhas na vida, não me arrependo de nenhuma delas e tive de arcar com os ônus e bônus de cada uma.



Registro de uma reunião de trabalho na minha casa, durante o período de licença-maternidade meu e da Fabiele, em 2014. Na foto, da esquerda para a direita, eu, amamentando Mateus, Fabi, no centro, amamentando Chico, e Ricardo Postal, nosso colega de Literatura da UFPE, escrevendo um projeto (não lembro exatamente qual).

Voltando à análise do Apêndice I, percebo uma fotografia do que foi minha produção nesse período. Os caminhos trilhados apontam para algumas direções: i) quase 80% das minhas publicações foram produzidas em coautoria, seja com orientandos(as), seja com colegas da UFPE, seja com pesquisadores(as) de outras IES; ii) há um equilíbrio entre a produção em livros e periódicos, embora os capítulos de livro sejam em um número levemente maior, o que se justifica por uma tradição em nossa área; iii) há uma diversidade de objetos analisados, aqui tomados como discurso, que vão dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) às *Fake News*, mas que tem um fio condutor que passa, por um lado, pelos temas relacionados ao discurso político e, por outro, por discursos materializados na mídia e nas redes; e iv) a grande maioria da minha produção está relacionada aos projetos de pesquisa que coordenei nesse período, exceto os casos de publicações produzidas a convite e/ou de produções mais diretamente vinculadas a teses e/ou dissertações que orientei.

Buscando detalhar um pouco mais esses caminhos, destaco os projetos para os quais recebi financiamento¹²:

- *Língua, sujeito e ideologia*: o imaginário sobre língua construído pela/na língua, coordenado pela colega da UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul) Ercília Ana Cazarin, e do qual eu e Carme Regina Schons (*in memoriam*) participamos como pesquisadoras, no período de 2010 a 2013, obteve financiamento do CNPq (acredito eu que em um edital Universal);

- *Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do "herói"*, coordenado por mim, no período de 2013 a 2016, obteve financiamento do CNPq em um edital Universal. Esse foi um dos primeiros projetos de pesquisa vinculado ao NEPLEV, núcleo que eu e Fabiele criamos em 2010, e que vou detalhar no próximo tópico. Fabiele e Helson Flávio da Silva Sobrinho, nosso colega da UFAL, também fizeram parte desse projeto, além dos colegas Ricardo Postal e Inara

¹² Não estou incluindo aqui os meus projetos que abrigaram subprojetos de Iniciação Científica e que receberam bolsa do CNPq e/ou FACEPE, e que não deixa de ser um tipo de financiamento de pesquisa. As vinculações dos trabalhos de IC que orientei aos meus projetos de pesquisa estão detalhadas no tópico anterior deste memorial.

Ribeiro Gomes, que são pesquisadores da área da literatura da UFPE, e que integra(va)m o NEPLEV. Entre outras produções acadêmicas resultantes do projeto, destaco dois artigos, escritos em coautoria com Fabiele De Nardi, quais sejam: *A (des)construção do "herói" nos discursos sobre o mensalão: o caso Joaquim Barbosa*; *(Des)politização e resistência no funcionamento dos processos de heroização construídos pelo discurso da mídia*;

• *Representação do discurso outro e discursividade escrita*: estudo comparativo em francês, espanhol e português brasileiro, coordenado pela Prof.^a Dóris Arruda, minha colega da UFPE, no período de 2014 a 2017, recebeu financiamento da CAPES, no Edital CAPES-COFECUB. Esse edital prevê parceria entre instituições brasileiras e francesas. No caso do referido projeto, participaram, como pesquisadoras brasileiras, além de Dóris, como coordenadora, eu, Fabiele e Suzana Cortez, da UFPE, e Rita Zozzoli, da UFAL. A equipe francesa era composta pela Prof.^a Claire Doquet (coordenadora), Prof.^a Jacqueline Authier-Revuz, de Paris 3, e Prof.^a Frédérique Sitri e Prof.^a Julie Lefebvre, de Paris 10. Como se observa pelo título, a temática do projeto não tinha relação direta com as minhas pesquisas, mas eu e Fabiele aceitamos participar da equipe com o propósito de fazer dialogar a AD com a questão da representação do discurso outro. Destaco da minha participação nesse projeto: i) minha ida a um evento em Paris 3, em 2017; ii) a ida de uma estudante minha de doutorado, Rita Kramer, para realização de doutorado sanduíche de 12 meses (2016-2017) com Frédérique Sitri, em Paris-Nanterre; iii) a escrita de dois capítulos de livro, em coautoria com Fabiele (*"Não vamos desistir do Brasil"*: os embates de sentido nos modos de (re)atualização do enunciado; *O jogo entre os interlocutores no gênero entrevista*: análise das imagens acerca do Papa Francisco), um artigo em periódico, também em coautoria com Fabiele (*Nas fronteiras do discurso outro: o papel da memória em processos de modalização autonímica de empréstimo*) e a organização da coletânea *Representação dos dizeres na construção dos discursos*, em coautoria com Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez;

• *Discurso político e políticas públicas a partir do acontecimento do impeachment*: análise dos discursos sobre ciência, educação e cultura, coordenado por mim, no período de 2019 a 2022, obteve financiamento do CNPq em um edital Universal. Participaram desse projeto, como pesquisadores, Fabiele De Nardi, da UFPE, Bethania Mariani e Silmara Dela Silva, da UFF, Fernanda Lunkes, da UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia), e Belmira Magalhães e Helson Flávio da Silva Sobrinho, da UFAL. Como produções resultantes desse projeto, destaco: i) a organização de um dossiê temático sobre discurso político - *Discursos da cena política brasileira em análise*: a (des)construção da educação e

da ciência na nossa formação social –, na Revista da ABRALIN, em coautoria com Bethania Mariani e Gian Luigi da Rosa, da Università degli Studi Roma Ter¹³; ii) uma entrevista com Eni Orlandi, publicada nesse mesmo dossiê, que organizei com Bethania Mariani; iii) a publicação, em coautoria com Fabiele De Nardi, do capítulo de livro *Por Deus, pela (minha) família, pela moralidade*: efeitos da individua(liza)ção do Aparelho Religioso no discurso político; iv) a publicação, em coautoria com Fabiele De Nardi, do artigo *Ideologia, memória, sentido*: reflexões acerca do enunciado “Não pense em crise, trabalhe” e suas (re)atualizações em discursos de resistência; e v) a orientação da tese de doutorado de Maria Alcione Gonçalves da Costa, intitulada *O funcionamento da memória discursiva na designação do evento político de 2016 como “impeachment” ou como “golpe”*: uma luta na/pela palavra;

• *Movimentos de mulheres nas redes sociais*: lugares de enunciação, identificação, memória, desenvolvido por mim, durante a realização do meu pós-doc na Unicamp, entre 2019 e 2020, que contou com financiamento de bolsa de pós-doc sênior do CNPq. Duas produções importantes resultaram desse projeto: i) um capítulo de livro, escrito em coautoria com a Prof.^a Mônica Zoppi-Fontana, supervisora do pós-doc, intitulado *Sou mulher, ele sim*: identificação e lugares de enunciação; e ii) um artigo em periódico, intitulado *Sou mulher de verdade, empoderada, feminina*: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico;

• *Entre o controle tecnológico e os deslizamentos de sentido*: o discurso de movimentos conservadores, que é o meu projeto de pesquisa atual, com financiamento de bolsa produtividade do CNPq, e que se encerra em agosto de 2025. Como ainda está em desenvolvimento, há produções que ainda serão publicadas. Mas posso destacar, até o momento, a produção de um capítulo de livro (*O funcionamento da memória no discurso político atual*: os efeitos do autoritarismo na democracia), a organização de uma coletânea de entrevistas bilíngue (*Diálogos com analistas do discurso*: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje/*Dialogues avec des analystes du discours*: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui) e de um artigo em periódico (*Da evidência ao absurdo*: os efeitos da memória nos sentidos do enunciado “Intervenção Federal”). Essas duas últimas produções em coautoria com Thiago César da Costa Carneiro, meu orientando de doutorado.

¹³ Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1776>. Acesso em: 07 jul. 2025.

Dóris de Arruda C. da Cunha
Evandra Grigoletto
Suzana Leite Cortez
(Orgs.)

REPRESENTAÇÃO DOS DIZERES NA CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS



Pontes

Imagem da capa do livro, organizado por mim, por Doris Cunha e Suzana Cortez, resultado do projeto CAPES-COFECUB.



Registro do lançamento do livro *Representação dos dizeres na construção dos discursos*, numa ENANPOLL, em Goiânia, 2018. Na foto, da esquerda para a direita, eu e Suzana.



Registro do lançamento do livro *Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas*, durante o SEDISC, em 2017, na UNISUL. Na foto, da esquerda para a direita, Phellipe Marcel, da UFF, que também estava lançando um livro, e eu.



Registro do lançamento do livro *Trajeto de sujeitos e sentidos: discurso, história, revolução*, durante o XI SEAD, em 2023, na UFPE. Na foto, da esquerda para a direita, Helson e eu.

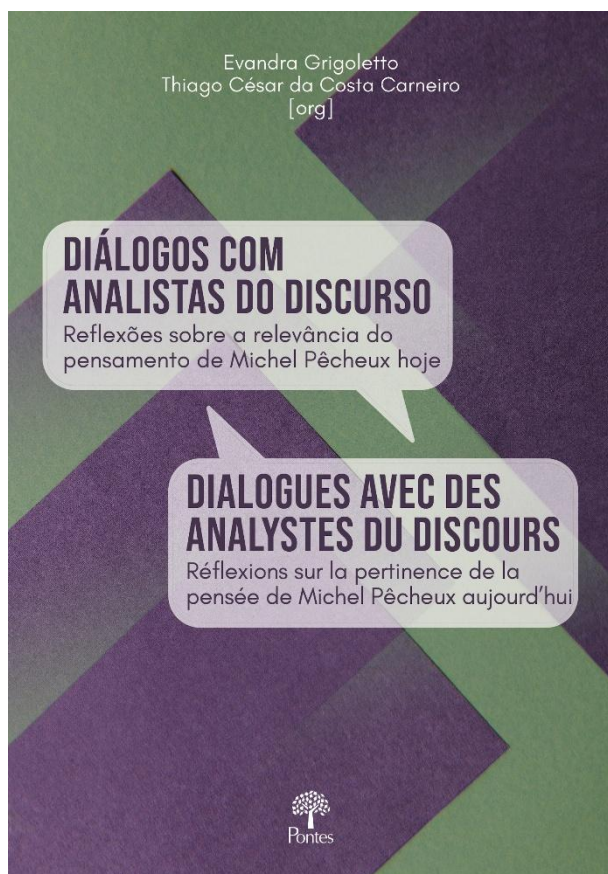


Imagem da capa do livro de entrevistas bilíngue (português-francês) *Diálogos com Analistas do Discurso*, organizado por mim e por Thiago César da Costa Carneiro.

Ainda, fazendo um exercício de olhar para os dados apresentados na tabela do Apêndice I, fiz um mapeamento das principais noções que abordei na minha produção intelectual nesse período da UFPE, a partir dos títulos apresentados. Talvez não por coincidência, uma das noções que escolhi para guiar esse memorial é a mais recorrente em títulos da minha produção: memória. E, vinculada à memória, estão outras noções correlatas como (re)atualização, esquecimento, apagamento. Para trabalhar com a noção de memória, analisei discursos sobre a figura do cangaceiro e do compadrito, enunciados políticos como *Não vamos desistir do Brasil*, *Somos todos Petroleiros*, *Não pense em crise, trabalhe*, *Ele Não*, *Intervenção Federal*, entre outras materialidades. Também a memória está presente no artigo *Entre*

memória e atualidade: a história do SEAD se enlaça com nossas trajetórias, publicado, em 2023, no último livro do SEAD (evento que detalharei no tópico seguinte), em coautoria com Fabiele De Nardi, no qual narramos as nossas memórias pessoais do SEAD, apresentando um pouco da nossa trajetória enquanto docentes da UFPE e nossa contribuição na formação de novos doutores no âmbito da nossa pós-graduação. E, para trazer um pouco da reflexão que produzi sobre essa noção, decidi recortar o parágrafo final do artigo, escrito por mim e Fabiele, no qual analisamos o enunciado “somos todos petroleiros”, e que resultou de nossa apresentação de um dos SEADs:

Embora entendamos, no campo da Análise do Discurso, que o esquecimento estrutura a memória, no caso em análise, o apagamento, que é da ordem do político-institucional, leva ao esquecimento de um acontecimento¹⁴ que não mais produz identificação nem mesmo para o grupo no qual ele foi gestado. Trata-se de um esquecimento que funciona, não pela presença-ausente, mas pela ausência mesmo, pela inexistência da sua retomada. Ou seja, trata-se de uma memória esquecida, que não retorna, e que só significa pela sua ausência, pelo modo como a memória institucional (os arquivos do sindicato) administra os sentidos desse acontecimento (Grigoletto; De Nardi, 2019, p. 218-219).

A segunda noção mais recorrente é a de resistência, a qual está ligada à noção de (des)identificação. Nas minhas produções, analisei a resistência na política, no digital, pelo viés do humor, como forma de estancar a censura, mas também analisando as *fake news* como forma de frear/estancar os discursos de resistência.

Destaco, ainda, um outro conjunto de noções que estão, de alguma forma, relacionadas à noção de sujeito, que não é tão recorrente nos títulos, mas que atravessa, eu diria, a minha produção. São elas: identificação,

¹⁴ O acontecimento a que nos referimos aqui foi a greve dos Petroleiros de 1995, uma greve histórica, que durou mais de 30 dias e impediu a privatização, na íntegra, da Petrobrás, durante o governo Fernando Henrique Cardoso.

aderência, lugares de enunciação, figuras identitárias, identidade, alteridade, subjetivação, subjetividades, herói e processos de heroicização.

Outras noções também aparecem com certa frequência, como autoria, discurso político, imagens/imaginário, enunciado, silenciamento entre outras. Mas, antes de finalizar esse breve panorama, chamo a atenção para um último conjunto de palavras que comparecem nos títulos das minhas produções e que funcionam, de alguma forma, como efeito metafórico¹⁵, nos termos de Pêcheux ([1969] 2019) de virtual: discursos em rede, virtual, digital, *on-line*, espaço virtual, ciberespaço, novas tecnologias, ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), *hashtags*. E essa foi uma das noções que persegui e que fizeram parte das minhas pesquisas ao longo da minha trajetória na UFPE, o que justifica eu ter criado um núcleo de pesquisa com espaço virtual no título, o NEPLEV (Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual), e do qual eu falo também no próximo tópico. O espaço virtual¹⁶, uma noção que cunhei, é, junto com a noção de lugar discursivo, uma das mais citadas da minha produção. Para pensar nessa noção, parti de uma discussão que havia feito na minha tese de doutorado sobre espaço empírico e espaço discursivo, propondo que o virtual seria um espaço que se constitui no entremeio desses outros dois espaços. Trago aqui um recorte dessa minha reflexão:

[...] o espaço virtual tem provocado efeitos não só nas práticas sociais presentes no espaço empírico, mas também nas práticas discursivas que constituem o espaço discursivo, não podendo, portanto, ser tomado como simples sinônimo do espaço discursivo. Ele se caracteriza pelo entrelaçamento das práticas sociais e discursivas,

¹⁵ Pêcheux ([1969] 2019, p. 54, grifos do autor) chama de *efeito metafórico* “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* é constitutivo do “sentido” designado por *x* e *y*.”

¹⁶ Assim como gravei um videoverbete sobre lugar discursivo para a Encidis, também gravei um videoverbete sobre espaço virtual. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=ChfstYlnCOo>. Acesso em: 7 jul. 2025. O vídeo tem mil visualizações.

inscrevendo-se no entremeio do espaço empírico e discursivo, formando uma teia discursiva não-linear, saturadas de links, nós, lacunas que supostamente possibilitam a deriva de sentidos para qualquer direção. Supostamente porque, embora links, imagens e outras materialidades presentes nas discursividades que circulam na rede, apontem si para a deriva de sentidos, para outras possibilidades de leituras, os percursos de leitura e, por sua vez, dos sentidos são direcionados, controlados. O espaço virtual constitui-se assim num espaço simbólico, marcado por contradições, por silenciamentos, por múltiplas vozes (algumas anônimas, outras não) que se (con)fundem numa trama de sentidos (Grigoletto, 2011, p. 53).

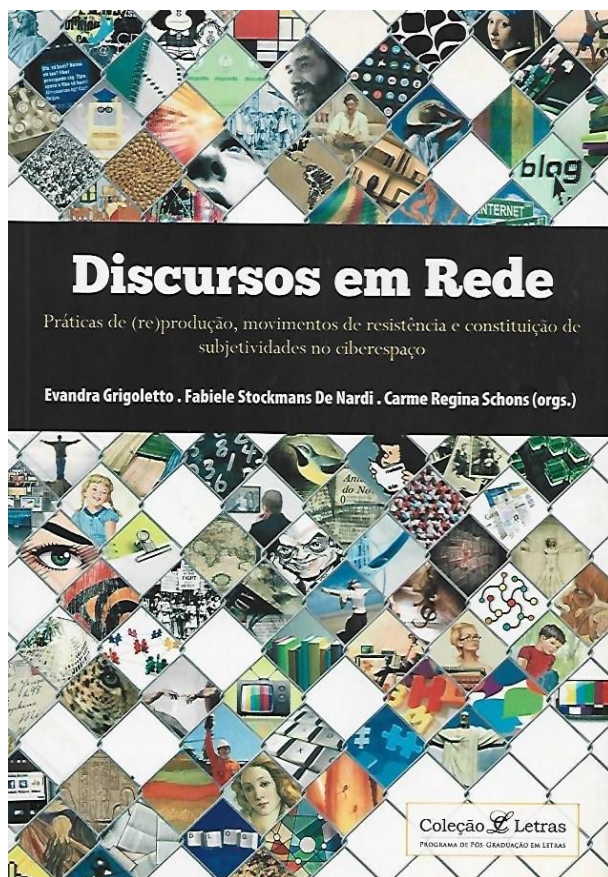


Imagem de capa do livro *Discursos em rede*, que organizei com Fabiele De Nardi e Carme Schons (*in memoriam*). Foi no capítulo que escrevi para esse livro que discuti a noção de espaço virtual.

Foi partindo também dessa reflexão sobre o funcionamento do virtual que tenho trabalhado, mais recentemente, com os efeitos do capital nos discursos em rede, pensando sobretudo a questão do controle que se produz sobre os sujeitos. Assim, durante a minha pesquisa de pós-doutoramento, na qual analisei discursos de mulheres eleitores de Bolsonaro, a partir de duas páginas do *Facebook*, cheguei à reflexão sobre o funcionamento do que eu chamei de engodo tecnológico. Vejamos, também, um recorte dessa minha reflexão:

Entendo esse engodo tecnológico a partir do controle produzido sobre os sujeitos pelos algoritmos do Facebook, que buscam, independentemente da filiação ideológica, os dados individuais, ou dados residuais, dos seus usuários, visando ao lucro. [...] O engodo tecnológico, então, alicia o sujeito entregando a promessa de sucesso, de liberdade, de livre escolha, apagando os efeitos, próprios do discurso neoliberal, da autoexposição e autoexploração a que esses sujeitos estão submetidos.

[...] as mídias sociais, tomadas como máquinas de produzir egos narcisistas, produzem deslocamentos nos processos de identificação do sujeito. É na contradição entre o engodo tecnológico e o engodo ideológico, sobredeterminadas pela lógica do capitalismo da vigilância, que essas mulheres se identificam com/pelo gênero feminino, declarando-se *mulher*. Ao se identificarem com uma representação específica sobre o *ser mulher*, [...] reduplicam o discurso machista, excludente, opressor, produzido por seu candidato e seus apoiadores (Grigoletto, 2021, p. 196; 198).

Por fim, para encerrar esse tópico e também a leitura que fiz da fotografia da minha produção, gostaria de voltar à questão das produções em coautoria, as quais, como mencionei acima, são quase 80% da minha produção. Entendo que a escrita em coautoria não representa um desmérito da minha produção acadêmica, ao contrário do que, talvez, diriam alguns(mas) colegas, mas sim uma representação das relações e parcerias que estabeleci ao longo desses anos. Como fui demonstrando, as produções em coautoria são frutos de projetos de pesquisa coletivos desenvolvidos, com parcerias entre diferentes instituições brasileiras e até estrangeiras,

fruto de parcerias em coordenações de simpósios de eventos como o SEAD, frutos de trabalhos de orientação e, em última instância, fruto de convites recebidos pelo reconhecimento do nosso trabalho. Nesse último caso, se enquadra o capítulo de livro intitulado *Análise do Discurso no Nordeste: filiações teóricas e institucionais*, que escrevi em coautoria com Fabiele De Nardi, Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL) e Pedro Farias Francelino (UFPB), no qual, a convite do prof. Cléber Ataíde, então Presidente do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), produzimos um texto para fazer um mapeamento das pesquisas desenvolvidas, na área do discurso, nos últimos 20 anos no Nordeste.

E foi assim que trilhei os (muitos) caminhos da produção científica nesses 16 anos de UFPE.

A criação do NEPLEV, o SEPLEV e o SEAD

Sabemos, como pesquisadores(as) do Ensino Superior, que a pesquisa não se faz sem que estejamos vinculados(as) a um grupo de pesquisa. Para qualquer edital de fomento em que nos inscrevemos, é preciso que estejamos vinculados(as) a um grupo de pesquisa que seja cadastrado no Diretório do Grupo de Pesquisas do CNPq, sendo essa também uma exigência para o credenciamento docente na Pós-Graduação. Como mencionei no capítulo 3 deste memorial, na época do meu doutorado na UFRGS, criamos um grupo de pesquisa lá – o GEPAD –, que era liderado pela Solange Mittmann. Mas, à medida que nós fomos nos doutorando, cada uma indo para uma instituição diferente, o grupo acabou se dissipando e não fazendo mais sentido, até que decidimos descontinuá-lo. Como também já relatei no início deste capítulo, cheguei na UFPE no início de 2009 e me credenciei na Pós-Graduação no final desse mesmo ano.

Em 2010, já como coordenadora do programa (e essa é uma história que conto no próximo tópico), decidimos criar o nosso próprio grupo de pesquisa.

Eu, Fabiele, Ricardo e Inara, coincidentemente todos(as) gaúchos(as) e todos(as) concursados(as) para vagas do EaD, começamos a vislumbrar um grupo de pesquisa que reunisse os nossos diferentes interesses, já que Inara e Ricardo são pesquisadores da área de Literatura. Também havia chegado à UFPE outra colega gaúcha, Joice Armani Galli, para a área do francês. Depois de algumas reuniões de discussão e conversas pelos corredores do CAC, entendemos que teríamos de propor um grupo que abrigasse diferentes perspectivas teóricas e que tivesse temáticas comuns de interesse que pudessem dialogar. Foi assim que surgiu o NEPLEV (Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual). O espaço virtual era o que, de alguma forma, nos unia e as práticas de linguagem eram amplas o suficiente para abrigar discussões de campos teóricos distintos, mas sem se limitar às práticas de linguagem do espaço virtual. Como podemos ler na descrição do grupo que está na nossa página¹⁷: “O interesse comum dos pesquisadores do grupo são as práticas discursivas em suas diferentes manifestações, com especial atenção àquelas emergentes do espaço virtual.”. Decidimos, então, que o núcleo abrigaria três diferentes linhas de pesquisa: *Ensino de línguas e literatura: práticas de letramento e movimentos de interlocução*, *Práticas de subjetivação e movimentos identitários*; e *Práticas discursivas no/do espaço virtual*. Esboçamos a proposta, decidimos que eu e Fabiele seríamos as líderes do grupo, e submetemos à aprovação nas instâncias da UFPE, ao mesmo tempo em que cuidávamos do registro do grupo junto ao CNPq. Depois de criado o grupo, além de vincular nossos(as) orientandos(as) daquele momento, entendemos que era importante convidarmos também docentes de outras IES para participar do grupo. Como mencionei lá no item das atividades de orientação, boa parte dos(as) doutores(as) que formamos

¹⁷ O site do núcleo é www.neplev.com.br. Lá se encontram todas as publicações do núcleo, bem como os(as) integrantes, as linhas de pesquisa e suas descrições, entre outras informações. Há algumas informações no site que precisam ser atualizadas, mas o desenho do grupo e suas principais atividades estão lá publicadas.

permanecem no grupo, mudando da categoria de discentes para docentes, após a defesa da tese.

Ricardo Postal, depois de um tempo, decidiu sair do grupo e formar seu próprio grupo de pesquisa. Justificou sua saída alegando que o NEPLEV tinha muito mais pesquisadores(as) de AD, com pouco espaço para literatura. Sua saída, no entanto, não representou o rompimento de nossas ligações de trabalho conjuntos. Continuamos a desenvolver projetos de pesquisa em parceria. Exemplos mais recentes são dois projetos que submetemos ao CNPq e à CAPES, envolvendo colegas também de outras IES, com a temática das migrações. E a justificativa do Ricardo é plausível. Talvez, isso se justifique porque as duas líderes, eu e Fabiele, atuam na área do discurso. De fato, atualmente, temos somente duas pesquisadoras da Literatura, mas já tivemos um número bem maior em outros momentos. Eu e Fabi, inclusive, já discutimos sobre isso, questionando-nos se deveríamos mudar o escopo do grupo, mexer nas linhas de pesquisa *etc.* Mas entendemos que não, porque a característica multidisciplinar com a qual o grupo nasceu permanece no nosso horizonte das atividades desenvolvidas. Em todos os SEPLeVs (Seminários de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual), evento diretamente vinculado à proposta do grupo, que realizamos, bem como as publicações deles decorrentes, buscamos manter esse diálogo com outras áreas, não só a literatura. Atualmente, somos 5 pesquisadoras da UFPE, 2 da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), 2 da UFAL, 2 da UFF, 2 do IFRN, 1 da UFRGS, 2 da UESC, 1 da UFSB, 1 da UFS, 1 do IFRS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul), 1 da UNEB, 1 do IFPE, 1 do IFS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sergipe), 1 do IFCE, totalizando 23 pesquisadores(as) e 14 diferentes instituições. Trata-se, portanto, de um grupo bastante diversificado em termos de representação institucional.

No início das atividades do grupo, eu e Fabi conseguíamos nos reunir semanalmente com nossos(as) orientandos(as) para discutir textos teóricos, além de discutir outros textos com temáticas comuns aos colegas da literatura,

como foi o caso da noção de herói, o que se desdobrou, depois, numa proposta de um projeto para o edital Universal do CNPq que foi aprovada, conforme destaquei no item anterior. Mas, infelizmente, as inúmeras atividades que todos(as) nós fomos assumindo na Universidade não mais nos permitiram esses encontros com essa regularidade. O grupo também aumentou bastante de tamanho, sobretudo dos(as) discentes vinculados(as), o que acaba dificultando o encontro em horários comuns. Com a chegada da nossa colega Fernanda Galli, em 2019, essa dificuldade acabou se ampliando ainda mais. Fernanda se integrou ao NEPLEV logo depois da sua chegada à UFPE, e tem sido uma parceira incrível de trabalho. O que temos feito, atualmente, são mais reuniões individuais, cada uma das três com o seu grupo de orientandos(as). Mas ainda temos o desejo de voltar a ter encontros mais regulares; Fabi e eu falávamos disso no *Colloque Actualité de Michel Pêcheux*, evento que participamos em fevereiro de 2025, em Paris. Quem sabe, agora, que as duas estão liberadas da gestão, a gente não consiga.

Mas, independentemente da regularidade dos encontros para discussão de textos teóricos, as atividades do NEPLEV permanecem e se fortaleceram ao longo desses anos. A principal atividade que criamos e que está diretamente vinculada ao grupo é o SEPLEV (Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual), um evento bianual que foi pensado como um momento para reunir, além de pesquisadores(as) convidados(as), os(as) pesquisadores(as) das diferentes instituições brasileiras que compõem o NEPLEV. E já realizamos, em 2024, a VII edição deste evento¹⁸.

Pensamos, inicialmente, no SEPLEV, como um evento pequeno, de um dia apenas, para o qual chamaríamos alguns(mas) convidados(as) para discutir os trabalhos dos(as) nossos(as) orientandos(as). Para que pudéssemos contemplar diferentes perspectivas teóricas, tínhamos de pensar numa noção

¹⁸ Registros dessa e outras edições do evento podem ser encontrados no perfil do Instagram do grupo: [neplev.ufpe](https://www.instagram.com/neplev.ufpe).

que pudesse ser observada sob múltiplos olhares. Assim, surgiu o tema do I SEPLEV, realizado na UFPE, em 2012: *Identidade e espaço virtual: múltiplos olhares*. Participaram desse evento alguns colegas que nos acompanham desde a fundação do núcleo e que continuam sendo pesquisadores do NEPLEV: Silmara Dela Silva (UFF) e Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL). Como o primeiro seminário rendeu discussões muito boas, decidimos que manteríamos o evento com realização bianual. Assim, em novembro de 2014, novamente na UFPE, mas já com mais atividades na programação e mais dias, realizamos o II SEPLEV, com a temática *Memória, história, arquivo: fronteiras e intersecções*.

A terceira edição do evento foi realizada em outubro de 2016, na UFAL, com o tema *Imaginário, sujeito, representações*, tendo sido organizado pelo colega Helson da Silva Sobrinho, com o nosso apoio. A quarta edição foi organizada pela colega Silmara Dela Silva, na UFF, em novembro de 2018. Com o tema *Discursos de resistência: literatura, cultura, política*, o seminário iniciou numa segunda-feira, após a eleição de Jair Bolsonaro. Lembro de ter pegado um avião em Recife, quando a eleição ainda estava rolando, e ter desembarcado no Rio, no Galeão, já com Bolsonaro eleito. Algumas pessoas estavam comemorando no avião e eu quase chorando. Entrei calada dentro do táxi e fui até à casa da Bethania (dormi lá essa noite), enquanto as pessoas comemoravam na rua a vitória do inominável. Solange Mittmann estaria numa mesa do evento, com um colega da área de comunicação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e ela desistiu de ir em função do resultado das eleições. Como nos comunicou só no dia anterior, não tínhamos mais como arranjar um(a) substituto(a). Então, eu, que ia coordenar a mesa, acabei apresentando um texto meu que já estava pronto, no qual eu trabalhei com o enunciado *#MariellePresente*. Mas, apesar de todos nós estarmos muito decepcionados(as) e desesperançosos(as) com a eleição do Bolsonaro, foi um evento lindo, no qual discutimos a questão da resistência, uma ação que teríamos que passar a encarar enquanto pesquisadores(as) a partir daquele momento.

Em 2020, o evento voltaria a ser realizado na UFAL, mas, em função da pandemia da COVID-19, foi realizado, pela primeira vez, de maneira remota, e sem apresentações de trabalho. Decidimos enxugar a programação e organizar o V SEPLEV somente com mesas-redondas, a partir da temática *Tensões entre o urbano e o digital: discursos, arte, política*.

Em 2022, eu anunciei aos(às) colegas do grupo que não teria condições de organizar o evento, porque estava, mais uma vez, coordenando a nossa pós-graduação, além de outras atividades que eu havia assumido. Provoquei Flávia e Mizael, ex-orientandos de doutorado da Fabiele e docentes da UFRPE, a organizar o evento lá, mas eles não toparam. Então, para que a 6ª edição do evento não deixasse de existir, Fernanda Galli e André Cavalcante resolveram organizar uma edição do evento, mais ou menos nos mesmos moldes da primeira, com um dia somente de programação e com a apresentação dos trabalhos dos(as) nossos(as) orientandos(as). Com o tema *Desafios para democracia: entre o sujeito, o poético e a política*, o VI SEPLEV foi realizado no dia 5 de dezembro de 2022, na UFPE.

A sétima edição do evento voltou ao seu formato tradicional, com 3 dias de programação e com as atividades, majoritariamente, presenciais, mas com a possibilidade de algumas sessões coordenadas acontecerem de forma remota. O VII SEPLEV, que teve como tema *Discursos em confronto: sujeito, deslocamentos*, foi coordenado por Anderson Lins Rodrigues, meu ex-doutorando da UFPE, e agora pesquisador do NEPLEV, e aconteceu na UESC, em Ilhéus. Foram 3 dias de discussões calorosas, com muitos(as) inscritos(as), o que nos deixou muito contentes.

Como se pode perceber, todas as temáticas das 7 edições do SEPLEV contemplaram temas que podem ser discutidos a partir de diferentes perspectivas teóricas, sendo que a programação de todas as edições contemplou trabalhos também de literatura, e mesas-redondas com convidados(as) de áreas correlatas, como história, comunicação, entre outras. Foi por essa característica do evento que eu e Fabi entendemos que não

deveríamos mexer na caracterização do núcleo, nem em suas linhas de pesquisa. Essa diversidade teórica também pode ser observada nas publicações resultantes do evento: os [anais](#) e os *e-books*, disponíveis na página do núcleo.

Acabamos de publicar os anais do VII SEPLEV, e estamos trabalhando na organização do *e-book* com alguns trabalhos selecionados dessa mesma edição, com previsão de lançamento ainda neste ano de 2025. Somente não disponibilizamos os anais da 5ª e 6ª edições, porque foram edições atípicas, como expliquei acima.

Abaixo, podemos visualizar as capas de todos os *e-books* organizados a partir das diferentes edições do evento. A capa e a diagramação, bem como a identidade visual das 7 edições do evento, foram realizadas por Carolina Pires, minha ex-doutoranda e também pesquisadora do núcleo.



Capas dos *e-books* organizados a partir das edições de 2012 e 2014 do SEPLEV.



Capas dos *e-books* organizados a partir das edições de 2016, 2018 e 2020 do SEPLEV.



Registro de um minicurso, ministrado por mim e por dois doutorandos meus à época, e hoje pesquisadores do NEPLEV, Rita Kramer e Thiago França, durante o III SEPLEV, na UFAL, em 2016. Na foto, da esquerda para a direita, eu, Rita e Thiago, e alguns(mas) alunos(as) de costas, que assistiam ao minicurso.



Registro da minha participação no III SEPLEV, em Maceió, 2016. Na foto, da esquerda para a direita, Fabiele, Belmira, Helson e eu.



Registro da mesa de abertura do IV SEPLEV, na UFF, em Niterói. Na foto, da esquerda para a direita, eu, Mônica Savedra (acredito que a coordenadora da pós em Estudos da Linguagem da UFF, à época), Silmara Dela Silva e um(a) estudante que fazia a assistência técnica.



Registro da minha participação no VII SEPLEV, em Ilhéus, BA, em setembro de 2024. Na foto, da esquerda para a direita, Fabiele, Anderson Lins, coordenador dessa edição do evento, e eu.

Passo, agora, a narrar um pouco da história do SEAD (Seminário de Estudos em Análise do Discurso) e do meu envolvimento com esse evento. Embora não seja um evento vinculado diretamente ao NEPLEV, como é o SEPLEV, a partir do momento que assumimos a organização do evento, em 2013, naturalmente o vinculamos ao nosso grupo de pesquisa. Como já relatei no capítulo em que falo da minha passagem como aluna da UFRGS, o SEAD teve a sua primeira edição em 2003, quando eu ainda era aluna de doutorado. De lá para cá, foram 11 edições, sendo 6 realizadas na UFRGS (2003, 2005, 2007, 2009, 2011 e 2013) e 5 aqui na UFPE (2015, 2017, 2019, 2021 e 2023) comigo e Fabiele alternando a coordenação geral, mas sempre trabalhando juntas.

Participei de todas as edições desse evento e tenho um carinho especial por ele (aliás, acho que muitos(as) analistas de discurso pecheuxtianos(as) também têm), já que se trata de uma proposta diferenciada: um evento com o mínimo de programação simultânea, organizado a partir de mesas-redondas, simpósios temáticos e sessões de comunicações coordenadas, com debates muito qualificados. E o único, creio eu, que discute trabalhos dentro de um escopo teórico bem definido: a Análise do Discurso materialista, ou pecheuxtiana.

Na UFRGS, quem sempre esteve à frente do evento foi a Kitty, juntamente com Freda e Solange Mittmann. Mas, depois de organizar 6 edições, de Freda já estar aposentada, Kitty entendeu que deveria passar a organização para outras pessoas, uma vez que se tratava de um evento já consolidado. Então, para nossa alegria, ela nos consultou (eu e Fabi) para saber se gostaríamos de trazer o evento para a UFPE. Eu e Fabi estávamos grávidas do Mateus e do Chico e, por isso, ficamos um pouco receosas de aceitar em um primeiro momento. Mas fizemos os cálculos e Mateus e Chico já teriam quase dois anos quando a primeira edição em Recife iria acontecer. Então, decidimos encarar o desafio para a alegria dos(as) nossos(as) orientandos(as) que adoraram a notícia e se comprometeram a nos ajudar na organização. É tradição do SEAD fazermos um balanço ao final de cada edição, para avaliarmos o que funcionou, quais os encaminhamentos para o próximo, que temáticas devem voltar *etc.* Então, tínhamos combinado com Kitty que ela faria o anúncio somente no balanço. Somente eu tinha ido ao evento, já que Fabi teve uma gravidez de risco e não eram recomendadas viagens. Quando Kitty fez o anúncio no balanço, lembro bem do tumulto... a notícia não foi muito bem aceita, sobretudo pelo(as) colegas das universidades da região sul. Lembro de Solange Gallo dizendo: - Mas como Evandra vai assumir a organização do SEAD estando grávida?! Eu não deveria nem ter respondido a essa pergunta, mas disse que Mateus já teria 1 e meio, e que eu estava ciente do desafio. Nesse momento, eu nem sabia

qual era o sexo do bebê, nem que se chamaria Mateus, já que estava bem no início da gravidez, como podemos ver na foto abaixo.



Registro da minha participação no VI SEAD, em Porto Alegre, em 2013, ano em que assumi a coordenação do evento, trazendo-o para a UFPE. Na foto, da esquerda para a direita, André Cavalcante, eu, Fabiana Nascimento e Felipe do Nascimento. Todos(as) nossos(as) alunos(as) no PPGL-UFPE.

Aceito o desafio, já começamos a nos organizar e pensar a realização da 7ª edição do evento. Nosso grupo de orientandos(as) foi maravilhoso e nos ajudou muito na organização. Destaque, mais uma vez, para a Carolina Pires, que cuidou da identidade visual e de todas as informações do *site* e redes sociais; aliás, ela cuida até hoje. O VII SEAD foi realizado no CAC, de 13 a 15 de outubro de 2015, com o tema *Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Abaixo, uma foto que foi postada por minha aluna de doutorado na época, Rita Kramer, com a seguinte legenda: "Amanhã cedo começa o VII SEAD – sentindo-se emocionada com Evandra Grigoletto."



Registro dos preparativos do VII SEAD, em 2015. Na foto, da esquerda para a direita, Rita Kramer e eu. Acima, a faixa do evento que nós tínhamos acabado de colocar em frente ao CAC.

O VIII SEAD foi realizado em 2017 e decidimos que realizaríamos em outro centro, devido a algumas dificuldades de infraestrutura do CAC. Com o tema *O político na Análise do Discurso: contradição, silenciamento, resistência*, a 8ª edição do evento aconteceu no auditório do CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas), de 12 a 15 de setembro de 2017. Abaixo, seguem alguns registros dessa edição e que mostram o envolvimento de toda a comissão organizadora do evento.



Registro da minha fala na mesa de abertura do VIII SEAD, em 2017.



Registro do balanço final do VIII SEAD, no auditório do CCSA. Na foto, toda a comissão organizadora do evento. Da esquerda para a direita, Thiago França, Fabiana Souza, Camila Lucena, Lucirley Alves, Leonardo Gueiros (está escondido, mas acredito que seja ele), Marina Gomes, André Cavalcante, Carlos Barbosa, Mizael Nascimento, Fabiele De Nardi, eu, Anderson Lins e Flávia Farias.

A 9ª edição ocorreu em 2019, de 11 a 14 de novembro, dessa vez no auditório do Litpeg (Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia), e teve como tema *A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019*. A temática dessa edição fazia referência aos 50 anos da publicação da obra fundadora da AD: *Análise automática do discurso*, de Michel Pêcheux. Fernanda tinha chegado nesse ano na UFPE e já nos ajudou na organização. A UFAL também começou a fazer parte da organização do SEAD, tendo o Prof. Helson Flávio da Silva Sobrinho como representante. Fabiele foi a coordenadora geral nesse ano porque eu estava afastada oficialmente para pós-doc.



Registro da minha apresentação no IX SEAD, com Fernanda, minha coautora.

A décima edição deveria ser uma edição comemorativa, e assim o fizemos, mas, devido à Pandemia, essa foi a única edição do evento totalmente remota. E, devido ao formato, não conseguimos financiamento de nenhuma agência de fomento para o evento, o que aumentou nosso desafio. Levando em conta o fato de ser uma edição comemorativa, o tema geral do evento foi: *X SEAD: entre memória e atualidade*. Resolvemos, considerando o formato remoto, e a densidade das discussões que normalmente temos no SEAD, realizá-lo em 3

semanas, com programação tarde e noite, em dias alternados¹⁹, para que não ficasse tão cansativo. Organizamos também um vídeo comemorativo, com depoimentos de diferentes pessoas que fizeram/fazem parte do SEAD e registros de edições anteriores, que foi exibido na abertura do evento, e um mural de memórias, que está disponível ainda na página do evento.

A última edição organizada na UFPE foi em novembro de 2023, com a coordenação geral da Fabiele, outra vez no CCSA, e teve como tema geral *Escutas do (in)dizível: formação social, ideologia, real*. Nessa última edição realizada na UFPE, eu não consegui ficar a semana inteira, já que coincidiu com as datas do Seminário de Meio Termo da CAPES, e eu era a coordenadora do nosso programa. Nessa última edição, eu e Fabiele nos sentimos mais sozinhas na organização, já que muitos dos(as) nossos(as) orientandos(as) que nos ajudavam na organização do evento tinham se titulado, estavam atuando em suas instituições, com as suas próprias atribuições, e já não tinham mais o mesmo envolvimento com o SEAD. Decidimos, então, que seria a hora de passar o bastão para uma outra IES para que continuasse com a organização das próximas edições. Pensamos logo na UFAL e no Helson, que sempre foi nosso parceiro de SEAD. Fizemos, então, a consulta a ele, e, depois, conversamos com a Kitty sobre a nossa decisão. O anúncio, como da outra vez, foi feito no balanço, no qual eu, lamentavelmente, não estava presente. Os(as) nossos(as) alunos(as) fizeram uma homenagem para mim e para Fabi, com direito a um texto lindo que escreveram e muita choradeira, segundo os relatos. Mesmo não estando presente nesse momento, recebi com carinho e muita alegria essa homenagem. Bem, o SEAD está de casa nova e nós já estamos nos preparando para vivenciar mais uma edição desse lindo evento, dessa vez em Maceió, de 20 a 24 de outubro de 2025, com o tema *Efeitos do capital no discurso: é preciso ousar se revoltar*.

¹⁹ Todas as apresentações dessa edição comemorativa do evento podem ser visualizadas no seguinte endereço: www.youtube.com/watch?v=_6U_C_UyQLw&list=PLfFhM9y-L_Kr0bsQKGnGWfn40UKRFR4o.

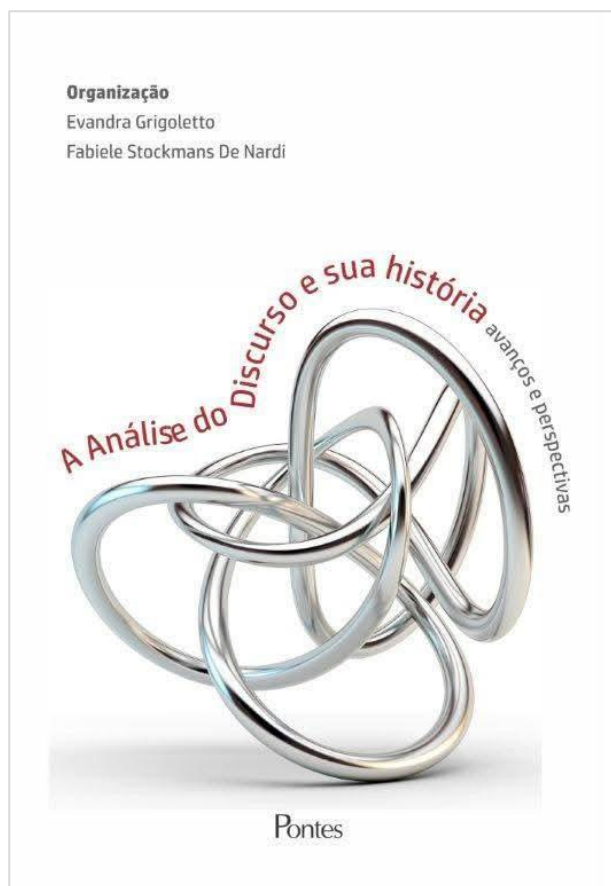


Registro da minha presença no XI SEAD, na UFPE. Na foto, da esquerda para a direita, eu e Gerencie Cortes, minha ex-aluna de doutorado, primeira doutora que formei na UFPE.

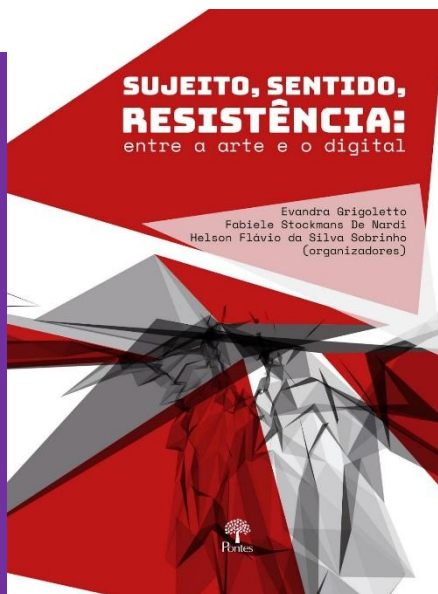


Registro da mesa de abertura do XI SEAD. Na foto, da esquerda para a direita, eu, Nidia Máximo, nossa chefe de Departamento à época, Luciana Leal, nossa Diretora de Pós-Graduação, Fabiele e Murilo Silveira, nosso diretor do CAC.

Quero ainda registrar que costumamos organizar um livro com alguns textos selecionados, a partir de cada edição do evento. O livro, normalmente, é publicado e financiado pela Editora Pontes, já que se trata de um livro que sempre vende muito bem. Abaixo, estão as capas de todos os livros que organizamos, a partir das edições realizadas na UFPE.



Capa do livro, organizado por mim e Fabiele, com alguns dos trabalhos apresentados durante o VII SEAD.



Capas dos livros, organizados por mim, Fabiele e Helson, com alguns dos trabalhos apresentados durante o VIII SEAD.



Capa do livro, organizado por mim, Fabiele e Helson, com alguns dos trabalhos apresentados durante o IX SEAD.



Capa do livro, organizado por mim, Fabiele, Helson e Fernanda, com alguns dos trabalhos apresentados durante o X SEAD. Como se tratava de uma edição comemorativa, decidimos utilizar na capa do livro todas as identidades visuais das 10 edições do SEAD.

Os (des)caminhos da gestão acadêmica

Como mencionei no início deste capítulo, assumi o cargo de vice coordenadora do Curso de Letras à Distância logo depois que assumi na UFPE. E me credenciei no PPGL no final de 2009. Ângela Dionísio estava encerrando o seu mandato de coordenadora, depois de ter ficado 4 anos à frente da coordenação do PPGL (2006-2010), e veio conversar comigo para que eu me candidatasse à coordenação, uma coisa que sequer estava no meu horizonte. Relutei bastante para aceitar o convite, utilizando a desculpa de que eu já estava na vice-coordenação do EaD, de que, embora eu tivesse experiência na pós-graduação, não tinha nenhuma experiência em gestão. Além disso, ninguém queria ser o(a) meu(minha) vice, até porque eu nem conhecia bem ainda os(as) colegas, já que tinha acabado de chegar na instituição. Mas Ângela não desistiu, disse que um(a) vice para o EaD seria

bem mais fácil de conseguir, articulou com outros(as) colegas e convenceu Judith Hoffnagel a ser minha vice. Judith já tinha estado na gestão outras vezes, mas estava prestes a se aposentar. Anco Márcio e Kazuê Saito se comprometeram a continuarem na editoria da Revista Investigações, já que, tradicionalmente, era o(a) vice do programa que costumava assumir essa função. Anco Márcio era o vice de Ângela. Apesar de estar receosa de assumir esse desafio, acabei aceitando e eu e Judith organizamos nosso plano de gestão para a candidatura. Mas um outro desafio se impôs: uns dias antes da eleição acontecer, descobri que estava grávida da Isadora. Mas, a essas alturas do campeonato, não tinha mais como desistir. Então, no dia da eleição, dei a notícia à Judith, que a recebeu com alegria, apesar de não ter gostado de saber que teria que assumir a coordenação do programa durante a minha licença-maternidade. Não lembro exatamente o dia da eleição, mas Isadora nasceu em dezembro de 2010, então, fiquei nove meses na coordenação até sair de licença no final de 2010. Ou seja, foi mais ou menos o tempo para eu me situar sobre o que era coordenar um Programa de Pós-Graduação.

Quando voltei da licença-maternidade, tinha o desafio de administrar a maternidade com os compromissos da gestão e da docência, porque ser gestor(a) na Universidade significa você acumular funções, recebendo uma gratificação que é pífia (hoje, R\$ 1.078,00) em relação às demandas que o cargo exige. Você não deixa de orientar, de dar aulas, de publicar, de participar de bancas *etc.* para ser gestor(a). O único benefício que ganhamos é a redução da carga horária em sala de aula. Foi fácil? Nem um pouco, mas acredito que consegui conciliar os diferentes lugares sociais, para usar um termo da AD, de maneira satisfatória. Claro que isso incluiu finais de semana de trabalho, e Isadora “lendo” e riscando meus papéis e as teses e dissertações que eu lia. Lembro de um episódio em que Isadora riscou uns formulários de aceite de colegas da UFPE para compor o corpo docente do PROFLETRAS, quando ele foi criado. Os riscos não comprometiam a legibilidade do documento, ainda bem. Então, tive de encaminhar para o nosso

coordenador de área na CAPES, na época o Prof. Dr. Dermeval da Hora, os documentos riscados mesmo, com a justificativa do que tinha ocorrido, morrendo de vergonha, é claro. Também lembro de ter de levar Isadora comigo numa ENANPOLL, que ocorreu em Niterói, em outubro de 2012. Ela ainda não tinha dois anos e eu precisava ir representar o PPGL, como coordenadora. Mobilizei minhas tias para virem do RS ficar com Isadora, enquanto eu participava do evento. Esses são só alguns dos episódios que envolveram meu tempo de gestão e de maternidade até os 2 anos de idade da Isadora.

Antes de finalizar a gestão de 2 anos, Judith se aposentou e tivemos de eleger uma nova vice para mim. Fabiele passou, então, a ser minha vice. Quando finalizei o primeiro mandato em 2012, os(as) colegas insistiram para que eu renovasse o mandato por mais 2 anos, já que esse primeiro “não tinha valido”, afinal, eu tinha ficado seis meses de licença-maternidade. Como Fabi topou seguir sendo minha vice e eu já tinha me apropriado mais das questões que envolviam a coordenação da pós-graduação, resolvi me candidatar para ser reconduzida. Nas duas eleições, eu fui a única candidata, já que, pelo menos na nossa realidade do Departamento de Letras da UFPE, sempre é uma dificuldade conseguirmos colegas que estejam dispostos(as) a assumir cargos de gestão. Durante o meu segundo mandato, engravidei do Mateus, o que significa que passei minhas duas gravidezes como coordenadora do PPGL, tendo antecipado um pouco a minha saída do segundo mandato, em 2014, porque Mateus já ia nascer.

Fabiele, como em todas as nossas outras parcerias de trabalho, foi uma vice incrível, me ajudando sempre nas mais difíceis missões. Quando ela se tornou minha vice, assumiu a editoria da Revista Investigações. Nessa época, fazíamos o Coleta CAPES de modo *off-line*, de modo que só conseguíamos colocar as informações em um computador lá da pós. Lembro de eu e Fabi irmos à UFPE em pleno sábado para dar conta da escrita do relatório. Ainda não existia a Sucupira (não sei dizer, hoje, se para o bem ou para o mal).

Apesar de todos esses desafios que marcaram esses primeiros quatro anos meus de gestão na UFPE (2010 a 2014), conseguimos fazer várias ações importantes para o programa, como a mudança de regimento, mudança da estrutura curricular e das linhas de pesquisa, mudança de sistema da Revista Investigações para o SEER, transformando o periódico em uma revista 100% *on-line*, (re)credenciamento docente, entre tantas outras ações que garantiram a permanência do programa com nota 5 na avaliação da CAPES. A nota do programa tinha subido na gestão anterior, da Ângela Dionísio, que me entregou um programa muito bem organizado e administrado, muito diferente de quando eu o assumi novamente, em 2021.

Apesar de eu ter consciência que fiz um bom trabalho, o melhor que eu pude, considerando as minhas condições materiais, parece que o fato de eu ter assumido a coordenação da pós em menos de um ano depois do meu ingresso na UFPE gerou incômodo, para ser amena, em alguns colegas. E fui penalizada por isso. A primeira penalização veio quando fui avaliada no meu estágio probatório, tendo recebido da comissão a nota 7,0 no quesito assiduidade (logo eu que estava todos os dias na Universidade). Embora a mediana da avaliação fosse boa, tive de ouvir do chefe de Departamento da época que a Pró-Reitora de Graduação tinha dito a ele que deveriam me reprovar no probatório, já que, segundo avaliação da minha colega e coordenadora da área de Língua Portuguesa da época, eu não queria dar aula. Isso porque eu não tinha assumido disciplinas no presencial, acredito que só nos dois primeiros semestres. Ora, mas eu havia sido concursada para uma vaga no EaD, por que eu não poderia cumprir toda a minha carga horária de ensino nessa modalidade?! Levou um tempo para que os(as) nossos(as) colegas de Departamento reconhecessem nossa carga horária no EaD. Depois de me relatar a suposta sugestão da pró-reitora, porque eu questionei a nota 7,0 do quesito assiduidade, ele me disse: - Mas é claro que eu não ia fazer isso, Evandra, afinal você é a coordenadora da nossa pós.

A segunda penalização ocorreu na minha progressão de adjunto para associado. Compunha essa comissão, à época, um colega que tinha sido descredenciado da pós na minha gestão, por falta de produção. Embora eu tivesse pontuação para ultrapassar a nota 10,0, a comissão me avaliou com nota 8,0. Foi minha única progressão em que não tirei nota 10,0. Estranho, não!? Outra colega que fez essa mesma progressão bem próxima da minha ficou impressionada, pois ela, que tinha uma produção bem inferior à minha, foi avaliada com 10,0 e eu com nota 8,0. Pensei em questionar, mas achei que não valia a pena, afinal, tinha sido aprovada. Mas a única justificativa que eu encontrei foi que ele quis se “vingar”, já que muitos(as) colegas encaram o processo de (re)credenciamento da pós como algo pessoal que é determinado pelo(a) coordenador(a) em exercício. Felizmente, na minha segunda gestão à frente do programa, a PROPG (Pró-Reitoria de Pós-Graduação) aprovou uma resolução institucional que obriga todos os programas de pós-graduação da UFPE a fazer o processo de credenciamento docente a cada dois anos.



Registro da minha participação, como coordenadora, na mesa de abertura de um evento do NIG (Núcleo de Estudos de Gênero), coordenado por Ângela Dionísio, em 2012. Na foto, da esquerda para a direita, Ângela e eu.

Entre os primeiros quatro anos de gestão e os quatro últimos (de 2021 a 2025), assumi também a coordenação da área de Língua Portuguesa, que nem é reconhecido institucionalmente como um cargo de gestão, mas que também dá trabalho, já que é função do(a) coordenador(a) de área organizar a distribuição da carga horária, os concursos docentes, tanto para professor(a) substituto(a) quanto para professor(a) efetivo(a), entre outras demandas. Acredito que fiquei nessa função (não lembro bem) entre 2016 e 2019.

Depois de mim, Ricardo Postal assumiu a coordenação por 2 anos e, em seguida, José Alberto Miranda Poza (*in memorian*) e Vicente Massip. Duas coordenações que eu entendo que foram bem complicadas. Alberto não quis arcar com o ônus do processo de credenciamento docente e, por isso, não o fez em sua gestão, embora eu sempre falasse nas nossas reuniões que era preciso fazer. Além disso, o preenchimento da Sucupira não foi feito de modo adequado, o que levou, entre outras coisas, ao rebaixamento da nota do programa na CAPES, voltando a ser 4. Eu estava decidida a voltar para a coordenação, vendo o rumo que as coisas estavam tomando no programa. Assim que eu concluí meu pós-doc, dessa vez por minha livre vontade, eu desejava voltar a ser coordenadora, embora estivesse ciente de todas as dificuldades para reorganizar o programa. Convidei, então, a Fernanda Galli para ser minha vice. Fernanda tinha acabado de se credenciar no programa, e topou ser minha vice e também assumir a editoria da Investigações, que estava com Suzana Cortez, prestes a sair em licença-maternidade.

Fizemos a eleição em abril de 2021, quando ainda estávamos trabalhando totalmente de forma remota, em função da Pandemia de COVID-19. Para minha surpresa, no dia da reunião de colegiado, quando homologamos o resultado da nossa eleição, o antigo coordenador, que estavas prestes a se aposentar, me passou a coordenação no meio da reunião, sem me informar absolutamente nada do que tinha acontecido nos últimos 2 anos. Tive de assumir a condução da reunião em andamento e me

virar sozinha para descobrir o que tinha acontecido no programa na gestão anterior. Supostamente, ele tinha me passado a coordenação com o relatório sucupira entregue; no entanto, assim que assumimos, nossa pró-reitora nos chamou para uma reunião e disse que o relatório tinha inúmeros problemas. Quando tomei conhecimento do relatório, fiquei com vergonha daquilo ter sido escrito por um profissional de Letras. Ainda tínhamos uns dias para o prazo final. Então, eu e Fernanda passamos a reescrever o que podíamos. Fabi e Ricardo também nos ajudaram nessa missão. Descobri, por exemplo, que tinham mais de 10 trabalhos de conclusão de curso que, simplesmente, não tinham sido cadastrados na Sucupira. Trabalhei, nesses dias, 12 horas por dia para dar conta de entregar um relatório mais decente e condizente com o que é o nosso programa. Depois disso, precisei ainda fazer os destaques, que eu não tinha ideia do que significava (acredito que o antigo coordenador sequer sabia da existência disso), mas fui ler os documentos, perguntei aos colegas quando precisei e me virei para dar conta do que era a minha obrigação como coordenadora. Valeu o esforço, pois o programa subiu de nota, embora alguns(mas) colegas tenham dado todos os créditos ao antigo coordenador.

Como eu disse, recebi um programa muito desorganizado do ponto de vista administrativo, sem nenhuma ata de reuniões de colegiado, com os servidores fazendo cada um o que queria, enfim, com vários problemas. Eu e Fernanda fomos, aos poucos, reorganizando as coisas, e avançando no que precisávamos avançar. Entre as coisas graves que descobri da gestão anterior estava uma reforma curricular que ele havia encaminhado, com uma ata forjada de reunião de colegiado, pois nós nunca tínhamos sido consultados(as) sobre essa reforma. Ele simplesmente excluiu algumas disciplinas do currículo que não haviam sido ofertadas no quadriênio porque o José Magalhães havia dito que 100% das disciplinas deveriam ter sido ofertadas no quadriênio. Também descobri que R\$ 96.000,00 (noventa e seis mil reais) do nosso PROAP de 2020 tinham sido gastos por outros programas,

porque ele simplesmente não comunicou o colegiado, nem tomou qualquer providência para utilizar a verba. Vocês podem estar se perguntando o porquê de eu estar relatando isso aqui? Fiquei refletindo se deveria fazê-lo, mas achei importante registrar, porque isso faz parte dos meus (des)caminhos na gestão e porque eu entendo que, a partir do momento em que nós assumimos o compromisso de ser gestor(a), precisamos honrar com o nosso papel de servidor(a) público. E me deparei com questões que eu julgo muito graves, as quais foram compartilhadas com o colegiado do programa. Durante todo esse meu tempo de gestão, sempre procurei coordenar o programa da forma mais democrática possível, levando para a decisão do colegiado as questões mais delicadas, votando em colegiado a destinação dos recursos do PROAP. Ainda assim, fui acusada injustamente por alguns(mas) de estar beneficiando determinados colegas. Claro que essas acusações sempre vêm de colegas que nunca leem as atas, tampouco participam das reuniões. Preciso dizer que o nosso colegiado é formado por todos os docentes permanentes do programa, 4 representantes discentes e um representante técnico.

Nos (des)caminhos da gestão, o que sempre julguei mais difícil foi lidar com alguns(mas) colegas, administrar as vaidades e contar com a participação da maioria nas muitas atividades e comissões que a Pós-Graduação exige. Quase sempre contamos com os(as) mesmos(as) colegas. Também, nessa minha última gestão da pós, tive dificuldades com alguns(mas) discentes, a ponto de ter de responder, judicialmente, a dois processos na justiça. Essas são coisas que me entristecem e que, nesse momento, me fazem eu não querer mais assumir outros cargos de gestão. Penso que já dei minha contribuição, estando 50% desse meu tempo de UFPE na gestão.

Mas, apesar desses entraves, das curvas, algumas bem acentuadas, que surgiram nas minhas experiências de gestão, eu entendo que o saldo é positivo. E o que fica é o reconhecimento da maioria dos(as) colegas e

também dos(as) discentes pelo trabalho realizado. Na minha gestão e de Fernanda, outra vez fizemos uma revisão do regimento interno do programa, uma reforma da estrutura curricular e das linhas de pesquisa. Realizamos, ainda: i) dois processos de credenciamento e abrimos dois editais para credenciamento de novos docentes; ii) abrimos um *Instagram* para divulgação das atividades, reorganizamos a página do PPGL e conseguimos criar uma nova identidade visual para o PPGL; iii) implementamos e fizemos funcionar a Comissão de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do programa; iv) aprovamos, em colegiado, algumas normativas internas, como a de bolsas, a de credenciamento docente e a da Comissão de Autoavaliação e Planejamento Estratégico; v) realizamos o SATED (Seminário Acompanhamento de Teses e Dissertações); vi) reorganizamos algumas coisas da estrutura física do programa na volta da pandemia, como a organização da sala 201, que se transformou numa sala de videoconferências, o ganho de 17 computadores da reitoria, entre outras melhorias, apesar de todas as dificuldades que ainda temos.

Foram 4 anos de muito trabalho para reorganizar o programa e deixá-lo com outra cara. Para isso, além de contar com o apoio de alguns(mas) colegas, contamos muito com a ajuda do Thiago, meu orientando de doutorado, que foi representante discente durante 3 anos, e sempre foi muito ativo e propositivo nas nossas reuniões. Atualmente, Thiago também preside a Comissão de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do PPGL, além de ter nos ajudado na reestruturação da página e na nova identidade visual do programa. Também preciso registrar o apoio imprescindível da equipe da nossa Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) que, diferentemente da minha outra experiência na gestão do programa, tem atuado de forma muito próxima aos programas, com ações fundamentais. Fiz questão de registrar esse agradecimento e esse reconhecimento ao final do meu mandato, em 7 de abril de 2025, encaminhando um e-mail à nossa pró-reitora, Carol Leandro, e à nossa diretora de pós-graduação *strictu sensu*, Luciana Leal.

Aguardemos o resultado da avaliação da CAPES, mas tenho convicção de que, pelo menos, manteremos a nota 5.

Também foi muito significativa, nesses 4 anos, a convivência com outros(as) colegas coordenadores(as), com quem dividia as dificuldades de coordenar um programa de pós. Nos socorros com o funcionamento da Sucupira, nas dúvidas cotidianas sobre bolsas, utilização de recursos e até outras coisas que parecem banais, mas não são, tivemos momentos de trocas valiosas no nosso grupo de *WhatsApp* dos coordenadores da ANPOLL. Também, no fórum dos coordenadores do Nordeste, realizado anualmente, tive momentos muito significativos de trocas e aprendizagem. Com a coordenação da Pós-Graduação, aprendi muita coisa sobre a política da nossa área de Linguística e Literatura; aprendi sobre o funcionamento da CAPES e do CNPq; aprendi sobre processos de avaliação e muito mais... Sendo gestora na Universidade, ampliei meus horizontes para além da nossa área de pesquisa, conheci melhor o nosso centro e os cursos que dele fazem parte, conheci colegas de outras áreas, articulei projetos de pesquisa em conjunto com outros programas, conheci mais o funcionamento da Universidade como um todo, e entendi as dificuldades de estar na gestão numa instituição pública. Hoje, depois de ter passado pela experiência da gestão, penso duas vezes antes de criticar qualquer gestor(a), porque sei que muita coisa não depende exclusivamente daquele(a) que está ocupando o cargo. Por isso, acho que todos(as) os(as) nossos(as) colegas deveriam passar pela experiência da gestão em algum momento de suas carreiras acadêmicas.



Registro da minha participação no Fórum de Coordenadores do Nordeste, da área de Linguística e Literatura da CAPES, em julho de 2024, em Feira de Santana-BA. Na foto, da esquerda para a direita, o Prof. Dr. José Magalhães, coordenador da nossa área na CAPES, e eu, apresentando a autoavaliação e o planejamento estratégico do nosso programa.

Programa de Pós-Graduação em Letras



Apresentamos com entusiasmo a nova identidade visual do **Programa de Pós-Graduação em Letras** da Universidade Federal de Pernambuco. Essa renovação marca um novo momento, reafirmando nosso compromisso com a excelência acadêmica e a inovação do nosso Programa.



Post do Instagram
apresentando a nova
identidade visual do
PPGL.

Em janeiro de 2025, já ao final da minha gestão, mas com todo o relatório de fechamento da quadrienal ainda a ser feito, ao ir realizar exames de rotina, me deparei com uma suspeita de câncer de mama. Sem o diagnóstico ainda fechado, mas com uma probabilidade muito alta que se confirmava a cada dia, eu entendi com quem, de fato, dentre os(as) meus(minhas) colegas de programa, eu poderia contar. Minha preocupação primeira, nesse momento, claro, era a minha saúde, mas minha responsabilidade com o trabalho e o meu senso ético e prático também me deixaram muito preocupada, pois precisava terminar e entregar o relatório da Sucupira. Escrevi, então, para o colegiado, colocando a situação, comunicando que eu faria uma viagem à França e, que, no meu retorno, faria uma reunião de colegiado para que pudéssemos, coletivamente, distribuir as tarefas. Mas que a única alternativa que eu vislumbrava, considerando minha situação e com um diagnóstico ainda incerto, era a realização de um trabalho coletivo. Prontamente, muitos(as) colegas me escreveram, ou me ligaram, oferecendo apoio e também se colocando à disposição para ajudar. Outros(as) sequer leram o meu *e-mail* e continuaram me mandando mensagens cobrando coisas de trabalho. É claro que eu não pude contar com esse segundo grupo. Mas afirmo aqui que o relatório só foi concluído porque, nesse momento, o trabalho coletivo funcionou. E penso que esse registro abaixo, de um momento de confraternização do programa, demonstra que consegui, na minha gestão, deixar o grupo mais unido, com um clima muito mais ameno nas reuniões, e com momentos como esse. E isso foi uma das coisas que os colegas ressaltaram na minha última reunião de colegiado, com o Prof. Cléber Ataíde²⁰

²⁰ Quero aqui deixar meu agradecimento ao Cléber, que foi um dos primeiros colegas a quem telefonei quando soube da suspeita do meu câncer de mama. Ele, prontamente, mesmo estando na Presidência da ABRALIN, se dispôs a me ajudar e a assumir a coordenação do PPGL, já acompanhando todo o trabalho de escrita do relatório da quadrienal. Entreguei a ele a coordenação do programa com muita tranquilidade de que ele vai dar seguimento ao nosso trabalho e alavancar ainda mais o PPGL.

já eleito como novo coordenador. Ouvi depoimentos muito bonitos dos(as) colegas nesse dia, cada um(a) destacando uma característica do meu trabalho à frente da gestão. Então, como disse acima, isso é o que fica de verdade... os percalços, as curvas muito acentuadas, os desvios desnecessários, é melhor a gente esquecer.



Registro da confraternização do PPGL, em dezembro de 2023. Na foto, da esquerda para a direita, Ricardo Rios (que está cortado na foto), Emanuel Cordeiro, Darío Sanchéz, Ricardo Postal, Imara Bemfica, Cléber Ataíde, Fernanda Galli, José Herbertt Florencio, eu, Fabiele De Nardi, Medianeira Souza, Jonas Leite, Suzana Cortez, Yuri Caribé, Antonio Carlos Xavier, Clécio Bunzen, Anderson Almeida e Alfredo Cordiviola.

Outros trajetos ainda...

Para finalizar este memorial, não poderia deixar de mencionar as inúmeras outras atividades que exercemos enquanto docentes da Pós-Graduação, além das que eu já destaquei nos tópicos anteriores, como a participação em bancas, em eventos acadêmicos, as conferências, mesas-redondas para as quais somos(as) convidados(as), os pareceres que emitimos para as agências de fomento e também para os periódicos científicos, entre outros. É a chamada produção técnica, mas que não é tão valorizada no processo de avaliação da CAPES, como é a produção bibliográfica. No entanto, sem a produção técnica, não existe a produção bibliográfica. Talvez, ela tenha menos destaque porque já faz parte do nosso cotidiano na Universidade. Por isso, ela é também bem mais numerosa do que a chamada produção bibliográfica. Considerando essas características, decidi aqui não listar todas essas atividades, como fiz com as orientações e a produção bibliográfica, por entender que, além de ser cansativo(a) ao(à) leitor(a), deixaria o memorial muito extenso. O que farei neste item, então, é destacar algumas dessas produções que julgo mais relevantes.

E vou começar falando um pouco da minha atuação em associações da área, fazendo um gancho com os horizontes que a gestão me apresentou, como disse acima. As políticas de cada área são influenciadas, talvez até determinadas, pelo trabalho das associações. Destaco da minha trajetória: i) a vice coordenação (2014–2016) e depois (2016–2018) a coordenação do GT de Análise do Discurso da ANPOLL, um dos Grupos de Trabalho mais antigos dessa associação; ii) a vice presidência da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), cargo que ocupo atualmente; iii) a minha participação, como uma das fundadoras, da AbrADis (Associação Brasileira de Análise do Discurso), criada em dezembro de 2024.



Registro da minha participação, representando a ABRALIN, no encontro da ENANPOLL, 2024, em Manaus, em uma mesa intitulada *O papel das associações na proposição de políticas Sul-Sul de internacionalização-interiorização da pós-graduação em Linguística e Literatura*. Na foto, eu falando, com um *slide* ao fundo mostrando as iniciativas de divulgação de pesquisa da ABRALIN.

Como segundo tópico, vou destacar dois projetos de extensão, além da organização do SEAD e do SEPLEV, dos quais já falei em um item específico deste capítulo. Trata-se do projeto *Escutas*, que desenvolvemos em 2022 e 2023, no NEPLEV, mas que acabei não tendo “braços” para continuar. Esse projeto foi idealizado por mim com o objetivo principal de promover a divulgação, geral e irrestrita, para a comunidade acadêmica e não acadêmica, de noções teóricas da Análise do Discurso, através das mídias sociais digitais.

Participaram também desse projeto Fabiele, Fernanda, e vários(as) outros(as) membros(as) do NEPLEV. Os produtos gerados pelo projeto podem ser visualizados no *YouTube* e também no *Instagram* do projeto (Escutas_)²¹, mas consistem em materiais de divulgação científica, produzidos a partir de entrevistas que gravamos com pessoas de diferentes faixas etárias, grupos sociais, origem *etc.* Perguntamos a essas pessoas, por exemplo, “o que é ideologia para você?”. E, a partir de diferentes respostas, produzimos recortes dessas falas e fomos dialogando com elas para produzir um vídeo, explicando, numa linguagem acessível, o que é essa noção para a AD. Recebi financiamento em dois editais da UFPE para o desenvolvimento desse projeto, e nossa ideia é que ele tivesse continuidade, mas a produção dos materiais, embora eu entenda que o resultado tenha sido satisfatório, se mostrou muito trabalhosa, pois, além de fazermos os roteiros das questões, tínhamos de gravar as entrevistas, depois transcrever, montar o roteiro do vídeo e, por fim, gravar as nossas falas. E tudo isso ia para um(a) profissional para fazer a edição final do vídeo. Como as redes exigem uma dinâmica muito instantânea, com a divulgação de novos materiais praticamente diariamente, e toda a equipe estava envolvida em muitas outras atividades, acabamos descontinuando o projeto.



Identidade visual
criada para o projeto.

²¹ No *link* a seguir, podemos visualizar um vídeo de apresentação do projeto, com todos os integrantes e direito à participação especial de Isadora, Mateus, Chico, Bia e Aline: <https://www.instagram.com/reel/CZsEB8JB4R1/?igsh=MWlpNXVqNzZtcHB3>.

O outro projeto é o *IbiWa: Encontro de saberes: territórios, linguagens e direitos afroindígenas*, que é um projeto de extensão que estamos desenvolvendo em parceria com os programas de História e do Direito, e do qual eu participo. Consiste num subprojeto de um projeto institucional da UFPE, vinculado ao Programa de Extensão Universitária na Pós-Graduação, no marco do Programa de Ações Estratégicas Transversais (PAET), no âmbito do Programa PROEXC-PG da CAPES. Tem como objetivo articular linguagens e saberes produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Letras, História e Direito da UFPE, e nos territórios periféricos da sociedade pernambucana, por meio de ações extensionistas voltadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais e à equidade de gênero, além de ações de apoio jurídico a pessoas privadas de liberdade, povos indígenas e comunidades quilombolas, contribuindo, dessa forma, para a redução de assimetrias no acesso à educação, à cidadania e à cultura. No ano passado, em 2024, desenvolvemos oficinas em Escolas da Rede Pública. Nesse ano, estamos atuando nos terreiros, e a ideia é que, na continuidade do projeto, também atuemos em outros territórios, como os presídios e algumas comunidades indígenas. Atualmente, o projeto está sendo coordenado pelo meu colega Ricardo Postal, e, para mim, está sendo mais um exercício de diálogo importante com outras áreas do conhecimento, e sobretudo com as comunidades atendidas.

Como bolsista produtividade do CNPq, também atuo como parecerista de projetos submetidos em editais dessa agência. Eventualmente, também faço pareceres para a CAPES e para nossa agência local, a FACEPE. Além disso, quase que anualmente, sou convidada para atuar como parecerista *Ad Hoc* externa em editais de Iniciação Científica de Universidades sobretudo da região nordeste, como UFAL, UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), UEMA (Universidade Estadual do Maranhão), entre outras. No quesito pareceres,

também, anualmente, faço pareceres para periódicos da nossa área, como a Revista Investigações, Leitura, Bakhtiniana, Fórum Linguístico, Letrônica, Letras Raras, Revista da Abralin, Letras & Letras, Entrepalavras, Rua, Matraga, entre outras.

Também sou convidada, anualmente, para participar de bancas de defesas de teses e dissertações em Universidades do Brasil inteiro. Entre 2009 e 2025, período da minha atuação na UFPE, participei de 29 bancas de mestrado e 29 bancas de doutorado, nas seguintes instituições: UFPE, UFRGS, UPF, UFAL, UFF, UESB, UERJ, UFPR, UFSM, UFPel (Universidade Federal de Pelotas), UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), UFS, UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), UNICAMP, Université Grenoble Alpes, USP (Universidade de São Paulo), Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

No quesito apresentação de trabalhos e palestras, possuo 59 participações com apresentação de trabalho e 61 participações em eventos, o que representa uma média entre 3 e 4 eventos no ano, no período de 2009 a 2025. Muitas dessas apresentações de trabalho são convites para conferências e/ou participação em mesas-redondas, em eventos locais, regionais e nacionais. Abaixo, apresento os *posts* de divulgação que selecionei para representar algumas das falas para as quais fui/sou convidada:



Post com convite para conferência de encerramento, com Bethania Mariani e eu, do VI Colóquio Internacional Museus, Arquivos, na UNICENTRO, em Guarapuava-PR, 2024. Primeira vez que eu voltei à Instituição onde concluí minha graduação.



Post com convite para conferência de encerramento do evento O sujeito on na sociedade conectada: um modo de constituição na contemporaneidade, na UNIOESTE, Cascavel-PR, 2023. O evento aconteceu de modo on-line.



Seminário interno
Interinstitucional
(UFSM, UFPR e UNICENTRO)



Primavera de pesquisas no Sul

“Epistemologia e produção do
conhecimento em ciências da linguagem”

Mesa redonda: dia **23/09/2021**, às 9h

Com a Profa. Dra. Evandra
Grigoletto (UFPE) e o Prof.
Dr. Maurício Beck (UESC)



*Post com convite para a
Mesa-Redonda, com
Maurício Beck e eu,
intitulada *Epistemologia e
produção do conhecimento
em ciências da linguagem*,
no evento Primaveras de
pesquisas no Sul,
promovido em parceria
pela UFPR, UFSM e
UNICENTRO, 2021. O evento
aconteceu de modo *on-line*.*

PALESTRA
GEPAD AO VIVO

@GEPADUPE

SOU MULHER E...? MOVIMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO E LUGARES DE ENUNCIÇÃO.

PALESTRANTE



DRA. EVANDRA GRIGOLETTO
(UFPE)

MEDIADORA



PROFA. DRA. DIRCE JAEGER
(UPE)



16 DE ABRIL DE 2021, 14H30



YOUTUBE

(LINK DISPONÍVEL NA BIO DO INSTAGRAM)

*Post com convite para a
conferência intitulada
Sou mulher e...?
*Movimentos de
identificação e lugares de
enunciação*, a convite do
Grupo GEPAD, da UPE, de
Garanhuns, 2021.
Apresentei, na ocasião,
parte da minha pesquisa
do pós-doc.*

MESA "DISCURSO, MULHERES, MÍDIAS SOCIAIS: IDENTIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA"

Terça, 21 de julho de 2020 • das 18h às 20h



Evandra Grigoletto
Docente do PPGL da UFPE; líder do Núcleo de Pesquisa em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual. Atualmente, realiza pós-doutoramento no Programa de Linguística da Unicamp.

Dantielli Assumpção Garcia
Docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Bolsista Produtividade da Fundação Araucária (PR).





Rita Kramer
Dra. em Letras PPGL da UFPE com ênfase em AD (Sanduíche Paris X-Nanterre). Mestrado em Letras/Lexicologia e Licenciada em Letras pela mesma instituição. Atua como Professora de Língua Portuguesa e de Linguística no Ensino Médio da rede privada do Recife.

*Post com convite para a Mesa-Redonda **Discurso, mulheres, mídias sociais: identificação e resistência**, com Dantielli Garcia, Rita Kramer e eu, que ocorreu durante uma Semana de Letras da UFPE, em 2020, de forma remota.*

ABRALIN AO VIVO

Com



Evandra Grigoletto
[UFPE]



Mônica Zoppi-Fontana
[UNICAMP]



Glória França
[UFMA]

Moderadora

Dantielli Assumpção Garcia
[Unioeste]



Mesa redonda 18.06.2020, 14h _ [abral.in/aovivo](https://abralin.in/aovivo)

*Post com convite para uma Mesa-Redonda, na série Abralín ao vivo, com Mônica Zoppi-Fontana, Glória França e eu, e mediação de Dantielli Garcia. A mesa intitulou-se **Mulheres e(m) discursos: cultura, identidades, identificação**.*

A seguir, apresento ainda alguns registros de participações minhas em eventos nacionais e internacionais.



Registro da participação no SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa), 2019. Na foto, da esquerda para a direita, eu e Thiago Costa, em frente ao seu pôster no qual ela mostrava parte dos resultados de sua pesquisa PIBIC.



Registro de conferência, na UFPE (Universidade Federal do Agreste de Pernambuco), em dezembro de 2019, em Garanhuns, por convite do NUPED (Núcleo de Pesquisa em Discurso e Ensino). Na mesa, à minha frente, duas coletâneas, das quais eu sou uma das organizadoras, e que tinham acabado de ser lançadas.



Registro da minha participação no evento ABRALIN 50, ocorrido em Maceió, em 2019. Na foto, da esquerda para a direita, Fernanda Galli, eu, Rita Kramer e Suzana Cortez.



Registro da minha participação no evento da ALED, *Los discursos y sus impactos en un mundo com múltiples crisis*, ocorrido em Valência, na Espanha, em 2023. Eu, Bethania e Kitty propusemos um simpósio intitulado *Discurso político e efeitos ideológicos: práticas autoritárias e movimentos de resistência*. Na foto, da esquerda para a direita, Carolina Fernandes, Maria Cristina Leandro Ferreira, eu, Bethania Mariani e Ceres Carneiro.



Registro da minha participação no evento *Actualité de Michel Pêcheux*, ocorrido em Paris, na França, em fevereiro de 2025. Na foto, da esquerda para a direita, Fabiele e eu, apresentando nosso texto. Eu e Fabiele compusemos também o comitê científico desse evento.

Esses registros e o breve mapeamento que expus desses outros trajetos percorridos na minha trajetória acadêmica demonstram inserção e liderança acadêmicas, através de atividades de cooperação em redes locais, nacionais e internacionais que fui construindo ao longo da minha carreira. A diversidade das instituições nas quais circulei/o é a confirmação disso. É o trabalho em cooperação que nos permite o reconhecimento em nossas respectivas áreas de atuação. E penso que reconhecimento é uma boa palavra para encerrar esse capítulo da minha história.

PALAVRAS FINAIS

Para além dos caminhos e dos (per)cursos, os afetos construídos ao longo dessa trajetória

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...) “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim”. (O real é o impossível... que seja de outro modo).

Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra” (Pêcheux [1983b] 1997, p. 29).

Fazer essa retrospectiva, revisitar os caminhos, remexer nas memórias, trilhar, de outra maneira, os (per)cursos construídos ao longo da minha trajetória, no momento em que me encontro da minha vida, foi muito prazeroso e, algumas vezes, doloroso, para mim. Funcionou como uma espécie de terapia para simbolizar o diagnóstico de um câncer de mama que recebi recentemente. Por isso que mencionei, lá na apresentação deste memorial, que inverteria as epígrafes utilizadas na minha tese de doutorado, defendida em 2005, há 20 anos atrás. Sendo o *real* aquilo que é da ordem do impossível de dizer, não descobrimos o real, mas nos deparamos com ele, damos de encontro, como nos diz Pêcheux, no finalzinho da sua citação. Em janeiro de 2025, quando ia começar a me organizar para escrever este memorial, me deparei com esse real: a suspeita de um câncer de mama. Como simbolizar, significar uma notícia que não desejamos ouvir? O que fazer com esse real que me encontrou repentinamente, sem aviso prévio, no momento em que estava com uma viagem planejada com meus filhos e marido para Portugal e França? A realidade se impôs sobre o real, já que,

como também nos diz Pêcheux [1983b] 1997, p. 29), “[...] no interior do que se apresenta como o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...) ‘há real’”.

Embora o diagnóstico ainda não estivesse confirmado, a suspeita me afetou de uma maneira muito forte. A primeira pessoa com quem falei foi com meu marido. Regis me olhou, me abraçou e disse: – Calma, amor, mesmo que a suspeita venha a se confirmar, nós vamos enfrentar isso juntos!! E assim tem sido. Depois, mandei uma mensagem para minha tia, que também passou por essa situação. Enfim, naquele primeiro momento, me fez bem falar com as pessoas mais próximas. Logo contei também para a Fabiele e a Fernanda. Fui, em seguida, a um primeiro mastologista, indicado pela minha ginecologista, que fez um encaminhamento para a retirada do nódulo, seguida da biópsia, em um procedimento cirúrgico. E ele me liberou para a viagem. Depois, também conversei com Vanise, que me tranquilizou e me disse: – Evandra, não deixe de viajar!! Conversei também longamente com Bethania um dia por telefone, ainda antes da viagem. Então, fizemos a viagem planejada, e foi muito boa, embora eu não estivesse 100% tranquila, pois queria logo encaminhar tudo o mais rápido possível. Na volta da viagem, houve muitos desdobramentos até o diagnóstico final e essa foi, para mim, a parte mais angustiante e difícil. Mas não acho que vale aqui esse registro. Para encurtar a história, o diagnóstico final com o tipo de tumor só se confirmou em 18 de março de 2025. Fiz a cirurgia para a retirada do tumor em 14 de abril e, nesse momento, estou em tratamento de quimioterapia, o qual, me parece, é o mais difícil. Foi somente depois de realizada a cirurgia que comecei a tratar da minha progressão, e escrevi este memorial nos intervalos entre uma sessão de quimioterapia e outra, nos dias em que me sinto melhor.

Durante todo esse período que estou atravessando, tenho recebido apoio de muitas pessoas queridas. Então, como forma de simbolizar esse processo, é que decidi que queria destacar, neste fechamento, os afetos, para

além dos caminhos e dos (per)curtos trilhados ao longo da minha trajetória acadêmica. Também porque muitos desses afetos foram construídos a partir das minhas relações acadêmicas. A banca que compõe a defesa deste memorial é um exemplo disso.

E entre esses afetos não poderia deixar de registrar as lembranças muito fortes que ecoaram em mim da minha amiga Carme Schons, que lutou bravamente contra um câncer de mama, e nos deixou uns dias antes de completar 56 anos. Foi inevitável lembrar do percurso da Carme, lembrar dela participando do SEAD já em tratamento, lembrar dela me contando sobre o tipo de tumor (o triplo negativo), dela me dizendo, acredito que na última visita que fiz a ela, de que não queria morrer, que era muito jovem ainda e tinha muitas coisas a realizar. Também uma vez que veio a Recife, acredito que no I SEPLEV, ela me contou da sua principal preocupação quando recebeu o diagnóstico: ver os filhos formados. Felizmente, ela conseguiu realizar esse desejo antes de partir. Carme gostava de pintar e se dedicou mais a isso depois do diagnóstico. Pintou um quadro lindo meu e do Régis e nos deu de presente de casamento. Tenho esse quadro no nosso quarto até hoje. Com essas lembranças na cabeça, eu só desejava que o meu tipo de tumor não fosse o triplo negativo. Também pensei, e ainda penso, muito nos meus filhos. Mas, felizmente, o tipo de tumor que eu tive não era o triplo negativo. E, apesar de não ser nada fácil passar por esse processo, sigo muito confiante na cura, acreditando no prognóstico muito bom que os médicos me deram, e pensando que essa foi mais uma das pedras que o destino quis colocar no meu caminho, mas que eu vou conseguir superar, e essa será só mais uma história para eu contar num futuro próximo.



Registro de um encontro em Passo Fundo, em 2011, numa ida minha ao Sul, com a Isadora ainda bebê, com amigas da UPF. Na foto, da esquerda para a direita, Carme Schons, Marcia Barbosa, eu com Isadora no colo, Fabiane Verardi e Telisa Furlanetto. Nessa foto, Carme estava usando peruca, porque estava em tratamento de quimioterapia.



Quadro pintado pela Carme, a partir de duas fotos nossas, que está na parede do meu quarto. Uma linda lembrança que tenho dela.

Para continuar falando dos afetos, quero trazer uma outra citação, desta vez da Eni Orlandi (2001, p. 21): “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.”. Tudo que eu trouxe aqui neste memorial é linguagem, e os efeitos de sentidos que essa leitura vai produzir em cada um(a) são múltiplos e variados, e eu não terei controle disso. Mas o que fica, para mim, como fui delineando ao longo da minha escrita, dessas relações de sujeitos e sentidos são os afetos e o reconhecimento de uma trajetória trilhada. Uma trajetória não sem percalços e desvios pelo caminho, mas que olho, agora em retrospectiva, com muito orgulho.

E essa trajetória só foi possível porque sempre tive pessoas muito especiais que cruzaram o meu caminho. Também porque Regis sempre foi um companheiro incrível que me incentivou, que entendeu minhas ausências e compartilhou comigo a educação e o cuidado com Isadora e Mateus. Fez muitas viagens comigo a eventos e, enquanto eu trabalhava, ele cuidava das crianças. Claro que sempre aproveitávamos para passear um pouco também. Paris, Valência, Buenos Aires, Belém, Niterói, Ilhéus, Belo Horizonte... esses são alguns destinos que eu lembro que eu fui para participar de algum evento com a família.



Registro da Isadora e do Mateus no Museu do Louvre, numa viagem que fizemos a Paris, em 2017, quando fui a um evento em Paris 3, em função do convênio CAPES-COFECUB.

Apesar de sempre trabalhar muito, eu gosto do meu trabalho, gosto de trabalhar coletivamente e estou sempre disposta a entrar num novo projeto, encarar um novo desafio. E Fabiele sempre foi minha parceira nessas aventuras; depois, chegou a Fernanda, que é outra grande parceira. Mas, para além da UFPE, esse trio do discurso também gosta de se reunir e aproveitar outros momentos da vida fora da Universidade. Abaixo, um desses registros.



Registro da festa dos meus 50 anos, em 2024. Na foto, o trio do discurso, da esquerda para a direita, Fabiele, eu e Fernanda.

Foram muitos momentos assim compartilhados, ao longo desses 16 que moro em Recife, com amigos e amigas que construí na UFPE e no Recife, que eles não cabem aqui. O que trago aqui são alguns registros que escolhi, com

o risco de deixar muitas pessoas de fora. Depois de um SEAD de muito trabalho, sempre rolava uma confraternização.



Registro do aniversário de 4 anos da Isadora. Na foto, da esquerda para a direita, eu com Mateus no colo, Fabi com Chico, e Carol com Alice. Os três nasceram, respectivamente, em maio, abril e março de 2014.



Registro da nossa confraternização, em dezembro de 2019, pós SEAD. Na foto, boa parte da equipe da organização do evento, mais os agregados, ou aparelhos repressores, como costumamos brincar.

Esses afetos também eram registrados em meio ao trabalho, como o da foto abaixo:



Registro de um momento de trabalho durante o XI SEAD. Na foto, eu e André nos abraçando.

Também quero deixar registrado, aqui, nestas palavras finais, que todas essas atividades que desenvolvi neste período de UFPE, no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, e que relatei neste memorial, tudo isso só foi possível porque atuo numa Universidade Pública. Sempre digo aos colegas que estão chegando que a Universidade Pública nos proporciona esse espaço de construção dos seus próprios caminhos, não importa se há uma tradição já, ou não, na área específica em que você atua. Foi com trabalho sério que construí essa bonita trajetória na UFPE, abrindo caminhos

antes inexistentes, já que não tínhamos nenhum(a) pesquisador(a) na nossa pós em AD materialista quando eu cheguei.

Sendo a escrita, no modo como a entendemos na AD, uma das formas de subjetivação do sujeito, um modo de o sujeito se singularizar, diria que a escrita deste memorial produziu marcas em mim, revelou cicatrizes e simbolizou, produziu sentidos para os pontos do impossível daquilo que não conseguimos alcançar, colocar em palavras, mas que, ainda assim, significam, nos constituem. Já fechando esse memorial, fui buscar um artigo que escrevi com Rita Kramer sobre narrativas de si, e me deparo com a seguinte epígrafe que escolhemos para abrir esse artigo: “A escrita, por produzir traços constitutivos de identidade, carrega marcas, revela cicatrizes (d)nos sujeitos que participam dessa experiência.” (Schons; Grigoletto, 2009, p. 597). E essa citação foi retirada de um texto que escrevi com a Carme. Também “fui lembrada”, ao revisitar esse artigo meu com Rita, que ele está publicado em um dossiê da Revista Desenredo, que organizei com a Marcia Barbosa, em homenagem à Carme. Está fechado meu memorial, pensei! Os caminhos, de alguma forma, se (re)encontraram, os percursos se enlaçaram.

Com amor, afeto e muito trabalho, a AD nos afeta! Um brinde ao discurso que nos uniu!! Que nossas relações sejam de nunca acabar!

REFERÊNCIAS

DALTOÉ, A. S. As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

GRIGOLETTO, E. Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. //n: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (org.) Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. da UFPE, 2011. p. 47-78.

GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. Entre o apagamento e o esquecimento: trajetórias de memória do enunciado "somos todos petroleiros". //n: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (org.). Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 201-220.

GRIGOLETTO, E. Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico. Revista Leitura, n. 69, p. 187-205, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11264>. Acesso em: 7 jul. 2025.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pucinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Trad. Eni Pucinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, [1969] 2019.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: Papel da memória*. ACHARD, P. *et al.* (org.). Trad. e introdução José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, [1983a] 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, [1983b] 1997.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E. Escrita e subjetividade na velhice: traços constitutivos de memória e identidade pelo testemunho em narrativas. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 6., 2009, João Pessoa. Anais [...] João Pessoa: Ideia, 2009. p. 597-603. 1 CD-ROM.

APÊNDICE

Apêndice I – Tabela produção bibliográfica – 2009 a 2025

Ano	Tipo de produção	Título	Coautor(a/e)s	Veículo/local de publicação
2009	Art. em periódico	A autoria no hipertexto: uma questão de dispersão		Revista Hipertextus – UFPE
	Cap. de livro	A autoria na escrita de adolescentes: interfaces entre o virtual e o escolar	Carmen Agustini	Ed. Clara Luz – Campinas, SP
2010	Art. em periódico	Do discurso político às novas tecnologias: um percurso sobre o objeto de estudo da Análise do Discurso		Organon – UFRGS
2011	Art. em periódico	O ensino a distância e as novas tecnologias: o funcionamento do discurso pedagógico nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem		Revista Eutomia – UFPE
	Art. em periódico	Só ele é assim: uma análise da representação da mulher no discurso publicitário do Campari	Graziela B. Pivetta	Revista Investigações – UFPE
	Org. de livro	Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço	Fabiele De Nardi; Carme Schons	Ed. da UFPE – Recife, PE

2011	Cap. de livro	Entre o desejo da unicidade e o real da língua: o imaginário sobre línguas no processo de ensino-aprendizagem	Fabiele De Nardi	UPF Ed. - Passo Fundo, RS
	Cap. de livro	Língua Portuguesa: frase	Stella Telles	Ed. da UFPE - Recife, PE
	Cap. de livro	O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução		Ed. da UFPE - Recife, PE
	Cap. de livro	Práticas discursivas de subjetivação: representações de escrita em espaços virtuais		Editora CRV - Curitiba, PR
2013	Org. de livro	Identidade e Espaço Virtual: múltiplos olhares	Fabiele De Nardi; Inara Gomes; Ricardo Postal	Ed. da UFPE - Recife, PE
	Cap. de livro	O discurso dos Ambiente Virtuais de Aprendizagem: uma reflexão sobre as formas de silenciamento		Ed. da UFPE - Recife, PE
	Cap. de livro	Língua Portuguesa: texto e discurso		Ed. da UFPE - Recife, PE
	Art. em periódico	O discurso de instalação da comissão da verdade: sob o lugar discursivo de Presidente, a dispersão de posições-sujeito	Dirce Jaeger	Signo y Señá Revista del Instituto de Lingüística - UBA-Arg
	Art. em periódico	Identificação, memória e figuras identitárias: a tensão entre a cristalização e o deslocamento de lugares sociais	Fabiele De Nardi	Revista Gragoatá - UFF, RJ

2014	Cap. de livro	Reflexões sobre autoria em enunciados compartilhados no Facebook		Editora CRV – Curitiba, PR
2015	Cap. de livro	Entre memória e arquivo: modos de dizer e (re)significar a figura do cangaceiro na rede		Ed. da UFPE – Recife, PE
	Cap. de livro	Entre o sujeito usuário e o sujeito do conhecimento: contradições e atravessamentos no discurso da escrita dos AVAS		Pontes Editores – Campinas, SP
	Cap. de livro	Sujeito e memória em textualidades digitais	Solange Gallo	Mercado de Letras – Campinas, SP
	Org. de livro	Memória, história, arquivo: fronteiras e intersecções (Vol. I)	Inara Gomes	Ed. da UFPE – Recife, PE
	Art. em periódico	Nas fronteiras do discurso outro: o papel da memória em processos de modalização autonímica de empréstimo	Fabiele De Nardi	Revista Investigações – UFPE
	Art. em periódico	A (des)construção do “herói” nos discursos sobre o mensalão: o caso Joaquim Barbosa	Fabiele De Nardi	Revista Desenredo – UPF
2016	Cap. de livro	(Des)politização e resistência no funcionamento dos processos de heroicização construídos pelo discurso da mídia	Fabiele De Nardi	Pontes Editores – Campinas, SP
	Cap. de livro	“Não vamos desistir do Brasil”: os embates de sentido nos modos de(re)atualização do enunciado	Fabiele De Nardi	Pontes Editores – Campinas, SP

2016	Art. em periódico	Análises sobre o discurso do politicamente correto: inquietações e provocações	Thiago França	Revista Estudos da Língua(gem) - UESB
	Art. em periódico	A narrativa de si em blog's de moda feminina: entre a subjetividade e a alteridade	Rita Kramer Wanderley	Revista Desenredo - UPF
	Org. de livro	A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas	Fabiele De Nardi	Pontes Editores - Campinas, SP
2017	Cap. de livro	Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje		Pontes Editores - Campinas, SP
2018	Org. de livro	Imaginário, sujeito, representações	Fabiele De Nardi; Helson da Silva Sobrinho	Ed. da UFPE - Recife, PE
	Org. de livro	Representação dos dizeres na construção dos discursos	Doris Cunha; Suzana Cortez	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	A resistência pelo viés do humor: análise do funcionamento de eventos fakes no Facebook	Silmara Dela Silva	Ed. da UFSM - Santa Maria, RS
	Cap. de livro	#MarielePresente: quando o luto se transforma em luta. Identificação e resistência		Pedro & João Editores - São Carlos, SP
	Cap. de livro	Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção do discurso de ódio no Facebook	Thiago França	Pedro & João Editores - São Carlos, SP

2018	Cap. de livro	O imaginário sobre o golpe de 2016: silenciamentos e contradições	Helson da Silva Sobrinho	Ed. da UFPE - Recife, PE
	Cap. de livro	O jogo entre os interlocutores no gênero entrevista: análise das imagens acerca do Papa Francisco	Fabiele De Nardi	Pontes Editores - Campinas, SP
2019	Art. em periódico	Fake News: discrepância de sentidos e efeitos sobre as resistências	Helson da Silva Sobrinho	Caderno de Letras - UFF
	Org. de livro	Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso	Fabiele De Nardi; Helson da Silva Sobrinho	Pontes Editores - Campinas, SP
	Org. de livro	Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital	Fabiele De Nardi; Helson da Silva Sobrinho	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	Análise do Discurso no Nordeste: filiações teóricas e institucionais	Fabiele De Nardi; Helson da Silva Sobrinho; Pedro Francelino	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	Entre o apagamento e o esquecimento: trajetórias de memória do enunciado "somos todos petroleiros"	Fabiele De Nardi	Pontes Editores - Campinas, SP
2020	Art. em periódico	Imaginário e identificação no discurso sobre Donald Trump: análise do funcionamento de capas das revistas Exame e IstoÉ	Fábio Tfouni	Fórum Linguístico - UFSC

2020	Art. em periódico	Discursos de resistência à intolerância pela censura: o caso da propaganda do Banco do Brasil	Thiago França	Letrônica - PUC, RS
	Art. em periódico	Ideologia, memória, sentido: reflexões acerca do enunciado 'Não pense em crise, trabalhe' e suas (re)atualizações em discursos de resistência	Fabiele De Nardi;	Letras & Letras - UFU
	Art. em periódico	Entrevista com Eni Orlandi	Bethania Mariani	Revista da Abralín
	Org. de livro	Discursos de resistência: literatura, cultura, política	Fabiele De Nardi; Silmara Dela Silva	Pedro & João Editores - São Carlos, SP
	Cap. de livro	O funcionamento discursivo do #EleNão das redes às ruas: entre a memória e a resistência	Fabiana Souza	Pedro & João Editores - São Carlos, SP
2021	Art. em periódico	Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico		Revista Leitura - UFAL
	Org. de livro	Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso no Brasil	Fabiele De Nardi; Helson da Silva Sobrinho	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	O funcionamento discursivo das <i>hashtags</i> : processo de (des)identificação ou aderência?	Fernanda Galli	Pontes Editores - Campinas, SP

2021	Cap. de livro	Sou mulher, ele sim: identificação e lugares de enunciação	Mônica Zoppi-Fontana	Navegando Publicações - Uberlândia, MG
2022	Art. em periódico	Ser nordestino: modos de dizer, modos de significar	Fabiele De Nardi; Fernanda Galli	Revista Interfaces - Unicentro
	Art. em periódico	“Orgulho de ser nordestino”. Uma análise dos modos de dizer o sujeito nordestino e os seus modos de subjetivação	Fabiele De Nardi	Língua e Instrumentos Linguísticos - Unicamp
	Org. de livro	Tensões entre o urbano e o digital: discursos, arte, política(s)	Fabiele De Nardi; Fernanda Galli; Helson Silva Sobrinho	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	Discursividades do/no cenário pandêmico: dizer, não dizer, contradizer no <i>on-line</i>	Fernanda Galli; Thiago Costa Carneiro	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	Por Deus, pela (minha) família, pela moralidade: efeitos da individua(liza)ção do Aparelho Religioso no discurso político	Fabiele De Nardi	Pontes Editores - Campinas, SP
2023	Org. de livro	Diálogos com analistas do discurso: reflexões sobre a relevânciado pensamento de Michel Pêcheux hoje/ <i>Dialogues avec des analystes du discours: réflexions sur lapertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd'hui</i>	Thiago Costa Carneiro	Pontes Editores - Campinas, SP

2023	Org. de livro	Trajeto de sujeitos e sentidos: discurso, história, revolução	Fabiele De Nardi; Fernanda Galli; Helson da Silva Sobrinho	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	A mercantilização de si no <i>Grindr</i> : o efeito metonímico produzido no/sobre o corpo masculino	Thiago Costa Carneiro	Pontes Editores - Campinas, SP
	Cap. de livro	Entre memória e atualidade: a história do SEAD se enlaça com nossas trajetórias	Fabiele De Nardi	Pontes Editores - Campinas, SP
	Art. em periódico	Continuidades e rupturas: uma análise discursiva da figura da princesa no filme Valente	Carlos Eduardo Barbosa	Revista Crítica Cultural - Unisul
	Art. em periódico	Os efeitos do corpus transversal no funcionamento do <i>Grindr</i>	Thiago Costa Carneiro	Traços de Linguagem - Unemat
2024	Cap. de livro	O funcionamento da memória no discurso político atual: os efeitos do autoritarismo na democracia		Edições Makunaina - Rio de Janeiro
2025	Art. em periódico	Da evidência ao absurdo: os efeitos da memória nos sentidos do enunciado "Intervenção Federal"	Thiago Costa Carneiro	Gragoatá - UFF

